



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCÝ RIBEIRO – UENF
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO E
LINGUAGEM – PPGCL**

**DA EVASÃO À PERMANÊNCIA ESTUDANTIL:
virada conceitual crítica em Vincent Tinto de 1973 a 2017**

MARIA LUÍSA TERRA COLA

**CAMPOS DOS GOYTRACAZES – RJ
AGOSTO – 2022**

**DA EVASÃO À PERMANÊNCIA ESTUDANTIL:
virada conceitual crítica em Vincent Tinto de 1973 a 2017**

MARIA LUÍSA TERRA COLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Tavares do Carmo

Coorientadora: Prof.a Dr.a Elane Kreile Manhães

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
AGOSTO – 2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

C683

Cola, Maria Luisa Terra.

Da evasão à permanência estudantil : virada conceitual crítica em Vincent Tinto de 1973 a 2017 / Maria Luisa Terra Cola. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

143 f. : il.

Bibliografia: 141 - 143.

Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2022.

Orientador: Gerson Tavares do Carmo.

1. permanência estudantil. 2. persistência. 3. senso de pertencimento. 4. êxito estudantil.
I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 400


**DA EVASÃO À PERMANÊNCIA ESTUDANTIL:
virada conceitual crítica em Vincent Tinto de 1973 a 2017**

MARIA LUÍSA TERRA COLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Aprovada: ___/___/___.

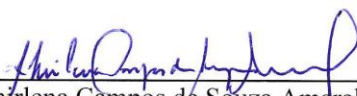
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Abraão Fernandes Ribeiro (Sociologia Política - UENF)
Instituto Federal Fluminense – IFF



Prof. Dr. Sérgio Arruda de Moura (Letras – UFRJ)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF



Prof. Dr.a Shirlena Campos de Souza Amaral (Sociologia e Direito – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF



Prof. Dr.a Elane Kreile Manhães (Cognição e Linguagem – UENF)
Instituto Federal Fluminense – IFF
(Coorientadora)



Prof. Dr. Gerson Tavares do Carmo (Sociologia Política – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF
(Orientador)

Dedico este trabalho aos meus pais, Carlos Eugênio Cola e Sônia Maria Terra Cola, que sempre foram um porto seguro para mim, especialmente minha mãe, que me ensinou tudo o que sei sobre resiliência, fé e amor incondicional; aos meus irmãos, especialmente à minha irmã Maria Carolina, que sempre me apoiou e encorajou quando o desânimo batia ao longo da caminhada e que sempre me inspira a me tornar uma pessoa cada vez melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta longa caminhada, repleta de percalços, a minha alegria e senso de realização profissional e pessoal há que ser compartilhada com amigos queridos que tanto me apoiaram e ajudaram ao longo do percurso. É quase impossível citar nominalmente todas as pessoas que me apoiaram e incentivaram até aqui, porém, tentarei expressar minha gratidão a todos aqueles que tanto me ajudaram para que esta realização fosse possível.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por tudo.

Agradeço à minha mãe, que sempre foi, para mim, um exemplo de fortaleza a ser seguido e uma inspiração. Agradeço por sempre ter estado ao meu lado em todos os dias da minha vida, me apoiando e encorajando, e me ensinando que as dificuldades foram feitas para nos ensinarem o quanto podemos ser fortes diante delas.

Agradeço à minha irmã, que sempre me disse que sou uma inspiração para ela, e que, no entanto, sempre foi, para mim, um exemplo que me inspira a ser uma pessoa melhor.

Agradeço ao meu querido amigo e irmão de coração, Thiago Manhães, por sempre ser tão paciente e solícito comigo, e por sempre estar presente na minha vida, nos bons e nos maus momentos.

Agradeço à minha querida amiga e coorientadora Elane Kreile Manhães por todo o carinhoso suporte e amizade ao longo dos anos e, especialmente, nesta caminhada, clareando os caminhos e acalmando meu coração.

Agradeço às minhas amigas Fabiana Nunes Cabral, Paola Fonseca e Dayana Dias, pela amizade de sempre e pelo apoio incondicional.

Agradeço à minha querida colega Edméa Nogueira, cujo carinho, desprendimento e disponibilidade em ajudar foram fundamentais para que eu pudesse cursar as disciplinas do Mestrado.

Agradeço à minha coordenadora Edma Balbi por sempre ter me apoiado em minhas necessidades no âmbito profissional, especialmente no período em que precisei me afastar das minhas atividades laborais para me dedicar ao Mestrado.

Agradeço à minha querida amiga e colega de mestrado, Vanessa Amorim, pela amizade e pelo apoio em tempos difíceis.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Gerson Tavares do Carmo, por todo o aprendizado proporcionado ao longo desta caminhada.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram da minha caminhada ao longo desses dois anos, me apoiando e incentivando.

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”. (Cora Coralina)

RESUMO

COLA, M. L. T. Da evasão à permanência estudantil: virada conceitual crítica em Vincent Tinto de 1973 a 2017. Campos dos Goytacazes, RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 2022.

Na busca pela desconstrução da falsa noção segundo a qual a permanência e a evasão estudantis são imagens espelhadas uma da outra, o que leva as pesquisas sobre a permanência estudantil enfatizarem o problema ao invés da solução almejada, este trabalho se propôs a abordar aspectos importantes sobre a promoção da permanência e do êxito estudantis a partir da análise de dezenove publicações do autor Vincent Tinto sobre permanência estudantil, entre os anos de 1973 e 2017. O cerne da pesquisa foi o levantamento numérico das ocorrências dos termos permanência, persistência e senso de pertencimento, bem como a análise contextual em que tais termos foram utilizados, visando a uma maior compreensão dos fatores determinantes da permanência e do êxito estudantis. Como metodologia, foi feita a contagem do número de ocorrências por publicação de cada um dos termos e o cruzamento entre os dados obtidos na contagem e as informações obtidas através da análise contextual envolvendo cada termo. Como resultado, foi possível reconhecer a importância de cada um dos três termos analisados, sobretudo a relação indissociável entre eles para que o êxito estudantil seja alcançado. Por fim, foi possível concluir que o envolvimento e o consequente senso de pertencimento dos estudantes são fundamentais para que eles persistam ao longo do tempo e das dificuldades, e permaneçam nas instituições de ensino até que alcancem seus objetivos.

Palavras-chave: permanência estudantil; persistência; senso de pertencimento; êxito estudantil.

ABSTRACT

COLA, M.L.T. From student dropout to student retention: critical conceptual turning point in Vincent Tinto from 1973 to 2017. Campos dos Goytacazes, RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 2022.

In the quest for the deconstruction of the misleading notion according to which student retention and student dropout are mirror images of each Other, which leads studies about student retention focus on the problem instead of the aimed solution, the purpose of this study was to address important aspects of the promotion of student retention and success from the analysis of nineteen publications of author Vincent Tinto about student retention, from 1973 to 2017. The research core was the counting of numerical occurrences of the words retention, persistence and sense of belonging, as well as the analysis of the contexts in which each one was used, with the objective of achieving a higher understanding of the determining factors of student retention and success. The methodology consisted of the quantification of the occurrences of the words retention, persistence and sense of belonging in each publication and the data crossing between the number of occurrences and the information obtained through the contextual analysis of each of the key words of the research. As a result, it was possible to recognize the importance of each of the three words analyzed, especially the inseparable relationship between them, so that student success is achieved. Finally, it was possible to conclude that the student involvement and, consequently, the sense of belonging are vital to their persistence along time and difficulties, as well as to the institutional retention until they achieve their goals.

Key words: student retention; persistence; sense of belonging; student success

Lista de Gráficos

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Número de ocorrências do termo permanência..... | 126 |
| Gráfico 2 - Número de ocorrências do termo persistência. | 128 |
| Gráfico 3 - Número de ocorrências do termo senso de pertencimento. | 130 |
| Gráfico 4 - Número total de ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento. | 132 |

Lista de Quadros

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Título das Publicações de Vicent Tinto, de 1973 a 2017 | 121 |
|---|-----|

Lista de Tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Permanência Estudantil (Student Retention)..... | 38 |
| Tabela 2 - Persistência Estudantil (Student Persistence)..... | 71 |
| Tabela 3 - Senso de Pertencimento (Sense Of Belonging)..... | 103 |

LISTA DE SIGLAS

Nucleape – Núcleo de Acesso e Permanência na Educação

EJA- Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 15 |
| 1 VINCENT TINTO E A QUESTÃO DA FALSA RELAÇÃO DE ESPELHAMENTO ENTRE A EVASÃO E A PERMANÊNCIA ESTUDANTIS | 19 |
| 2 PERMANÊNCIA, PERSISTÊNCIA E SENSO DE PERTENCIMENTO NA OBRA DE VINCENT TINTO: uma análise contextual | 36 |
| 2.1 Contexto da permanência na obra de Vincent Tinto..... | 37 |
| 2.2 Análise contextual referente a Permanência Estudantil (Student Retention) | 38 |
| 2.3 Análise contextual referente a Persistência Estudantil (Student Persistence) | 71 |
| 2.1 Análise contextual referente ao Senso de Pertencimento (Sense of Belonging) | 103 |
| 3 PERMANÊNCIA, PERSISTÊNCIA E SENSO DE PERTENCIMENTO NA OBRA DE VINCENT TINTO: A TRÍADE BASILAR DO ÊXITO ESTUDANTIL | 117 |
| 3.1 Resultados da análise quantitativa das ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento nas publicações de Vincent Tinto | 126 |
| 3.2 Uma visão geral das ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento na obra de Vincent Tinto | 132 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 135 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A necessidade de encarar a permanência estudantil como um complexo processo vivenciado pelos alunos ao longo da carreira estudantil e o desmantelamento da falsa relação entre a permanência e a evasão estudantis são os pontos cruciais desta pesquisa. Esses foram os aspectos motivadores da análise dos contextos em que os termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** foram utilizados em dezenove publicações de Vincent Tinto, entre os anos de 1973 e 2017, em torno da qual a pesquisa se desenvolveu.

Foi no ano de 2016, durante uma reunião do Núcleo de Acesso e Permanência na Educação (doravante Nucleape¹), do qual faço parte como pesquisadora desde o ano de 2018, que o sociólogo Vincent Tinto foi apresentado ao grupo. Com o intuito de buscar justiça social por meio de ações afirmativas na educação superior, a partir do início da década de 1970, Tinto dedicou-se majoritariamente ao estudo de práticas de permanência estudantil nas denominadas *community colleges*, que são instituições de ensino superior cujos cursos têm dois ou quatro anos de duração, onde a maioria dos estudantes é composta por estudantes trabalhadores oriundos de grupos de baixa renda e/ou imigrantes ou refugiados. Muitas das ações afirmativas promovidas pelas *community colleges* são desenvolvidas através de programas de permanência, o que torna a pesquisa em torno das publicações de Vincent Tinto pelo Nucleape uma iniciativa de suma importância para uma virada conceitual crítica em direção à permanência.

É importante ressaltar que optei por não traduzir o termo *community colleges* por não existirem, no Brasil, instituições de ensino que se assemelhem a elas. O ponto de semelhança é, talvez, o fato de essas instituições serem frequentadas por estudantes que vivenciam realidades socioeconômicas difíceis, justamente como ocorre com os alunos brasileiros que, ao ingressarem em uma faculdade ou universidade, acabam por desistir dos estudos em função de desafios parecidos com os que levam os estudantes das *community colleges* estadunidenses a se desmobilizarem nos estudos, quais sejam dificuldades financeiras e/ou a dificuldade acadêmica, principalmente.

A partir da “descoberta” desse autor inteiramente comprometido com a permanência estudantil, no período compreendido entre maio de 2016 e novembro de 2017, membros do Nucleape reuniram-se para debater e pesquisar assuntos relacionados à permanência e ao êxito na educação. Entre outras tarefas, durante esse período, diferentes membros do Nucleape

¹ O espelho do grupo se encontra no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, no endereço eletrônico <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/92716>.

ficaram responsáveis pela tradução e apresentação, nas reuniões, de dezenove textos de Vincent Tinto, publicados entre os anos de 1982 e 2017. Posteriormente, entre março e julho de 2019, tais traduções foram revisadas e os textos voltaram a ser pauta das reuniões do Nucleape.

A permanência estudantil, enquanto processo, envolve não somente as vivências do estudante na instituição de ensino, mas também a superação de desafios e dificuldades acadêmicas que, se superados de forma bem-sucedida, acabam por conduzir ao êxito nos estudos e, conseqüentemente, à permanência na escola. Dessa forma, não parece razoável equiparar a permanência estudantil à evasão no que tange às naturezas de cada uma delas pois, se a primeira é um caminho a ser percorrido pelo estudante em direção à conclusão de cada etapa dos seus estudos, podendo levar, inclusive, a esferas mais elevadas da educação, a segunda é um fato consumado e imutável.

Em função da afirmação de Carmo (2018, p. 106) segundo a qual “falar da evasão ao invés da permanência ‘consiste em explicar o mundo por meio do que não se encontra nele’”, esta pesquisa tem por objetivo lançar luz às questões que permeiam a permanência estudantil a partir da análise das publicações, ao longo de cinco décadas, do autor Vincent Tinto, professor emérito da Universidade de Syracuse, Nova Iorque, EUA, que dedicou anos de pesquisa em torno dos fatores que motivam os alunos a persistirem em seus objetivos educacionais e permanecerem nas instituições de ensino, assim como em torno das ações institucionais que podem ser desenvolvidas de modo a garantirem um ambiente social e academicamente amigável para que seus alunos se sintam pertencentes e motivados a persistir e, naturalmente, permanecer.

Partindo, então, da desconstrução da suposta relação antagônica entre a permanência e o abandono estudantis, foi fundamental tomar conhecimento dos processos que acabam por conduzir o estudante ao êxito nos estudos e, por conseqüência, à permanência. A investigação se deu, então, por meio da análise dos contextos em que os três termos-chave, permanência, persistência e senso de pertencimento, ocorreram nas publicações de Tinto ao longo de cinco décadas. Os três termos em questão compõem, por assim dizer, um tripé sobre o qual o êxito estudantil se apoia, motivando e conduzindo o aluno ao alcance dos seus objetivos educacionais na instituição de ensino.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi o descortinar dos processos vivenciados pelos estudantes, que acabam por conduzi-los ao êxito e à permanência. Ao analisar as dezenove publicações em busca dos contextos e significados relacionados aos três termos que compuseram o eixo da pesquisa, foi possível notar a evolução das pesquisas de Tinto e o desvio do foco do autor das questões concernentes ao abandono estudantil para uma nova direção- a da permanência e do êxito estudantis. Por meio desse “desvio de rota”, o autor buscou

questionar a crença segundo a qual permanência e evasão estudantis são as duas faces de uma mesma moeda, não essa que não poderia ser mais enganosa, uma vez que

Analisar as questões educacionais sob o viés da permanência significa considerá-las em primeiro plano, prioritárias, ao passo que, sob o viés da evasão, o objetivo principal, que é a permanência escolar, torna-se secundário e, assim, a permanência perde a sua imprescindibilidade. (CARMO, 2019, p. 103).

Ao considerar a permanência estudantil como um processo que é fruto das interações do estudante com a instituição de ensino, Tinto estabelece que é necessário que existam condições mínimas para que os alunos permaneçam, e essas condições devem ser providas justamente pelas instituições de ensino. Dessa maneira, Tinto estabeleceu cinco condições básicas para a permanência estudantil, quais sejam o apoio, o *feedback*, as expectativas, o envolvimento e a aprendizagem. Ao considerar essas condições básicas, Tinto enfatizou as questões educacionais como o cerne da promoção da permanência e do êxito estudantis.

A visão de Vincent Tinto sobre a permanência estudantil, que foi construída em torno das condições que traduzem aspectos essenciais da educação de qualidade serviu, para a minha pesquisa, como “bússola” para a análise dos contextos nos quais os termos permanência, persistência e senso de pertencimento foram empregados nas publicações do autor. Tendo sempre em mente a centralidade das práticas pedagógicas eficazes e do apoio social e acadêmico ao aluno, foi mais fácil compreender os contextos em que os termos-chave foram utilizados, sempre atrelados às relações entre aluno e instituição de ensino e à provisão de apoio e acolhimento social e intelectual aos estudantes.

A escolha dos termos-chave permanência, persistência e senso de pertencimento se deveu justamente ao meu entendimento da permanência estudantil como um processo, e não como um fato consumado, pois persistir e sentir-se pertencente são processos vivenciados pelos alunos e, à medida em que eles se sentem pertencentes, mais motivados estão a persistir e permanecer ao longo do tempo e das dificuldades. A causa da motivação, do senso de pertencimento e da persistência está, indubitavelmente, relacionada às ações institucionais para garantir envolvimento acadêmico e social dos seus estudantes, principalmente através de práticas envolventes e eficazes no ambiente da sala de aula, uma vez que esse, muitas vezes, é o único lugar em que os alunos têm oportunidade de interação com os colegas e professores. Para além da sala de aula, Tinto também destaca a importância das interações entre os estudantes e outros membros da comunidade acadêmica para a construção do senso de pertencimento.

A escolha da pesquisa baseada na análise dos contextos em que os três termos-chave foram utilizados nas publicações de Tinto foi feita com o intuito de melhor acompanhar a evolução das pesquisas do autor, mostrando mais claramente a sua virada conceitual, ao se desviar do abandono estudantil e voltar-se para a permanência.

Assim, o primeiro capítulo foi destinado ao esclarecimento, baseado nas pesquisas de Vincent Tinto, das enganosas relações que acabam sendo estabelecidas entre a permanência estudantil e a evasão, e que criam a falsa noção de que uma é a imagem espelhada da outra. Além disso, o referido capítulo destina-se a enfatizar a necessidade de se tratar a permanência estudantil como sendo a consequência da missão educacional bem compreendida por parte das instituições de ensino.

No Capítulo II, consta a primeira etapa desta pesquisa, que foi a contagem das ocorrências dos três termos nas publicações de Tinto entre os anos de 1973 e 2017, juntamente com a análise do contexto em que cada um dos termos foi usado, em cada uma das publicações analisadas. Os resultados das contagens dos termos foram, então, discriminados por meio de tabelas em que constam o número de ocorrências, por publicação, de cada um dos termos analisados, bem como os títulos de cada uma das publicações.

A segunda etapa da pesquisa, descrita no terceiro capítulo, foi o cruzamento dos dados obtidos pela contagem das incidências dos termos e da análise de contexto referente a cada um deles com os resultados quantitativos das incidências de cada termo por década e também com o resultado quantitativo do total de incidências dos termos nas publicações analisadas.

O último capítulo foi destinado às impressões e conclusões oriundas da análise desenvolvida, que corroboram a necessidade de se desvincular os estudos sobre a permanência estudantil da ênfase na evasão, uma vez que não há sentido em se buscarem soluções a partir da insistente ênfase no problema.

Diante de todo o exposto até aqui, a presente pesquisa tem, como objetivo principal, o intuito de reforçar os estudos sobre a permanência estudantil pelo viés da busca por soluções eficazes para a sua promoção, principalmente em termos educacionais, e justifica-se pela necessidade de se repensarem as práticas pedagógicas, tornando-as mais inclusivas e envolventes, de modo a garantir que a permanência estudantil passe a ser uma consequência natural da educação sadia e, de fato, para todos, e não um mero objetivo a ser perseguido pelas instituições de ensino.

1 VINCENT TINTO E A QUESTÃO DA FALSA RELAÇÃO DE ESPELHAMENTO ENTRE A EVASÃO E A PERMANÊNCIA ESTUDANTIS

Sair não é a imagem espelhada de ficar. Saber por que os alunos saem não nos diz, pelo menos não diretamente, por que os estudantes persistem. Saber por que o aluno sai não diz às instituições, pelo menos não diretamente, o que elas podem fazer para ajudar os alunos a ficarem e terem sucesso. No mundo da ação, o que importa não são nossas teorias em si, mas como essas teorias ajudam as instituições a implementarem questões práticas de persistência (TINTO, 2006, p. 6) [tradução livre].

A partir da afirmação de Tinto, segundo a qual “sair não é a imagem espelhada de ficar”, uma questão de suma importância se impõe: falar na evasão estudantil não significa automaticamente falar em permanência. Parece haver uma espécie de discurso instituído a esse respeito, que coloca o problema em destaque, em detrimento da solução. Entretanto, o foco insistente no problema-evasão não nos aponta, necessariamente, o caminho da solução-permanência. Obviamente, dados acerca da evasão estudantil precisam ser levantados, porém, muito mais do que o levantamento de informações referentes aos fatores que levam à desmobilização do aluno, é imprescindível que o foco das atenções e, principalmente, das ações das instituições de ensino, esteja direcionado para meios de se promover o êxito estudantil e, conseqüentemente, a permanência. Assim, de acordo com Tinto (2006), o que importa é que as instituições de ensino tomem ações mais assertivas no que concerne ao desenvolvimento do senso de pertencimento dos estudantes, de modo que eles não apenas sintam-se pertencentes ao ambiente acadêmico/escolar, mas também cresçam intelectualmente a partir de uma participação ativa no processo de aprendizagem e de um maior envolvimento com seus pares, com o corpo docente e com os outros membros da comunidade acadêmica/escolar.

Em suas incursões iniciais em direção à permanência estudantil, Vincent Tinto iniciou suas pesquisas a partir da observação dos comportamentos que os estudantes apresentavam no processo de desmobilização nos estudos, identificando, dessa maneira, modelos de abandono estudantil. Assim, uma série de questionamentos sobre o papel das próprias instituições de ensino na redução das taxas de evasão começou a surgir, fazendo com que, cada vez mais, a responsabilidade sobre a evasão fosse retirada dos ombros dos alunos e redirecionada às instituições de ensino. Dessa forma, teve início uma busca por respostas acerca das possíveis ações institucionais para que se possa alcançar não somente a redução da evasão, mas principalmente o sucesso estudantil.

Enquanto renomado teórico no campo do ensino superior, mais particularmente no tocante à permanência estudantil nas denominadas comunidades de aprendizagem, Tinto debruçou-se, inicialmente, sobre as questões em torno do abandono estudantil, analisando os

fatores determinantes da desmobilização do aluno. A partir da identificação dos modelos de abandono estudantil, ele buscou tentar compreender a complexidade desse processo de desmobilização e identificar meios de trazer para o reino da ação os recursos institucionais para aumentar a retenção dos alunos, no sentido de evitar a evasão. Já no início da década de 1980, em seu artigo intitulado “Limites da teoria e prática na evasão do aluno”, Tinto reconhece que os modelos teóricos sobre a evasão estudantil existentes até aquele momento não davam conta de identificar a variada gama de comportamentos, por parte dos alunos, que levariam à desmobilização no ensino superior, mais especificamente nas comunidades de aprendizagem:

Nós permanecemos na faixa intermediária, onde nossos modelos teóricos servem para identificar apenas uma parte de uma ampla gama de comportamentos que constituem o universo das interações sociais. Este é o caso se nos referimos a comportamentos de desmobilização no ensino superior ou a outras esferas (campos) de comportamento social dentro ou fora das escolas. (TINTO, 1982, p. 688) [tradução livre].

Ao reconhecer as deficiências dos modelos existentes até então, Tinto também reconhece falhas em seu próprio modelo de abandono, que concentrava a atenção no impacto formal ou informal que as instituições tinham sobre os comportamentos de abandono dos seus estudantes, sem levar tanto em consideração alguns fatores externos, como por exemplo, a questão financeira. Entretanto seu modelo buscou respostas quanto à responsabilidade, ao menos parcial, das instituições sobre o abandono estudantil. Mesmo reconhecendo tais falhas nos modelos de desmobilização até então existentes, inclusive o seu próprio, Tinto considerou que esses modelos poderiam ser aprimorados para dar respostas a outros questionamentos. Dessa maneira, Tinto abordou não somente o papel das finanças na desmobilização estudantil, mas também a transferência entre instituições como forma de abandono, por exemplo, além de chamar a atenção para o caráter longitudinal do abandono, levando em consideração em que grau os diferentes tipos de comportamentos de desmobilização poderiam variar ao longo do tempo.

Apesar de reconhecer a importância dos estudos sobre o abandono estudantil, principalmente em seu caráter longitudinal, Tinto alerta para a questão de se lidar com o problema da evasão na prática:

Por mais refinados que nos tornemos no estudo da desmobilização do estudante do ensino superior, a questão permanece sobre o que deveríamos razoavelmente esperar da nossa capacidade de reduzir o abandono na prática, tanto a nível nacional, quanto a níveis institucionais. (TINTO, 1982, p. 693) [tradução livre].

A partir desse reconhecimento da necessidade de se converter em ações efetivas as descobertas feitas por meio das pesquisas sobre as causas do abandono estudantil, Tinto já dava indícios de que, mais do que se debruçar sobre as questões de evasão, o importante seria combatê-la na prática. Isso já seria um embrião da noção de que as questões sobre o abandono estudantil e o seu combate na prática não poderiam simplesmente se traduzir em um mero espelhamento entre o abandono e a retenção dos alunos nas instituições de ensino.

Talvez um dos primeiros indícios, em suas publicações, da suspeita da falsa relação de espelhamento entre a evasão e a permanência seja o fato de Tinto (1987, n.p), em seu artigo “Os princípios da permanência eficaz”, apontar a necessidade de programas de permanência eficazes, que estariam voltados para o “desenvolvimento de comunidades mais comprometidas com a educação do que com a permanência”, o que significa dizer que a permanência deve ser, acima de tudo, EFICAZ, a ponto acessar as dificuldades acadêmicas dos estudantes, ou seja: apenas combater a saída do aluno não seria o suficiente, especialmente levando em consideração os aspectos longitudinais do abandono estudantil. Assim, se compreendida da forma correta, a permanência estudantil deve ser encarada como uma consequência natural de uma educação eficaz, comprometida com o êxito dos estudantes, ou seja, com seu desenvolvimento intelectual e social dentro da instituição de ensino. Ora, se a permanência estudantil é a consequência natural de uma educação de qualidade, então o que as instituições de ensino devem buscar é, sobretudo, envolver o aluno num ambiente intelectualmente estimulante e socialmente acolhedor, ao qual ele se sinta pertencente. Dessa maneira, voltando as atenções para o bem-estar do aluno e para uma educação de qualidade, as instituições de ensino estarão automaticamente promovendo uma permanência verdadeiramente eficaz.

Partindo para os princípios de uma permanência eficaz, uma das maiores preocupações que deveria ser o foco das instituições de ensino é a adaptação do estudante à vida acadêmica, com ênfase na natureza comunitária da vida na faculdade e em estratégias de planejamento de envolvimento. Assim, Tinto já acenava para a permanência como sendo muito mais do que um simples “não sair”. Em outras palavras, permanecer não significa apenas ficar na instituição, mas persistir ao longo do tempo e das dificuldades em direção à realização nos estudos, pois o objeto da permanência deve ser a educação do estudante, visando sempre ao seu desenvolvimento intelectual e social.

No início de seus estudos em torno dos comportamentos de desistência estudantil e na tentativa de mapear o domínio da persistência e da retirada dos estudantes das instituições de ensino superior, apesar das falhas dos modelos de abandono existentes até então quanto à variedade de comportamentos de abandono, Tinto não se sentiu desencorajado em buscar

evidências que sugerissem que certas iniciativas políticas em nível nacional e também ações institucionais de apoio aos estudantes poderiam ser realizadas. Ao contrário, as falhas e dificuldades para acessar o abandono de alguma forma o impulsionaram na busca de alternativas institucionais para a mitigação do problema dos índices de evasão, tanto através de uma análise longitudinal de comportamentos estudantis, como também por meio de um apoio institucional intensivo ao aluno, especialmente no primeiro ano, que ele veio a denominar como “primeiro ano crítico”.

Apesar da percepção de que não há como definir formas prevalentes de comportamentos de desistência e nem tipos prevalentes de abandono que possam de fato rotular a evasão estudantil, Tinto (1987) conclui ser possível identificar muitas causas importantes que levam o aluno a abandonar a instituição de ensino superior. A identificação desses fatores realmente é de suma importância, porém não no sentido de caracterizar o abandono estudantil *per se*, mas com o intuito de mapear os pontos em que as instituições de ensino podem se aprimorar no sentido de dar apoio ao estudante, seja esse apoio acadêmico ou social. Assim, identificar os fatores desencadeadores do abandono estudantil para que providências institucionais possam ser tomadas de modo a atender às necessidades de seus alunos é o mesmo que pensar em caminhos que levem à persistência e ao êxito dos estudantes.

No que concerne ao papel das instituições de ensino, cabe dizer que é imprescindível que elas compreendam sua missão educacional da forma correta. Isso significa que mais importante do que preocuparem-se com as taxas de abandono é buscarem desenvolver programas de permanência eficazes e estarem comprometidas com todos os seus membros: estudantes, corpo docente e funcionários. Conseqüentemente, os programas de permanência eficazes devem basear-se nessa “engrenagem”, uma vez que, entre os fatores determinantes do abandono estudantil está a questão da adaptação do aluno à vida acadêmica e social da instituição de ensino. Entende-se, então, o processo de permanência como um processo de persistência atrelada a um processo de integração acadêmica e social, o que gera um sentimento de pertença, estreitando os laços entre aluno instituição e criando encorajamento para seguir adiante nos estudos. Promover a integração acadêmica do aluno significa preocupar-se com seu crescimento intelectual e social, ou seja, significa comprometer-se com a sua educação, ocupar-se dela e oferecer a ele uma educação significativa em todos os aspectos, inclusive o social. Isso exige clareza acerca da missão institucional e também um alinhamento entre as expectativas dos alunos e as da instituição, sempre tendo como foco o bem-estar estudantil, no sentido de atender aos seus interesses e anseios. Assim, o maior comprometimento das instituições de ensino deve ser com o acolhimento dos seus estudantes, tanto no que se refere às atividades

educacionais, quanto no que diz respeito aos envolvimento sociais dentro do ambiente acadêmico. Sobre o papel das instituições de ensino,

a participação constitui tema de estudantes, professores, administradores, supervisores, orientadores e funcionários. Aos administradores educacionais, cabe especialmente o desafio não pequeno de descobrir e delinear formatos organizacionais que, adequados a contextos específicos, assegurem a educação participativa voltada para a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, não apenas em termos econômicos, mas em termos de distribuição do poder (MOTTA, 2003, p.5).

A missão institucional em prol da promoção da permanência estudantil está atrelada à educação bem-sucedida e sadia, que acaba encorajando a persistência por parte do estudante e, conseqüentemente, a sua permanência tal como ela deve ser compreendida, ou seja, como a escolha de ficar na instituição de ensino com o objetivo de alcançar êxito e realização nos estudos. Assim, não se pode conceber as questões acerca da permanência estudantil sem observar o papel fundamental do ensino e da aprendizagem nesse processo. A permanência estudantil deve estar fundamentada na aprendizagem significativa, que agrega conhecimento e valores, que promove o desenvolvimento intelectual e, por que não dizer, social ao aluno. Como já dito anteriormente, é imprescindível pensar na “engrenagem” estudante-corpo docente-funcionários, especialmente quando se trata da missão da instituição de ensino para com o estudante. Todas as peças dessa engrenagem devem interagir de forma a garantir o bem-estar do estudante, seu senso de pertencimento e sua vontade de persistir. Assim, se a instituição de ensino é composta por essa tríade basilar, a missão institucional deve ser também a missão de cada um dos elementos dessa tríade, todos desempenhando suas funções e trabalhando em conjunto, todos entrelaçados em busca do objetivo maior da persistência estudantil. Sendo assim, mais um indício do falso espelhamento entre a evasão e a permanência torna-se bastante perceptível: se o ato de abandonar os estudos diz respeito apenas ao aluno, a sua persistência nos estudos e a sua conseqüente permanência dizem respeito às suas interações com seus pares, com o corpo docente e os demais membros da comunidade acadêmica, tornando-se, assim, o fruto dos esforços institucionais em prol do bem-estar estudantil e das relações saudáveis que se estabelecem dentro do ambiente acadêmico/escolar.

A partir de uma pesquisa conduzida pelo Centro Nacional de Ensino, Aprendizagem e Avaliação Superior, instituição financiada pelo Departamento Estadunidense do Escritório de Educação de Pesquisa e Melhoria Educacionais, Tinto observou o resultado de experiências acadêmicas e sociais de estudantes universitários iniciantes em três diferentes programas de aprendizagem colaborativa, chegando a algumas conclusões bastante pertinentes acerca desse tipo de abordagem. Como na aprendizagem colaborativa os estudantes trabalham de forma

integrada entre si e também com o corpo docente, participando do processo de forma ativa e sendo os construtores do seu próprio aprendizado, isso trouxe para eles um maior envolvimento no processo de aprendizagem e também um maior envolvimento social, permitindo o estabelecimento de laços com seus pares e também com os professores. Essa experiência de aprendizagem colaborativa apontou para a importância do envolvimento para a realização estudantil, pois os alunos descobriram que poderiam suprir tanto suas necessidades sociais quanto acadêmicas nesse tipo de interação. Trata-se então, acima de tudo, de uma forma de proporcionar ao estudante uma aprendizagem significativa e sadia, em que ele também é construtor do seu aprendizado e do seu desenvolvimento intelectual. Esse tipo de envolvimento ativo nos processos de aprendizagem ajuda a construir, nos alunos, um senso de realização e um despertar do desejo de aprenderem mais e mais. Assim, Tinto (1994, p. 23) concebeu os programas de aprendizagem colaborativa como uma forma de promover o envolvimento nas comunidades de aprendizagem, onde ele não é facilmente alcançado pelos estudantes, pois “para eles, ir para a faculdade é apenas uma das inúmeras tarefas a serem concluídas no decorrer do dia. Ainda assim, mesmo nesse cenário, a aprendizagem colaborativa ‘funciona’.” Ao identificar o papel crucial da aprendizagem colaborativa no envolvimento do estudante, Tinto retoma as questões práticas acerca da permanência estudantil por meio da ênfase na missão educacional das instituições de ensino, no sentido de criar um ambiente educacional sadio para os estudantes:

Em vez de se concentrar apenas nos comportamentos e obrigações dos estudantes, nós deveríamos considerar mais cuidadosamente o caráter de nossas próprias obrigações para construir os tipos de ambientes educacionais nos quais os estudantes – todos os estudantes, e não apenas alguns- vão querer se envolver (TINTO, 1994, p. 24) [tradução livre].

Fica evidente, então, que, quando as instituições de ensino partem para a ação, visando à mudança dos ambientes nos quais os estudantes são requisitados a aprenderem, a persistência nos estudos e o êxito dos alunos passam a ser resultados possíveis. A realização do estudante está intimamente ligada ao seu maior envolvimento nos processos de aprendizagem e no seu desenvolvimento intelectual, o que naturalmente eleva o seu senso de autoeficácia e o estimula a persistir nos desafios que vão surgindo ao longo do tempo. Assim, não há como dissociar a aprendizagem eficaz e sadia do processo de persistência do aluno e, conseqüentemente, do processo de permanência.

Como é possível observar a partir dos resultados das pesquisas sobre as quais Vincent Tinto se debruçou e a partir de suas próprias conclusões a respeito delas, gradualmente o foco

das atenções em suas publicações começou a ser a tomada de ação por parte das instituições de ensino, no sentido de promover o sucesso estudantil oriundo de mudanças na forma de ensinar e de aprender, especialmente levando em consideração a centralidade da sala de aula e, principalmente, a aprendizagem colaborativa. Concentrar esforços em ações efetivas para promover o êxito estudantil e o estímulo à persistência dos alunos nos estudos parece ser muito mais eficaz do que apenas analisar dados sobre taxas de evasão. Entretanto, isso não significa que seja inútil acessar dados sobre os processos que desencadeiam a desmobilização dos alunos, porém, esse levantamento de dados sobre a evasão só é eficaz quando feito de modo a mapear os pontos fracos, ou pontos de alerta, nos quais as instituições de ensino devem se concentrar para que uma espécie de “profilaxia da evasão” possa ser feita. Isso não significa, de modo algum, dar ênfase à evasão estudantil, mas estudar e aplicar, na prática, todos os recursos dos quais as instituições podem lançar mão para aumentar o envolvimento dos alunos e estimular sua persistência.

Assim, naturalmente, algum tipo de atenção deve, sim, ser dada à análise de dados sobre a evasão estudantil para que as instituições de ensino tenham condições de anteciparem-se à possível desmobilização dos estudantes e tentar evitá-lo. Seria bastante difícil tomar providências práticas no sentido de promover a persistência estudantil sem acessar minimamente as causas do abandono, porém, isso somente se torna eficaz na medida em que sejam realizados esforços pela promoção do bem-estar e do sucesso estudantis. Mapear os processos cruciais pelos quais os estudantes passam em sua adaptação às demandas acadêmicas, as suas principais dificuldades, os seus maiores desafios e seus pontos de conflito com as propostas educacionais da instituição de ensino, tudo isso é o ponto de partida para a tomada de iniciativa institucional através de estratégias que promovam uma maior integração do estudante com o ambiente acadêmico.

Afirma Carmo (2014, p. 2) que “há que se reconhecer a necessidade do diálogo entre evasão e permanência, trazendo à tona uma abordagem que coloque um discurso instituinte sobre a permanência escolar ‘em tensão com um discurso estabelecido [instituído] sobre evasão escolar’”, e essa afirmação corrobora a ideia de que é de suma importância uma quebra de paradigma quando se trata da forma como o discurso da evasão vem se estabelecendo, ao longo dos anos, nas pesquisas em educação, em detrimento da permanência estudantil. Esse discurso, um tanto enraizado, sobre a evasão estudantil fica bastante evidente ao se constatar a diferença abissal entre o número de publicações acerca da permanência e o das que abordam a permanência estudantil. Sobre tal discrepância quantitativa, importa não apenas que o tema da permanência seja abordado mais amplamente, mas principalmente que seja tratado de forma a

aprofundar os estudos sobre práticas institucionais que incentivem a persistência dos estudantes, tais como as experiências inovadoras em sala de aula. A esse respeito, importa também que os resultados desses estudos possam ser, cada vez mais, disseminados por meio de publicações sobre a permanência e sobre o sucesso obtido pelos estudantes. Dessa forma, não se pode negar que a educação bem-sucedida, baseada na aprendizagem significativa, é a chave para a persistência estudantil, na medida em que ela amplia o significado de “ficar” na instituição de ensino, dando a exata dimensão do quanto a permanência estudantil não é um mero espelhamento do abandono, mas muito mais do que isso: a permanência é um processo de persistir como resultado do envolvimento nos processos de aprendizagem e nos processos de socialização dentro e fora da sala de aula.

Não há como se pensar em ambientes educacionais envolventes sem que se leve em consideração uma participação mais ativa dos estudantes, como no caso das comunidades de aprendizagem, em especial na sala de aula. Considerar a sala de aula como um ambiente de construção coletiva, no qual o conhecimento é partilhado entre os alunos e seus pares e entre os alunos e o corpo docente é reconhecer a centralidade da sala de aula nos processos que encorajam o estudante e os incitam a persistir. Trata-se, então, de pensar a permanência estudantil pelo viés educacional, que é o mais importante, uma vez que a educação bem-sucedida através do aprendizado significativo e do envolvimento acadêmico dos alunos irá levá-los ao senso de pertença e de autoeficácia nos estudos, ou seja, à realização nos estudos. Assim, as experiências de aprendizagem colaborativa nas comunidades de aprendizagem na sala de aula não somente ajudam no desenvolvimento de relações interpessoais, mas principalmente permitem que os estudantes ganhem voz ativa na construção do conhecimento. É importante ressaltar também que, enquanto parte da metodologia, a abordagem multidisciplinar como prática nas comunidades de aprendizagem desempenha um papel fundamental, pois fornece um modelo de aprendizagem que incentiva os alunos a expressarem a diversidade de suas experiências e compartilharem suas vivências e visões de mundo. Em outras palavras, a partir da abordagem multidisciplinar, as experiências de vida dos estudantes são compartilhadas e tornam-se parte do conteúdo das aulas.

Apesar de todas as evidências sobre o papel central das experiências vivenciadas pelos alunos na sala de aula em termos de integração acadêmica, Tinto (1997, p. 599) afirma ser surpreendente que a sala de aula não tenha desempenhado um papel mais central nas teorias atuais sobre a persistência estudantil, uma vez que “pouco tem sido feito para explorar *como* a experiência de sala de aula importa, como ela vem, ao longo do tempo, moldar a persistência do estudante.” O fato de a centralidade da sala de aula nos processos que levam à persistência

dos estudantes não ser devidamente abordada nas teorias sobre a permanência estudantil acaba corroborando a falsa noção de que persistir nada mais é do que não abandonar a instituição de ensino. Na verdade, o processo de persistência do aluno é, principalmente, fruto das suas experiências em sala de aula, em especial daquelas que o levaram a uma aprendizagem significativa, na qual ele é protagonista no processo de aprender. Isso significa dizer que o êxito estudantil, alcançado através da aprendizagem sadia e bem-sucedida, e que o senso de realização nos estudos são peças fundamentais nas “engrenagens” da permanência eficaz. Quanto mais visibilidade for dada aos processos educacionais de adaptação, desenvolvimento de habilidades intelectuais e de superação de desafios acadêmicos, maior será o desvio da ideia errônea de que persistir e, conseqüentemente, permanecer significa apenas “não sair”. Assim, a permanência estudantil fica cada vez mais atrelada aos processos vivenciados pelos estudantes em sua busca pela realização acadêmica, e esses processos estão condicionados ao seu envolvimento ativo no processo de aprendizagem, na comunidade acadêmica e também em suas interações com colegas de classe, professores e principalmente com o currículo. Obviamente, quanto maior o envolvimento do aluno na vida acadêmica, maiores serão as chances de ele vir a persistir em seus esforços para a aquisição do conhecimento e de vir a permanecer. Quanto mais envolvido o estudante está nos desafios acadêmicos, mais estímulos e razões ele encontra para persistir, e esse envolvimento gera um comprometimento semelhante a um investimento. Tanto o envolvimento acadêmico quanto o envolvimento social conduzem a uma melhoria da qualidade do esforço do aluno. De acordo com Tinto,

Os estudantes colocam mais esforço naquela forma de atividade educacional que os capacita a transpor a divisão acadêmico-social, de modo que eles possam aprender e fazer amigos ao mesmo tempo. Esse esforço leva a uma aprendizagem melhorada, de forma que aumenta também a persistência (TINTO, 1997, p. 615) [tradução livre].

Assim, o engajamento do aluno a partir de uma aprendizagem bem-sucedida, na qual o currículo é trabalhado de forma significativa e envolvente, especialmente quando se trata da aprendizagem colaborativa, promovendo a interação dos estudantes com seus pares e com seus professores, gera persistência. Dessa forma, um maior envolvimento melhora a aprendizagem, e a aprendizagem eficaz leva à persistência estudantil, embora Tinto (1997) reconheça que nem todos os envoltimentos conduzem à aprendizagem da mesma forma, pois muito depende do quanto o envolvimento dos alunos é uma parte significativa das experiências em sala de aula. Todas essas descobertas em torno da centralidade das experiências de aprendizado, especialmente aquelas que se desenvolvem na sala de aula, apontam para a educação de qualidade e a aprendizagem significativa como sendo fundamentais para a permanência do

estudante. As experiências educacionais do estudante são determinantes em sua decisão de persistirem nos seus esforços para alcançarem seus objetivos, principalmente na medida em que se observa a ligação entre o envolvimento em sala de aula, a aprendizagem bem-sucedida e a permanência. No entanto, as ligações entre o envolvimento e a aprendizagem e entre a aprendizagem e a persistência não se dão de forma simples ou linear, uma vez que, segundo Tinto, “embora a aprendizagem seja, em geral, positivamente associada à persistência, nem sempre ela garante a persistência. Da mesma forma, nem sempre o fracasso estudantil garante a saída do aluno, pois há outros fatores influenciadores na decisão entre abandonar ou persistir nos estudos como, por exemplo, o isolamento social dentro da instituição de ensino. Em outras palavras, embora o envolvimento ativo na aprendizagem seja um fator importantíssimo para a persistência do estudante, o seu envolvimento com os outros membros da comunidade acadêmica, seja dentro da sala de aula ou fora dela, é também fundamental, sendo, inclusive, um preditor de ganho na aprendizagem. Em outras palavras, a integração do estudante com o currículo, por meio das experiências de sala de aula, principalmente a aprendizagem compartilhada, e a integração com os demais membros da comunidade acadêmica/ escolar parecem ser a força motriz que leva à persistência e à decisão de prosseguir com os estudos até a sua completude. Trata-se, então, de uma série de envolvimento que acabam por enriquecer não somente a aprendizagem dos estudantes, mas também todas as outras vivências dentro da instituição de ensino:

Quanto mais os alunos estão envolvidos, acadêmica e socialmente, em experiências de aprendizagem compartilhada que os conectam, como aprendizes, com seus pares, mais provavelmente eles se envolverão nas suas próprias aprendizagens e investirão tempo e energia necessários para aprender (TINTO, 1997, p. 615) [tradução livre].

Dessa forma, quanto mais considerarmos a importância, para a promoção da permanência estudantil, da integração do aluno dentro da instituição de ensino, seja nos processos de aprendizagem ativa, ou nas relações sociais estabelecidas no decorrer das suas vivências, mais distantes estaremos da ideia de espelhamento entre evasão e permanência. Esse distanciamento natural se justifica pelo fato de que são muitos os processos existentes por trás da permanência bem-sucedida. Muitos são os processos vivenciados e muitos também são os envolvimento necessários para que o estudante possa se sentir pertencente à instituição de ensino. Sentir que a faculdade ou a escola é, sim, o seu lugar requer do aluno muito mais do que apenas “ficar”. A permanência, então, se estabelece na medida em que o aluno se sente capaz de aprender e de se desenvolver social e intelectualmente, encarando a faculdade ou a

escola como seu lugar de pertencimento. Isso significa muito mais do que apenas continuar na instituição de ensino e, de forma alguma, se configura como o oposto de “sair”.

Ao considerarmos a interação dinâmica entre o envolvimento do aluno, a aprendizagem e a persistência, teremos que considerar também de que forma os envolvimento social e acadêmico irão moldar a aprendizagem e a persistência, e também o quanto a influência desses envolvimento irá variar ao longo da carreira do estudante nas instituições de ensino. A esse respeito, em especial com relação a alunos de primeiro ano de uma grande universidade, Tinto (1997) afirma que a atenção do novo aluno é focada na necessidade de fazer conexões sociais com seus pares, no entanto, à medida que os alunos progredem no primeiro ano e em direção à sua graduação, suas preocupações parecem voltar-se para as questões acadêmicas. Parece haver, então, uma preocupação inicial, por parte do aluno, com a integração social no sentido de ele buscar uma espécie de rede de apoio mútuo entre seus pares e outros membros da comunidade acadêmica, para que então ele possa se sentir seguro nos aspectos acadêmicos.

A questão da importância do envolvimento social do estudante como sendo possivelmente anterior, de certa forma, ao envolvimento acadêmico não se aplica somente aos alunos adultos de uma universidade, mas também a qualquer aluno, de qualquer idade e em qualquer nível de escolaridade. Essa necessidade de buscar algum tipo de segurança, nesse caso, através do envolvimento social, é inerente a qualquer ser humano em fase de adaptação, e os estudantes, sejam eles crianças e adolescentes inseridos na educação básica ou adultos em uma faculdade, estão em constante processo de enfrentamento de experiências novas e desconhecidas, desde a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio até o ingresso em uma universidade e durante o seu percurso até a graduação. Os desafios irão se impor sob várias formas, principalmente no que se refere à aprendizagem, pois sempre haverá novos conhecimentos a serem assimilados. Assim, mais uma vez, a importância do envolvimento na comunidade da sala de aula assume um papel crucial no desenvolvimento intelectual e social do estudante, o que nos leva a crer que a aprendizagem colaborativa, na qual tanto o aspecto intelectual quanto o social são trabalhados simultaneamente, deveria ser explorada com mais afinco pelas instituições de ensino, com o intuito de melhorar a qualidade da vida acadêmica do estudante, tratando-se, assim, da boa qualidade dos ambientes de aprendizagem. No caso das comunidades de aprendizagem, essa integração social é imprescindível, pois são instituições nas quais o corpo discente é composto majoritariamente por alunos oriundos de classes sociais desfavorecidas, ou por imigrantes e refugiados, que acabam por se unir em grupos sociais para liderem melhor com os desafios de ingressarem em uma faculdade. Fica claro, então, que a vida acadêmica e a vida social estão interligadas e que relações sociais

importantes emergem de atividades acadêmicas que ocorrem dentro da sala de aula, que é uma esfera acadêmica mais limitada. Sobre o envolvimento acadêmico do estudante, Astin (1984) ressalta que, quanto mais tempo o aluno dedica às atividades na faculdade, tanto dentro quanto fora da sala de aula, maior será o valor da aprendizagem e também o seu desenvolvimento pessoal. Essa afirmação corrobora a importância, apontada por Tinto, do envolvimento do estudante para o processo de persistir e permanecer na instituição de ensino.

Por todo o exposto até aqui acerca da importância dos tipos de envolvimento vivenciados pelos estudantes, parece ser evidente que o maior investimento que as instituições de ensino podem fazer em termos de aumentar as taxas de permanência estudantil é realmente estabelecer condições educacionais que promovam a permanência de todos os seus alunos, não apenas de alguns. Isso significa dizer que os esforços institucionais devem se concentrar nas condições educacionais nas quais elas inserem seus estudantes, muito mais do que nos atributos dos alunos. Significa dizer que elas devem cercar seus estudantes num ambiente educacional onde eles se sintam envolvidos e estimulados social e intelectualmente, e isso vai desde mudanças e adaptações de suas instalações, como salas de aula e laboratórios, até as ações mais importantes, que dizem respeito às metodologias e à qualidade do ensino ofertado aos alunos. A promoção de um ambiente educacional envolvente e estimulante para os estudantes nada mais é do que o suporte institucional ideal, que se traduz em cinco condições, que Vincent Tinto destacou como sendo fundamentais para a permanência estudantil: expectativas, apoio, *feedback*, envolvimento e aprendizagem. Essas cinco condições foram identificadas por Tinto como sendo os fatores que mais influenciam os estudantes em suas escolhas e em sua decisão de persistir nos estudos e de permanecer na instituição de ensino.

Ao estabelecer as cinco condições fundamentais para a promoção da permanência estudantil, Tinto reforça a afirmação segundo a qual “sair não é a imagem espelhada de ficar”, e enfatiza com mais e maiores argumentos que os esforços institucionais em prol da promoção da permanência estudantil devem se concentrar em ações que melhorem a qualidade da experiência dos estudantes dentro da instituição de ensino, especialmente no aspecto educacional. Cada uma das cinco condições determinantes da permanência está fundamentada na tomada de ação institucional no que se refere à promoção do bem-estar dos seus estudantes e, em especial, na oferta de uma educação de qualidade. Todas elas giram em torno das ações que estreitam os laços dos alunos com a comunidade acadêmica e das questões que envolvem seu progresso intelectual, fazendo com que os objetivos institucionais e os objetivos dos estudantes se harmonizem. Essa aproximação entre a instituição de ensino e seus estudantes deve ter um objetivo bem maior do que apenas garantir que eles saiam, qual seja o ensino de

qualidade e a priorização das necessidades do aluno. Quando o foco da ação institucional é o estudante e não o combate à sua saída, os resultados do esforço pela sua permanência parecem ser mais promissores, uma vez que se estabelece um esforço conjunto da comunidade acadêmica/escolar com os alunos, gerando uma troca de experiências e informações valiosas que podem ajudar a instituição a desenvolver estratégias, inclusive a médio e longo prazos, para se anteciparem à possível desmobilização dos estudantes. Isso significa que, ao se empenharem pela garantia das cinco condições fundamentais para a permanência, as instituições estarão automaticamente pensando a permanência estudantil em seu caráter longitudinal, ou seja, ao longo de toda a vida acadêmica dos seus estudantes.

A primeira condição fundamental, estabelecida por Tinto, para a permanência são as expectativas, ou seja, regras bem definidas e claras, estabelecidas pela instituição, acerca das expectativas em relação ao que seus alunos devem alcançar. Quando os estudantes têm clareza do que se espera deles e do que é necessário para que eles concluam seus estudos com êxito, maiores são as chances de que eles evoluam e conquistem seus objetivos pessoais. Ao estabelecerem regras claras sobre o que esperam dos estudantes, as instituições de ensino fornecem a eles uma espécie de “mapa”, que servirá para norteá-los em seu percurso rumo às suas metas educacionais. Quando a instituição desafia seus alunos, no sentido de estimulá-los a se desafiarem também, por meio de atividades intelectuais e práticas estimulantes, eles tendem a desenvolver seu senso de autoeficácia e sentem-se impelidos a continuar:

Ninguém evolui tendo expectativas baixas ou sem clareza. Infelizmente, é muito comum que as instituições esperem muito pouco de seus alunos, ou criem atividades de sala de aula que exigem poucos esforços deles. Ao mesmo tempo, os alunos saem-se melhor dentro de contextos em que as expectativas são claras e consistentes (TINTO, 1999, p. 2) [tradução livre].

Ao deixarem claras as suas expectativas educacionais para os estudantes, as instituições de ensino dão a eles, de alguma forma, um mínimo de segurança em relação ao que está por vir em sua jornada até a conclusão dos seus estudos.

A segunda condição para a permanência apontada por Tinto é o apoio e, a esse respeito, existem dois tipos distintos de apoio: o apoio acadêmico e o apoio institucional, ambos de suma importância para a garantia do sucesso estudantil. Muitas vezes os estudantes, em seus processos de adaptação a novas situações, como o ingresso no primeiro ano de uma faculdade ou a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, por exemplo, encontram-se insuficientemente preparados para tal mudança. No caso do ingresso em uma faculdade, é comum que os alunos se sintam bastante despreparados para os rigores de uma instituição de

ensino superior, e assim torna-se necessário um apoio sob a forma de grupos de estudo e de programas de suporte acadêmico, na tentativa de suprir as carências educacionais dos estudantes, como forma de garantir sua permanência. No caso da transição para o Ensino Médio, o mesmo tipo de situação ocorre, uma vez que os estudantes também apresentam dificuldades advindas de uma educação deficitária no Ensino Fundamental. Em ambos os casos, e quando quer que um estudante enfrente alguma transição educacional importante, o apoio educacional suplementar por parte da instituição de ensino é essencial para ajudá-lo no enfrentamento de suas dificuldades de adaptação e de aprendizado.

Não menos importante é o apoio social dentro da instituição de ensino, por meio de mentorias e centros de aconselhamento, nos quais os estudantes podem encontrar um “porto seguro” para que não se sintam isolados na comunidade acadêmica/ escolar. No caso das comunidades de aprendizagem, em função da presença de variados grupos de minorias étnicas nessas instituições de ensino, esse apoio parece especialmente necessário. Em todos os casos, o apoio social ao aluno que esteja enfrentando quaisquer dificuldades de adaptação é fundamental para que ele se sinta pertencente ao ambiente educacional, garantindo o sentimento de pertença e a persistência nos estudos.

Em terceiro lugar, o *feedback*, ou seja, o retorno constante dado pelos pelo corpo docente, pelos funcionários da instituição de ensino e pelos próprios estudantes acerca do seu desempenho e aprendizado, é de extrema importância, pois ele fornece às instituições de ensino informações importantes acerca de qual tipo de assistência os alunos necessitam. Através de técnicas de avaliação em sala de aula, como formulários de avaliação a serem respondidos pelos alunos, especialmente quando usados com frequência, é possível fornecer tanto aos alunos quanto ao corpo docente informações sobre o que está ou não sendo aprendido em sala de aula. A partir desse tipo de avaliação os professores podem ajustar suas técnicas em sala de aula para melhorar a aprendizagem e os estudantes podem ter noção do seu progresso nos estudos. O *feedback* precoce e frequente acerca do desempenho dos alunos pode ser usado inclusive como uma forma de antecipar a necessidade de apoio aos alunos, em especial no primeiro ano de faculdade. Em suma, o *feedback* constante pode antecipar as dificuldades que os estudantes poderão enfrentar mais adiante, possibilitando a provisão do apoio devido nos casos dos alunos com dificuldade acadêmica, possibilitando que eles persistam nos estudos.

Em quarto lugar, o envolvimento, ou integração acadêmica e social, é uma condição de permanência estudantil que leva ao comprometimento e à persistência nos estudos, pois quanto mais os alunos estão acadêmica e socialmente envolvidos, maiores são as chances de eles irem

adiante e concluírem seus estudos. Em outras palavras, quanto mais os estudantes se comprometem com seus pares, seus professores e outros membros da instituição de ensino, mais propensos eles estarão a persistir nos estudos e se formarem, o que significa que o envolvimento importa muito nos processos de permanência do aluno.

Finalmente, o aprendizado é uma importante condição para a permanência. Quanto maior o envolvimento do aluno em seu aprendizado, ou seja, quanto mais o estudante participar de forma ativa no processo de aprendizagem, maior será o seu comprometimento e maior também será o seu desenvolvimento intelectual. Em função da importância da qualidade do aprendizado, a construção de comunidades de aprendizagem é uma iniciativa necessária, principalmente no que se refere ao envolvimento e à construção do senso de pertença do estudante. A experiência de uma aprendizagem compartilhada, que promove o protagonismo do estudante certamente aumenta e muito o seu comprometimento com a instituição de ensino, incitando a persistência nos estudos e a subsequente permanência. A esse respeito, é inevitável falar das comunidades de aprendizagem, que representam abordagens curriculares (ou metodologias), que trabalham temas interdisciplinares em grupos de estudantes durante um determinado período, reestruturando a vida estudantil em termos de tempo e espaço, e promovendo uma maior e mais frutífera interação dos alunos com seus pares, seus os professores e, principalmente, com o currículo, além de um aprendizado mais aprofundado.

Apesar de terem sido descritas por Tinto em uma determinada “ordem”, não há como dizer qual das cinco condições para a permanência estudantil é a mais importante, uma vez que todas elas se entrelaçam, criando uma conexão difícil de ser separada. Tinto resume a importância das cinco condições de permanência ao afirmar que

os alunos estão mais suscetíveis a persistirem quando eles se encontram em ambientes que estão comprometidos com seu sucesso, que têm altas expectativas em relação ao seu aprendizado, que fornecem o necessário apoio acadêmico e social, além de *feedback* constante sobre o seu desempenho, e que ativamente os envolvem com outros estudantes e com o corpo docente no processo de aprendizado. O conceito-chave é o da comunidade educacional e o da capacidade que as instituições têm de estabelecerem comunidades educacionais que ativamente envolvam os estudantes com outros membros da instituição (TINTO, 1999, p. 4) [tradução livre].

Mais uma vez, aqui, é importante lembrar que, embora Tinto tenha definido as cinco condições fundamentais para a permanência estudantil ao se debruçar sobre pesquisas acerca de alunos de faculdades, especialmente aqueles que cursavam o primeiro ano, suas percepções sobre essas condições de permanência são válidas em relação a quaisquer estudantes, independentemente de idade ou nível de escolaridade, desde que haja a necessidade de ajudá-los a enfrentar desafios e dificuldades em seu percurso educacional. Dessa maneira, a

observância das cinco condições para a permanência estudantil através de ações institucionais efetivas acaba sendo o caminho mais eficaz para evitar a desmobilização dos estudantes e promover a permanência estudantil da forma correta, ou seja, a partir da oferta de uma educação de qualidade em um ambiente educacional que acolha os alunos. Em suma, todas as ações institucionais que promovam as cinco condições da permanência estudantil nada mais são do que um reflexo da missão educacional bem compreendida e levada a sério. Entretanto, é importante ressaltar que as ações institucionais que giram em torno dessas cinco condições estabelecidas por Tinto não são, de forma alguma, uma “fórmula milagrosa” para a promoção da permanência, mas sim uma forma de evitar a desmobilização estudantil provocado principalmente pela falta de senso de pertença e pela dificuldade acadêmica que eles venham a enfrentar. Não há uma fórmula que garanta a permanência estudantil, mas há meios de se tentar promovê-la através do comprometimento da instituição de ensino com os seus estudantes e, principalmente, com a oferta de uma educação de qualidade.

Quando compreendida com a consequência natural de uma educação de qualidade e das experiências estudantis vivenciadas de forma ativa e em um ambiente que estimule o desenvolvimento dos estudantes, a permanência se distancia mais e mais da falsa noção de que a relaciona à retenção dos alunos e à diminuição das taxas de evasão. A permanência estudantil é diretamente proporcional ao envolvimento sob a forma de aprendizado bem-sucedido e senso de pertencimento à instituição de ensino. Em outras palavras, permanecer significa, para o estudante, sentir que a escola ou universidade é, sim, o seu lugar, e que ele é capaz de desenvolver-se intelectualmente e alcançar seus objetivos nos estudos, quais sejam o de persistir adiante e o de graduar-se. A promoção de uma educação de qualidade e de um ambiente intelectualmente estimulante e encorajador para os alunos são razões para que eles escolham persistir nos estudos e não abandonem a instituição de ensino – os alunos escolhem a permanência. Por outro lado, no processo de evasão, parece não haver escolha: a desmobilização estudantil dá-se por meio de fatores que oprimem os alunos, não lhes deixando outra opção a não ser abandonar os estudos.

Entender a promoção da permanência estudantil como fruto da missão educacional bem-sucedida e bem compreendida pelas instituições de ensino é o primeiro passo para desvincular os estudos sobre a permanência das pesquisas sobre a evasão estudantil. Aprofundar-se na promoção da permanência estudantil requer a ênfase em uma educação de qualidade, que seja acessível para todos os estudantes, baseada nas cinco condições de permanência apontadas por Tinto e que possa sempre ser melhorada e adaptada às demandas dos alunos longitudinalmente, ou seja, ao longo do seu percurso estudantil. Assim, a promoção da permanência eficaz nada

tem a ver com uma “fórmula milagrosa” que sempre funcione, mas sim com a busca de melhorias que garantam o sucesso do aluno ao longo do tempo na instituição de ensino, de forma que as práticas institucionais, principalmente no que concerne ao ensino de qualidade, possam ajudá-lo em seus processos de adaptação e de superação de suas dificuldades acadêmicas até que ele alcance os objetivos a que se propôs. A permanência estudantil enquanto consequência direta de uma educação que de fato atenda às necessidades dos alunos e que os torne protagonistas de seu aprendizado e de seu desenvolvimento intelectual jamais poderia ser compreendida simplesmente como o oposto de não evadir. Sendo assim, quando os objetivos da instituição de ensino e os objetivos dos estudantes estão em consonância, há maiores chances de que a permanência seja a consequência natural dessa via de mão dupla: à instituição de ensino importa, ou deveria importar, que seus alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, que os motive a persistir; aos alunos importa que suas necessidades intelectuais e sociais sejam atendidas, de modo que eles alcancem o êxito nos estudos. Em suma, a permanência estudantil é o fruto da soma dos esforços institucionais com os esforços dos estudantes, com o objetivo de que a missão educacional de fato seja cumprida eficazmente. Assim, o êxito dos estudantes é também o êxito da instituição de ensino, e a permanência é a consequência natural nesse processo.

Se é possível conceber alguma relação de espelhamento em relação à permanência estudantil, essa relação espelhada se dá entre permanência e a educação de qualidade e eficaz para todos os alunos dentro de uma instituição de ensino.

O próximo capítulo será dedicado a uma análise dos contextos em que os termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** (ou **de pertença**), recorrentes na obra de Vincent Tinto, foram utilizados. Essa análise será feita por meio de um levantamento da recorrência desses termos em dezenove publicações de Tinto ao longo de cinco décadas, desde os anos de 1970 até o final da segunda década dos anos 2000, com o intuito de compreender em que sentido tais termos foram usados, buscando identificar um diferencial em suas publicações, especialmente na forma como os processos em torno da permanência estudantil são abordados em seus trabalhos. A recorrência dessas palavras-chave nos estudos acerca da permanência estudantil, bem como a análise do contexto referente a elas podem fornecer pistas preciosas do caminho percorrido por Vincent Tinto, da evasão estudantil em direção à permanência.

2 PERMANÊNCIA, PERSISTÊNCIA E SENSO DE PERTENCIMENTO NA OBRA DE VINCENT TINTO: uma análise contextual

Uma vez esclarecidas as questões principais que buscam nos desviar da falsa noção de espelhamento entre evasão e permanência estudantis, este capítulo será dedicado a uma análise longitudinal e contextual de três termos cruciais na obra de Vincent Tinto - PERMANÊNCIA, PERSISTÊNCIA e SENSO DE PERTENCIMENTO (ou de pertença) - ao longo de cinco décadas. Esses três termos, por serem recorrentes nas publicações de Tinto, são de suma importância para uma análise mais minuciosa do caminho percorrido pelo autor desde o início de suas incursões, que partiram de uma busca por modelos de abandono estudantil, até o entendimento de que a permanência estudantil está intimamente ligada a processos que envolvem não somente o estudante e sua decisão de deixar ou de permanecer na instituição de ensino, mas principalmente às interações do aluno dentro da instituição, mormente aquelas que envolvem a sala de aula, provenientes de uma educação de qualidade. Em outras palavras, será feita uma análise dos contextos em que os termos em questão foram utilizados por Tinto ao longo dos anos em suas publicações sobre a permanência estudantil.

A análise contextual envolvendo os termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertença** foi feita a partir da contagem de ocorrências de cada um deles em dezenove artigos de Vincent Tinto, publicados no período compreendido entre os anos de 1973 e 2017. Além da contagem das ocorrências por décadas, uma análise foi feita com o intuito de identificar os sentidos expressos por tais termos nos contextos em que foram empregados. Tal análise torna-se relevante na medida em que, ao longo do tempo, os contextos em que essas palavras foram empregadas ora modificaram-se de alguma forma, ora corroboraram ideias expressas em publicações de anos anteriores. Ao longo dos anos em que suas pesquisas acerca da permanência estudantil foram conduzidas, Tinto foi, aos poucos, apurando suas percepções sobre os fatores determinantes da desmobilização estudantil e também da tomada de decisão, por parte dos estudantes, de permanecerem na instituição de ensino. Como o foco do autor foi gradativamente desviado em direção à permanência, as ocorrências desses três termos acompanharam esse movimento em direção aos estudos e questionamentos acerca das ações institucionais que podem contribuir para a promoção da permanência e do êxito estudantis. Assim, os termos em questão foram empregados em conformidade com os contextos abordados por Tinto, quais sejam aqueles que apontam para o papel decisivo das instituições de ensino na melhoria da qualidade da vida dos alunos em sua carreira estudantil, principalmente no que concerne à oferta de uma educação de qualidade. Consequentemente, a **permanência**, a

persistência e o **senso de pertença** apresentam-se, na obra de Vincent Tinto, como termos-chave para a identificação e compreensão dos processos que determinam a decisão dos alunos pela continuidade aos estudos, apesar dos desafios com os quais eles tenham que lidar ao longo da vida estudantil.

A incidência dos três termos em análise, bem como a análise contextual envolvendo cada um deles foi feita separadamente, por década, através da observação das suas ocorrências nas publicações de Tinto ao longo de quase 50 anos. Dessa forma, é possível acompanhar mais detalhadamente as mudanças de contexto em que foram empregadas.

O levantamento do número de ocorrências dos termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertença**, que foi feita com o recurso do buscador de palavras em arquivos em PDF, será apresentado em tabelas, e a análise contextual no qual estão inseridos tais termos na obra de Tinto será feita discriminadamente, como já mencionado, por décadas. Nas tabelas, constam os termos em pauta e os títulos das publicações analisadas, tanto em português, quanto em inglês, uma vez que, para evitar possíveis erros de tradução e consequentes perdas do sentido original, a pesquisa foi feita diretamente nas publicações originais, em inglês. Essa informação é importante, uma vez que, muitas vezes, as traduções não são fiéis ao sentido original, podendo, muito comumente, ser feitas “ao pé da letra”, e induzindo a erros de interpretação. Um exemplo disso pode ser notado no caso da palavra *retention*, que poderia ser confundida com “retenção”, no sentido em que é corriqueiramente empregado no Brasil, quando se trata de “reter”, ou impedir que um aluno passe para uma outra série na escola. No caso das publicações de Vincent Tinto e de outras publicações sobre permanência estudantil em língua inglesa, o termo *student retention* na verdade significa “permanência estudantil”.

2.1 Contexto da permanência na obra de Vincent Tinto

Antes da apresentação dos dados da pesquisa, cabe fazer uma ressalva importante: a pesquisa em torno dos termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertença** foi feita a partir de trabalhos acadêmicos que analisam as questões sobre permanência estudantil no ambiente da faculdade, mais especificamente das denominadas *community colleges*, que são instituições de ensino superior estadunidenses diferem muito das faculdades e universidades no Brasil e também nos Estados Unidos, pois são faculdades que recebem, majoritariamente, estudantes oriundos de classes sociais desfavorecidas, trabalhadores, imigrantes (muitas vezes refugiados), que têm um contexto de vida bastante diferente daqueles que os alunos de classes mais favorecidas e que podem dedicar-se integralmente aos estudos possuem. As *community colleges*

podem se apresentar como instituições de ensino que oferecem cursos com duração de dois ou quatro anos. Como não existe correspondência, no contexto da educação brasileira para essas instituições de ensino, o termo *community college*. Essa particularidade da obra de Vincent Tinto é justamente o que a leva a ser difundida em vários países, como material de estudos na busca de práticas pedagógicas eficazes, não somente no ensino superior mais em todas as instâncias da educação, principalmente em países onde a população de baixa renda, apesar de ser composta por nativos e não imigrantes, é majoritária, como no caso do Brasil. Trata-se de analisar questões pertinentes a estudantes e instituições de ensino, ensino e aprendizagem de qualidade, anseios e motivações de alunos. Não importa qual seja a esfera educacional, importa abordar as relações entre os estudantes e as instituições de ensino e, mormente, alguns aspectos importantes sobre a oferta de uma educação de qualidade. A questão central, assim, gira em torno da obtenção de êxito nos estudos, por parte dos alunos, e do cumprimento da missão educacional com seriedade, por parte das instituições de ensino.

A seguir, são apresentadas as tabelas referentes a cada um dos termos estudados, bem como as análises dos contextos referentes a eles nas publicações em cada década.

2.2 Análise do contexto referente à Permanência Estudantil (Student Retention)

Tabela 1 - Permanência Estudantil (Student Retention)

| ANO DE PUBLICAÇÃO | TÍTULO | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS |
|-------------------|---|-----------------------|
| 1973 | “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente” / <i>Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recente research</i> | 6 |
| 1982 | “Limites na teoria e prática no abandono estudantil” / <i>Limits of theory and practice in student attrition</i> | 4 |
| 1987 | “Os princípios da permanência eficaz” / <i>The principles of effective retention</i> | 90 |
| 1988 | “Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante” / <i>Stages of student departure reflection: reflections on the longitudinal character of student leaving</i> | 12 |
| 1994 | “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / <i>Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college</i> | 1 |
| 1997 | “Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / | 2 |

| | | |
|------|--|-----|
| | <i>Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence</i> | |
| 1999 | “Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / <i>Taking student retention seriously: rethinking the first year of college</i> | 30 |
| 2000 | “Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos” / <i>Learning better together: the impact of learning communities on student success</i> | 0 |
| 2001 | “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” / <i>The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement</i> | 1 |
| | “Repensando o primeiro ano de faculdade” / <i>Rethinking the first year of college</i> | 22 |
| 2002 | “Melhorando a persistência estudantil: conectando os pontos” / <i>Enhancing student persistence: connecting the dots</i> | 1 |
| 2003 | “Promovendo a permanência estudantil através das práticas em sala de aula” / <i>Promoting student retention through classroom practice</i> | 27 |
| | “Sucesso estudantil e construção de comunidades educacionais envolventes” / <i>Student success and the building of involving educational communities</i> | 48 |
| 2006 | “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / <i>The assessment of student retention programs</i> | 31 |
| | “Pesquisa e prática da permanência estudantil: o que vem depois?” / <i>Research and practice of student retention: what next?</i> | 113 |
| 2008 | “Quando o acesso não é o suficiente” / <i>When access is not enough</i> | 1 |
| 2012 | “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” / <i>Enhancing student success: taking the classroom success seriously</i> | 0 |
| 2015 | “Através dos olhos dos estudantes” / <i>Through the eyes of students</i> | 15 |
| 2017 | “Reflexões sobre a persistência estudantil” / <i>Reflections on student persistence</i> | 18 |

Fonte: dados da pesquisa.

- DÉCADA DE 1970:

- **1973- *Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recent research***
 (“Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”)

No artigo publicado em 1973, o termo **permanência** foi mencionado 06 (seis) vezes ao todo. Nele, Vincent Tinto inicialmente trata da comparação entre as taxas de evasão de instituições de ensino superior (*community colleges*) de dois anos e as de quatro anos. Nesse estudo comparativo, Tinto levanta dados em torno do fato de as *community colleges* de dois anos serem instituições de ensino superior onde alunos de classes menos favorecidas (classe média baixa e classe baixa) são prevalentes em comparação com as faculdades de quatro anos. Segundo Tinto, alguns autores alegam que as faculdades de dois anos podem funcionar no sentido de privar pessoas de classes sociais menos favorecidas de seguirem para faculdades regulares e, dessa forma, reforçam a desigualdade de oportunidades dentro do sistema educacional. As faculdades de dois anos tendem a apresentar uma taxa de permanência menor em relação às faculdades de quatro anos.

Na publicação em questão, Tinto discorre sobre a permanência relacionada à taxa de graduação (formatura), que está diretamente relacionada à qualidade da instituição de ensino, concluindo que:

- Instituições de ensino de muito baixa qualidade e as de qualidade muito alta tendem a apresentar taxas de permanência maiores do que as instituições de qualidade mediana.;
- Alunos de maior status social apresentaram taxas menores de graduação nas instituições de média e baixa qualidade, ao passo que apresentaram taxas de graduação mais alta em instituições com qualidade mais alta;
- Alunos de classes menos favorecidas apresentaram maiores taxas de graduação em instituições de baixa qualidade, e menor taxa de graduação em instituições de alta qualidade;
- Alunos de status social mais alto tendem a se graduar em quaisquer tipos de instituição de ensino superior;

Embora o autor não tenha mencionado de forma enfática nessa publicação, é interessante ressaltar que, muitas vezes, os alunos ingressam em uma *community college* de dois anos como sendo uma espécie de “trampolim”, para futuramente pedirem transferência para uma faculdade de quatro anos. Ou seja, eles ingressam em uma instituição para a qual o

ingresso é mais fácil para, posteriormente, ingressarem em uma na qual seria mais difícil ingressarem de outra forma.

Dessa maneira, no início da década de 1970, Vincent Tinto relaciona diretamente o termo **permanência estudantil**, às taxas de permanência de instituições de ensino superior de dois e de quatro anos, relacionando tais taxas ao *status* social dos alunos e ao quanto esse *status* influencia os estudantes dentro de instituições de ensino de diferentes níveis de qualidade, e vice-versa. Em outras palavras, inicialmente, o termo permanência é utilizado dentro de um contexto em que o foco são as taxas de permanência estudantil condicionadas tanto ao *status* social dos alunos, quanto aos impactos que instituições de ensino de qualidades mais alta ou mais baixa têm sobre esses estudantes oriundos de classes sociais diferentes. Apesar de Tinto já fazer menção ao impacto da qualidade das instituições de ensino nas decisões dos estudantes acerca da continuidade ou não nos estudos até sua graduação, ele não utiliza o termo permanência de forma mais profunda, associando-o aos processos que os alunos vivenciam dentro das instituições de ensino, que são determinantes na escolha de permanecer ou de interromper os estudos.

Além do contexto acima descrito, em que foi mencionado duas vezes, o termo **permanência estudantil** foi mencionado outras quatro vezes nas referências bibliográficas.

- DÉCADA DE 1980

Na década de 1980 há três publicações importantes de Vincent Tinto em que ele aborda a evasão estudantil e as teorias sobre ela, assim como também trata da permanência eficaz do aluno na instituição de ensino. No caso da abordagem do abandono estudantil, o foco, nessas publicações, é o estudo dos processos e estágios de desmobilização do aluno, com o intuito de identificar as possíveis ações institucionais que podem vir a antecipar problemas e promover, principalmente por meio de práticas educacionais bem-sucedidas, a permanência estudantil de forma eficaz.

As três publicações a serem analisadas separadamente são: *Limits of theory and practice in student attrition* (“Limites na teoria e prática na evasão do aluno”), *The principles of effective retention* (“Os princípios da permanência eficaz”) e “Estágios da evasão do estudante: *Stages of student departure reflection: reflections on the longitudinal character of student leaving* (“Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante”), respectivamente. O foco da análise, neste momento, será em torno do contexto que envolve o termo **permanência**, em cada uma das três publicações em questão.

- 1982- *Limits of theory and practice in student attrition* (“Limites na teoria e prática no abandono estudantil”).

Nessa publicação, o termo **permanência** teve 04 (quatro) ocorrências, sendo mencionado 03 (três) vezes em “considerações finais” e 01 (uma) vez nas referências bibliográficas.

O artigo discorre sobre estudos e teorias desenvolvidas na tentativa de se tentar explicar os mecanismos que levam à desmobilização estudantil, bem como os limites dessa tentativa de desvendar o processo pelo qual os alunos passam, que pode desmotivá-los ou fazê-los dar continuidade aos estudos. Assim, através do estudo dos modelos de desmobilização existentes até aquele momento, a busca era por políticas educacionais nacionais e institucionais que pudessem reduzir a desmobilização estudantil. Além de enfatizar os aspectos que determinam a desmobilização do estudante, o artigo também aborda essa questão a nível institucional.

Dessa forma, Tinto menciona o termo **permanência** pelo viés institucional (*institutional retention*), de modo a ressaltar que os programas de permanência deveriam ser desenvolvidos e implementados de forma longitudinal, ou seja, ao longo de toda a carreira do estudante na faculdade, até a conclusão dos estudos e obtenção do diploma. Apesar de se referir ao primeiro ano de faculdade como “primeiro ano crítico”, o autor chama atenção para a necessidade de um trabalho contínuo em prol da permanência estudantil.

Assim, os programas de permanência estudantil desenvolvidos pelas instituições de ensino deveriam preocupar-se, primordialmente, com a qualidade do ensino e com as relações estabelecidas pelos alunos com seus pares e, principalmente, com o corpo docente, criando laços importantes para o envolvimento do estudante com a instituição de ensino a longo prazo. Somente assim, de acordo com Tinto, os programas de permanência estudantil de âmbito institucional seriam de fato bem-sucedidos. Em outras palavras, muito mais do que preocuparem-se meramente com a diminuição das taxas de evasão estudantil, as instituições deveriam renovar-se e melhorar a qualidade do ambiente acadêmico.

O termo permanência, dentro do sintagma nominal “programas de permanência bem-sucedidos” ganha um peso maior por estar associado à ideia de “sucesso”, ou de eficácia, o que ressalta o fato de que tanto a evasão quanto a persistência do estudante na instituição de ensino são reflexos dos méritos e das falhas do sistema educacional. Dessa maneira, segundo Tinto (1982), os programas de permanência eficazes poderiam ser “oportunidades para uma autorrenovação institucional, um resultado que, a longo prazo, pode ser mais benéfico para a instituição do que a simples redução das taxas de evasão.”

-1987- *The principles of effective retention* (Os princípios da permanência eficaz)

Na publicação em análise, o termo **permanência** teve 90 (noventa) ocorrências, todas elas relacionadas às ações que as instituições de ensino podem tomar no sentido de melhorar a qualidade da permanência dos seus estudantes por meio da sua integração à comunidade acadêmica e de uma educação sadia, em vez de simplesmente preocuparem-se com a permanência estudantil *per se*.

O artigo lança luz no conceito de “permanência eficaz”, mais especificamente nos programas de permanência desenvolvidos pelas instituições de ensino, ou seja, nos tipos de ações que as faculdades podem tomar para que mais de seus estudantes permaneçam e concluam seus estudos até a graduação.

O contexto em que o termo **permanência** foi empregado na publicação em questão está relacionado aos esforços que as instituições de ensino devem fazer para a promoção não somente da permanência, mas principalmente do êxito dos seus estudantes. Ao longo de todo o artigo, o termo esteve presente em sintagmas nominais junto a substantivos e adjetivos, tais como “esforços”, “eficaz/ eficazes” e “bem-sucedidos”, bastante frequentes sempre que o autor enfatiza o que cabe às instituições quando se trata da questão da permanência estudantil. Assim, expressões como “esforços pela permanência” (*retention efforts*), “programas de permanência bem-sucedidos” (*successful retention programs*) e “permanência eficaz” (*effective retention*) repetem-se no texto, reforçando o caráter complexo das questões que envolvem a permanência estudantil e o papel das instituições de ensino nesse processo. Para que tal análise pudesse ser feita, Tinto também ressalta, no texto, a necessidade de lidar com a complexidade da questão do abandono estudantil, bem como a importância de um “acompanhamento da permanência” (*retention assessment*) para que programas eficazes de permanência possam ser desenvolvidos. Mais uma vez, aqui, cabe ressaltar que estudar as causas da desistência estudantil não significa dar ênfase ao abandono, mas sim acessar as origens da desistência do estudante a fim de combatê-la.

Tinto afirma que, embora os programas de permanência eficazes possam ter estruturas variadas, eles compartilham várias similaridades entre si, não somente na forma de conduzirem a tarefa de garantir a permanência de seus estudantes, mas também na forma como elas encaram a finalidade das ações nesse sentido. O autor também afirma não existir um segredo para que os programas de permanência obtenham sucesso, a não ser o conceito da educação sadia.

A partir do momento em que o foco das instituições de ensino deixa de ser a permanência *per se* e se volta para a oferta de uma educação bem-sucedida, a importância do

desenvolvimento, nas palavras do autor, de “comunidades educacionais efetivas” centradas na inclusão de todos os estudantes em sua vida social e intelectual se torna fundamental. O envolvimento dos alunos com seus pares e também com o corpo docente dentro e fora da sala de aula, bem como com outros membros da comunidade acadêmica é de suma importância para evitar que os estudantes se sintam isolados ou deslocados dentro da instituição de ensino.

O reconhecimento da importância da integração dos alunos no ambiente acadêmico nos leva a uma das causas da dificuldade acadêmica vivenciada por muitos estudantes, que pode ser a deixa para que eles desistam dos estudos na instituição. Porém, primeiramente, é preciso entender que os indivíduos ingressam nas instituições de ensino superior com características, históricos de vida e objetivos diferentes. Muitos deles abandonam os estudos e as instituições de ensino porque são forçados a sair em virtude de habilidades acadêmicas insuficientes originadas de uma educação pregressa precária, que os impede de dar conta das exigências institucionais, dos rigores do ensino superior.

De acordo com Tinto, dentro da categoria “dificuldade acadêmica”, que é uma das causas principais da desmobilização estudantil, existem seis causas possíveis para o abandono, quais sejam: adaptação, objetivos, comprometimentos, incerteza, incongruência e isolamento. A seguir, um breve esclarecimento acerca de cada um desses fatores:

- Adaptação

Por falta de uma assistência para lidarem com suas dificuldades de adaptação às demandas de uma faculdade, muitos alunos abandonam os estudos. Trata-se, assim, de uma inabilidade de lidarem com as questões de transição para o ensino superior.

- Objetivos

Nem todos os abandonos se devem a dificuldades de adaptação, mas são também ocasionados pela incompatibilidade entre os objetivos do aluno e os da instituição de ensino. Algumas vezes, os objetivos dos estudantes são mais limitados do que os da instituição e, outras vezes, são mais ambiciosos. Dessa maneira, a desmobilização se dará, muitas vezes, sob a forma de transferência para outra instituição de ensino.

- Incerteza

A falta de clareza de objetivos ao ingressarem na faculdade muitas vezes torna os estudantes desmotivados e os leva ao abandono.

- Incongruência

Resultado direto da qualidade da interação entre o aluno e os outros membros da instituição de ensino, a incongruência ocorre quando o estudante, além de sentir-se deslocado no ambiente acadêmico, sente-se também entediado e desmotivado em função de uma interação precária dentro desse ambiente.

- Isolamento

O isolamento se dá pela ausência de contatos sociais e/ou intelectuais significantes, que gera uma falta de integração do aluno com a instituição.

Sobre a necessidade de as instituições de ensino avaliarem as causas do abandono, Tinto (1987) afirma que: “Apesar do fato de que o abandono em diferentes instituições possa compartilhar uma quantidade de importantes similaridades funcionais, o indivíduo específico e as raízes institucionais do abandono serão necessariamente diferentes” (TINTO, 1987, p. 8). [tradução livre]

Assim, na busca por respostas e soluções acerca da permanência estudantil, o compartilhamento de experiências entre as instituições de ensino em termos de ações efetivas para evitar e/ou combater a desmobilização estudantil em suas variadas formas é muito importante. É também essencial que cada instituição avalie, por conta própria, as características particulares do abandono de seus alunos. Uma análise dos processos particulares de abandono estudantil que ocorrem dentro das especificidades de cada instituição poderia servir para o desenvolvimento de “sistemas de aviso precoces” sobre a evasão. Esses sistemas de aviso serviriam para identificar, precocemente, alunos de “alto risco” e ajudariam as instituições de ensino a tomarem medidas voltadas para atender a esses alunos, no sentido de ajudá-los em suas dificuldades/ necessidades.

Essa avaliação institucional, no sentido mesmo de uma autoavaliação, deveria ser constante, principalmente se pensarmos que o conceito de uma “permanência eficaz” é aquele que leva em consideração o caráter longitudinal da permanência estudantil. Sendo assim, o que

importa é que o estudante permaneça até o alcance dos seus objetivos e, para tanto, os esforços das instituições de ensino devem levar em conta os processos vivenciados pelos estudantes em termos longitudinais, ao longo de toda a carreira do aluno na instituição.

Para que a permanência estudantil seja, de fato, longitudinalmente eficaz, faz-se necessário que o programas de permanência deem ênfase a ações que sirvam para integrar os alunos ao ambiente social e intelectual da vida institucional, bem como às comunidades de pessoas que constituem essa vida. É particularmente importante a ênfase contínua no contato frequente e satisfatório entre os estudantes e o corpo docente para além da sala de aula, não significando, no entanto, que as relações estabelecidas no ambiente da sala de aula e de laboratórios não importem, pois importam e muito.

Em suma, se apenas um fator pudesse ser destacado como o maior promotor da permanência estudantil, esse fator seria o comprometimento da instituição de ensino para com o estudante. Nas palavras de Tinto (1987), “o segredo dos programas de permanência eficazes está no fato observável de que o seu comprometimento com os estudantes vai além da preocupação com a permanência *per se*, em direção à educação do aluno”, o que significa que o objetivo das instituições de ensino deve ser bem maior do que seu interesse de manter suas taxas de permanência elevadas, ou seja, deve ser fundamentado na educação bem-sucedida.

- 1988- *Stages of student departure: reflections on the longitudinal character of student leaving* (“Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante”)

O termo **permanência** tem doze (12) ocorrências ao longo do artigo, em sintagmas como “permanência estudantil”, “pesquisa longitudinal de permanência”, “raízes da permanência”, “programas de permanência”, “questões sobre a permanência estudantil” e “permanência eficaz”, todos relacionados aos aspectos longitudinais de adaptação do estudante à sua nova situação ao ingressar em uma faculdade, principalmente no que diz respeito à sua integração ou não-integração dentro da comunidade acadêmica.

Vincent Tinto aborda, majoritariamente, o caráter longitudinal dos processos de permanência estudantil, enfatizando não apenas a importância dos programas de permanência no primeiro ano crítico do aluno na faculdade, mas também ao longo de toda a sua carreira estudantil na instituição de ensino. Ao dar ênfase a esse caráter longitudinal da persistência do aluno, Tinto chama atenção para o fato de as pesquisas sobre o abandono estudantil de anos anteriores terem, em geral, concentrado o levantamento de dados sobre a permanência entre o

primeiro ano de faculdade e o início do segundo, o que se mostraria problemático, no sentido de não dar conta de outros estágios vivenciados ao longo de sua carreira na faculdade, que também influenciam no processo de desmobilização do estudante.

Assim, o termo **permanência**, na publicação analisada, aparece em sintagmas como “permanência entre o início do primeiro ano e o início do segundo ano”, bem como em “permanência ao longo do primeiro ano” e “permanência ao longo de toda a carreira estudantil (na faculdade)”, reforçando a necessidade de uma análise longitudinal dos fatores que garantem ou que prejudicam a permanência estudantil.

Vincent Tinto reforça a necessidade desse estudo longitudinal da permanência ao usar expressões como “pesquisa longitudinal da permanência” e “raízes da permanência” dentro de um contexto que enfatiza a importância dos estudos longitudinais acerca da permanência, além do efeito dos programas de orientação sobre a permanência estudantil, efeito esse que tende a ser mais forte ao longo do primeiro ano e enfraquece posteriormente.

A partir dessa constatação acerca da relevância dos estudos longitudinais sobre permanência estudantil, Tinto aborda também a necessidade de as ações institucionais para a permanência estudantil estarem cuidadosamente atreladas às situações e necessidades vivenciadas pelos alunos, sujeitas a mudanças, à medida que eles tentam progredir ao longo do caminho que os leva a concluir a faculdade. Em outras palavras, se a permanência estudantil precisa ser estudada em seu caráter longitudinal, é porque as ações institucionais em prol da permanência devem também acompanhar essas modificações, ao longo do tempo, no que diz respeito às necessidades dos alunos.

Entretanto, mesmo ressaltando a importância dos aspectos longitudinais da permanência e das ações institucionais no sentido de garantir que seus estudantes permaneçam até a completude dos seus estudos, ou até que tenham alcançado seus objetivos, Tinto reconhece que “Apesar de as instituições não deverem ignorar as necessidades dos estudantes para além do primeiro ano, é evidente que o primeiro ano, em especial o primeiro semestre, é crítico para a eventual permanência até a graduação” (TINTO, 1988, p.451). [tradução livre]

Quaisquer que sejam as ações institucionais em torno da permanência estudantil, elas devem estar concentradas nos estágios iniciais da carreira do estudante na faculdade, o que não significa que as raízes da evasão não devam ser investigadas e tratadas em diferentes pontos do percurso do aluno até a completude dos estudos.

Em consonância com a abordagem longitudinal da permanência estudantil, Vincent Tinto também trata da questão da adaptação do aluno ao ambiente acadêmico da faculdade. Para tanto, ele se vale do trabalho de Arnold Van Gennep, mais especificamente da sua pesquisa

intitulada “Os Ritos de Passagem”, no qual o autor holandês aborda o movimento dos indivíduos e das sociedades ao longo do tempo, considerando a vida como uma série de transições que levam os indivíduos desde o nascimento até a morte, e da filiação em um grupo para a filiação em outro grupo. Assim, Tinto faz uma espécie de adaptação da teoria de Van Gennep, considerando que, assim como na teoria original, o estudante, ao ingressar na faculdade, também experimenta os estágios de separação, transição e incorporação, que levam o indivíduo de uma participação inicial até uma total filiação à instituição de ensino.

No tocante à permanência, Tinto conclui seu artigo ressaltando que essa análise longitudinal pode ser aplicada não apenas em relação à permanência estudantil, mas também ao processo de desenvolvimento do aluno, pois as questões referentes à comunidade, que são a base para os programas de permanência bem-sucedidos, também fundamentam o desenvolvimento do estudante. Assim, o autor reforça que a permanência eficaz e o envolvimento do estudante na vida social e intelectual da faculdade são, na verdade, a mesma coisa.

- DÉCADA DE 1990

- 1994- “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / *Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college*

Sendo uma publicação em que o termo **permanência** é mencionado 01 (uma) única vez, o artigo relata a experiência de um programa de estudos coordenados na *Seattle Central Community College*, que se tratava de uma proposta para que os estudantes dessa faculdade ingressassem em grupos de estudos organizados em torno de um tema central que conectava os estudantes de cursos diferentes e também o corpo docente, o que proporcionou um aumento no envolvimento dos alunos na comunidade acadêmica. Esse envolvimento, por meio de atividades em pequenos grupos de estudantes, discussões envolvendo toda a classe, projetos em grupo, visitas de campo, palestras e filmes, serviu para melhorar não somente o envolvimento intelectual dos estudantes, mas também o social. O termo “permanência” aparece, no artigo, diretamente relacionado ao sintagma “envolvimento estudantil”, reforçando a ideia de que, quanto maior for o envolvimento dos alunos em atividades sociais e intelectuais dentro da comunidade acadêmica, maiores são as chances de eles permanecerem.

Esse tipo de abordagem, que tem um caráter multidisciplinar, promove um modelo de aprendizagem que encoraja os estudantes a trocarem experiências de vida e expressarem suas diversidades, fazendo com que essa troca faça parte dos conteúdos ministrados, dando mais significado à aprendizagem. Isso naturalmente abre um leque de possibilidades para que os alunos aprendam mais a partir do compartilhamento de experiências. Dessa maneira, a experiência relatada no artigo deve ser levada em consideração como uma das muitas iniciativas institucionais para aumentar a permanência dos estudantes, principalmente ao longo do primeiro ano crítico e para além dele.

Assim, o termo “permanência”, apesar de ter sido mencionado uma única vez na publicação analisada, aparece dentro de um importante contexto, qual seja o da constatação de que, quanto maior o envolvimento dos estudantes nos processos de aprendizagem, mormente quando esses processos são frutos de interações frutíferas entre os alunos e seus pares, bem como com o corpo docente, maiores são as chances de eles permanecerem e darem continuidade aos estudos. Mais uma vez Tinto ressalta que, a partir do relato da experiência na *Seattle Central Community College*, a permanência estudantil deve ser o resultado de uma educação de qualidade.

A partir da década de 1990, Tinto começa a se debruçar sobre o conceito das chamadas *learning communities*, que são parte de uma estratégia curricular que geralmente conecta alunos de diferentes cursos em torno de um tema central, por meio de discussões em grupo, grupos de estudo, projetos, etc., além de promoverem uma abordagem multidisciplinar, que promove a integração entre os membros do corpo docente e seus pares e também com os estudantes. Dessa maneira, o processo de ensino e de aprendizagem se dá de forma coletiva e interconectada, dentro de uma dinâmica em que os alunos assumem protagonismo no aprendizado, pois aprendem pelo compartilhamento de experiências e conhecimentos com outros estudantes, além de construírem esse aprendizado junto com os professores, que deixam de ser o centro das aulas. Em outras palavras, o aprendizado é compartilhado e, sobretudo, significativo.

Sobre o conceito de *learning communities* (comunidades de aprendizagem), há que se ressaltar que não existe apenas um único modelo de comunidade de aprendizagem, mas várias formas de se estabelecer uma dinâmica em que o ensino e o aprendizado ocorram de forma que os estudantes se sintam envolvidos a tal ponto de serem, também, construtores do conhecimento, juntamente com seus pares e com seus professores. Isso torna a aprendizagem realmente significativa para o aluno, o que certamente contribui para um aumento de sua segurança em relação ao seu desenvolvimento intelectual. Apesar de as comunidades de aprendizagem variarem em forma e dinâmicas de funcionamento, podemos pensar em dois

pontos comuns a todas elas: o compartilhamento de conhecimentos e o aprofundamento da aprendizagem. As comunidades de aprendizagem servem, então, para tornar o processo de ensino e aprendizado realmente significativo para os estudantes e, por que não dizer, também para o corpo docente.

Ainda sobre as comunidades de aprendizagem, MANHÃES (2021) pontua, com base nos textos de Vincent Tinto publicados entre 1994 e 2000, características das comunidades de aprendizagem, das quais algumas se destacam:

- Ajudam alunos a unir os mundos social e acadêmico;
- Os alunos passam mais tempo com seus pares;
- Servem para criar uma rede de apoio que ajuda os estudantes a fazerem a transição para a faculdade;
- Nessas comunidades, o ambiente da sala de aula é repleto de experiências de aprendizagem mais ricas e melhores;
- São uma forma de tornar uma grande faculdade um lugar mais “amigável”;
- São um meio de conectar diversas comunidades docentes e discentes;
- Tornam os alunos mais engajados, tanto acadêmica quanto socialmente.

A partir dessas características, é possível ter uma ideia sobre o quanto as comunidades de aprendizagem melhoram a vida do estudante na instituição de ensino, assim como promovem uma integração mais ampla do corpo docente não só com os alunos, mas também com outros professores, de diferentes áreas.

- 1997- Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / *Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence*

O termo **permanência** aparece apenas 02 (duas) vezes, nas referências bibliográficas, em títulos de duas publicações, uma delas do próprio Vincent Tinto. Interessante ressaltar que o termo aparece no título da publicação de Vincent Tinto, “Construindo comunidades educacionais: aumentando a permanência em circunstâncias desafiadoras” (*Constructing educational communities: Increasing retention in challenging circumstances*), no mesmo contexto da ideia geral do artigo no qual essa publicação foi mencionada, qual seja o da observação de comunidades de aprendizagem e seus impactos na permanência estudantil, levando em consideração os desafios enfrentados pelos estudantes. Dessa maneira, na

referência bibliográfica em questão, o termo permanência aparece vinculado às comunidades de aprendizagem como sendo um resultado das práticas dessas comunidades e ligado à superação de dificuldades.

- 1999 - Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / *Taking student retention seriously: rethinking the first year of college*

O artigo trata da questão da responsabilidade das instituições de ensino superior no que concerne às ações efetivas que podem ajudar na promoção da persistência e da permanência estudantis. O termo **permanência** é mencionado 30 (trinta) vezes no texto e, na maioria das vezes, ligado ao adjetivo “estudantil”, sendo também mencionado em sintagmas como “permanência bem-sucedida”, “promover a permanência”, “permanência que apoia”, “condições para permanência”, “permanência subsequente”, “programas de permanência” e “aprendizagem e permanência estudantis”. Obviamente, como já dito, a maior parte das menções envolvendo a palavra permanência está ligada ao adjetivo estudantil, uma vez que, na luta pela promoção da permanência, as ações institucionais devem ser centradas nas necessidades dos alunos, justamente para que eles deem continuidade aos estudos apesar de qualquer dificuldade.

Vincent Tinto, no artigo em questão, chama a atenção para a necessidade de as instituições de ensino superior, no caso, as *community colleges*, repensarem suas ações de profilaxia contra o abandono estudantil, mormente no primeiro ano, ao qual Tinto denominou como sendo o “primeiro ano crítico” na tomada de decisão entre permanecer ou abandonar a faculdade. Dessa maneira, o autor enfatiza a ideia de que os programas de permanência desenvolvidos pelas instituições de ensino superior devem ser mais efetivos do que simplesmente implementar cursos isolados, em forma de seminários, por exemplo, que abordam e discutem algumas das dificuldades vivenciadas pelos estudantes em seu processo de adaptação. Isso não significa que tais medidas sejam totalmente ineficazes, porém, as “raízes do abandono estudantil”, são bem mais profundas:

As raízes da evasão não estão só nos estudantes ou nas situações que eles enfrentam, mas também nas próprias características das instalações das instituições de ensino, agora consideradas naturais para a educação superior, nas quais elas pedem que os alunos aprendam (TINTO, 1999, p. 1). [tradução livre]

Falar das instalações nas quais os alunos estudam, tais como salas de aula e laboratórios, pode parecer algo de menor importância, entretanto, não é o caso. Essas instalações podem ser

modificadas de maneira a otimizar o aprendizado e o contato social dos estudantes com seus pares e também com o corpo docente. Não se está falando, aqui, da estrutura física dos prédios, mas sim da dinâmica de ensino e de aprendizagem que ocorre nos ambientes mencionados. Trata-se, então, da(s) dinâmica(s) envolvendo os processos de ensino e de aprendizagem, que devem ser desenvolvidas da forma mais saudável e enriquecedora possível.

A partir de reflexões sobre o que seria, de fato, “levar a permanência estudantil a sério”, Tinto se aprofunda no questionamento acerca de quais seriam as condições que promovem a permanência estudantil e de como tais condições se aplicariam aos novos alunos que ingressam no primeiro ano crítico de faculdade. A ênfase do autor passa a ser, então, não os atributos dos estudantes, mas as condições às quais eles são inseridos na faculdade. Qual seria a razão dessa ênfase ser desviada dos atributos estudantis em direção aos ambientes aos quais eles são expostos no meio acadêmico? A razão está no simples fato de que os atributos dos estudantes - habilidades, dificuldades e potencialidades - estão, quase sempre, além do controle institucional. Entretanto, os ambientes nos quais as instituições de ensino situam seus alunos estão, sim, sob o controle institucional: tais ambientes podem e devem ser modificados, reformulados e melhorados para atenderem às necessidades estudantis.

Na busca por estratégias para identificar as necessidades dos alunos e atendê-las de modo a encorajar sua persistência e, conseqüentemente, sua permanência nas instituições de ensino, Tinto aponta as cinco condições cruciais para a permanência estudantil, já mencionadas no capítulo anterior: expectativas, apoio, *feedback*, envolvimento e aprendizagem. Essas cinco condições estão interligadas e “giram” em torno de um objetivo maior e mais importante – a educação bem-sucedida. Essa noção de que o maior objetivo a ser perseguido pelas instituições de ensino é o de ofertar uma educação sadia e eficaz é o que realmente irá garantir a persistência e a permanência estudantis. Em outras palavras, a permanência deve ser fruto da missão educacional levada a sério, uma consequência natural do desenvolvimento intelectual e social dos estudantes: o aprendizado (bem-sucedido) leva à permanência estudantil.

Ao se levar em consideração a responsabilidade que as instituições de ensino têm na permanência de seus estudantes, fica bastante claro que, para o sucesso da sua missão educacional, os ambientes educacionais devem ser repensados e reformulados de modo a facilitar essa missão. Impossível, então, não considerar a centralidade das salas de aula e também dos laboratórios, lugares que, principalmente no caso de alunos adultos e com outras responsabilidades fora da faculdade, talvez sejam os únicos ambientes de contato do estudante com o ambiente acadêmico. Mais uma vez, aqui, cabe ressaltar o papel fundamental das comunidades de aprendizagem, da pedagogia colaborativa e da aprendizagem compartilhada

que, além de traduzirem, na prática, as cinco condições para a permanência estudantil, deveriam ser o cerne de todo e qualquer programa de permanência estudantil.

A aprendizagem colaborativa e compartilhada, conforme ocorre nas comunidades de aprendizagem, servem não somente para otimizar o tempo de estudo do aluno, como também para tornar o processo de aprendizagem mais proveitoso e significativo. É preciso que as instituições de ensino deixem de ser um cenário de competição e se transformem em ambientes de colaboração em todos os sentidos. Estudantes que colaboram com seus colegas, professores que compartilham seus conhecimentos com outros professores e, sobretudo com os alunos, deixando, assim, a posição de únicos detentores do conhecimento e tornando-se parceiros de seus alunos nas práticas pedagógicas. Dessa maneira, o objetivo educacional das instituições de ensino pode ser alcançado sem competição, sem julgamentos e com mais riqueza de experiências pedagógicas.

- ANOS 2000

- 2000- Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos” / *Learning better together: the impact of learning communities on student success*

O termo **permanência** não tem nenhuma ocorrência na publicação e, uma vez que o artigo enfoca os impactos das comunidades de aprendizagem no êxito estudantil, as questões permeiam a preocupação com meras taxas de permanência foram deixadas de lado. Conseqüentemente, a ênfase foi dada, no artigo, à descrição de tais comunidades de aprendizagem, destacando suas características principais, quais sejam o CONHECIMENTO COMPARTILHADO, as RELAÇÕES INTERPESSOAIS COMPARTILHADAS e a RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA. Além disso, o texto discorre sobre os benefícios das comunidades de aprendizagem não somente para os estudantes, mas também para as carreiras do corpo docente, uma vez que um dos princípios fundamentais das comunidades de aprendizagem é que professores e alunos trabalhem juntos, colaborativamente e em pé de igualdade no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a sala de aula deixa de ser um ambiente em que o ensino deixa de ser meramente expositivo e o processo de aprendizagem deixa de ser, nas palavras de Vincent Tinto, um “esporte de expectador”.

Mesmo que o termo **permanência** não seja mencionado nenhuma vez no texto, o autor relata a experiência de estudantes de *community colleges* urbanas que consideraram que a

participação nas comunidades de aprendizagem tenha sido fundamentais para a sua continuidade na faculdade:

Os alunos de comunidades de aprendizagem passaram mais tempo juntos fora da sala de aula do que os alunos em aulas tradicionais, isoladas, e eles o fizeram de formas que eles viram como solidárias. De fato, alguns alunos de *community colleges* urbanas enxergaram esses grupos como sendo críticos para a sua habilidade de continuarem na faculdade (TINTO, 2000, p. 5). [tradução livre]

Como já mencionado anteriormente, a partir da análise de outros artigos de Vincent Tinto, em especial os que discorrem sobre comunidades de aprendizagem e oferta de educação sadia e eficaz por parte das instituições de ensino, a permanência deve ser, idealmente, uma consequência natural do desenvolvimento intelectual e social dos estudantes, e não apenas uma meta a ser alcançada.

- 2001- “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” / *The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement*

Mais uma vez, Tinto torna a abordar o movimento das instituições de ensino em prol das comunidades de aprendizagem, desta vez, mais especificamente, sobre a avaliação dos esforços em torno do trabalho de professores, alunos e das próprias instituições nessas comunidades. O termo **permanência** tem apenas 01 (uma) ocorrência na publicação, porém de forma relevante, como veremos a seguir.

Como já se pode inferir a partir da análise de outras publicações de Tinto sobre as comunidades de aprendizagem, o objetivo fundamental de toda comunidade de aprendizagem é aprofundar o aprendizado e criar um senso de conexão mais forte entre alunos, corpo docente e instituição de ensino. Uma das preocupações mencionadas no texto é a de comprovar, por meio de avaliações, a eficácia das comunidades de aprendizagem, inclusive no sentido de compartilhar esses resultados com instituições de ensino que estejam preocupadas com ganhos em permanência estudantil.

Assim, o termo **permanência**, apenas uma vez no texto, é mencionado no sentido de afirmar a necessidade de se comprovar a eficácia das comunidades de aprendizagem na busca por aumentar os índices de permanência estudantil nas instituições. Essa comprovação, de acordo com Tinto, deve ser feita por meio de avaliações assertivas, bastante claras e através de metodologias corretas, que realmente levem em consideração os aspectos devidos a serem

analisados acerca do quanto as comunidades de aprendizagem influenciam a permanência estudantil. Dessa maneira, Tinto destaca quatro pontos importantes a serem considerados nas pesquisas sobre comunidades de aprendizagem:

- O primeiro deles é o fato de que, quando o objetivo de qualquer ação inovadora é se expandir e tornar-se mais robusto, faz-se necessário que se leve muito a sério tanto a construção das práticas, quanto a avaliação dessa ação inovadora;
- Quando não se tem clareza sobre os objetivos de uma avaliação e do público ao qual essa avaliação é dirigida, é difícil que essa avaliação seja bem-sucedida;
- Coletar dados sobre práticas inovadoras é tão importante quanto usá-los estrategicamente;
- Finalmente, as avaliações desses esforços inovadores é um trabalho que nunca deve se esgotar. É preciso que se compreenda que o trabalho não estará necessariamente concluído ou totalmente compreendido. Mudanças podem ocorrer, os gestores das instituições podem mudar, e talvez reformulações sejam necessárias. Assim, é preciso extrair aprendizados para que as ações continuem a se desenvolver.

No que concerne à permanência, o aspecto abordado no trabalho foi o da necessidade de se avaliar adequadamente os esforços de ações inovadoras, tais como as comunidades de aprendizagem, para que seja possível identificar sua eficácia para a permanência estudantil.

- 2001- “Repensando o primeiro ano de faculdade” / *Rethinking the first year of college*

O termo **permanência** aparece 22 (vinte e duas) vezes na publicação, em construções tais como “programas de permanência”, “impacto de longo prazo na permanência”, “permanência estudantil”, “objetivo da permanência”, “variedades de programas de permanência”, “esforços pela permanência”, “o problema da retenção”, “aumentar a permanência”, “taxas de permanência” e “permanência estudantil bem-sucedida”. Essas ocorrências do termo relacionam-se ao tema central da publicação, que gira em torno dos esforços institucionais para melhorar a experiência dos estudantes dentro das faculdades, em especial ao longo do primeiro ano crítico. Através da melhoria da experiência dos alunos, em especial no que diz respeito aos esforços educacionais, é possível ajudá-los a permanecer na faculdade a longo prazo.

Tinto aborda a questão de o número de programas de permanência ter crescido em anos anteriores à pesquisa, promovendo iniciativas tais como mentorias, aconselhamento estudantil, e seminários de calouros, por exemplo que impactam positivamente na permanência. Entretanto, o impacto dessas iniciativas na permanência a longo prazo, de acordo com Tinto, são um tanto limitadas. A questão que se impõe, então, segundo Tinto, é sobre como as faculdades e universidades podem melhorar as experiências que os alunos vivenciam ao longo da carreira estudantil, em especial durante o primeiro ano crítico.

Apesar de não existir nenhum tipo prevalente de abandono estudantil, e alguns desses fatores serem de origem institucional, outros partem dos alunos. O que Tinto afirma, no artigo é que, por haver muitos tipos de abandono estudantil, existem também diferentes causas determinantes da desmobilização estudantil, entre as quais se destacam:

- Dificuldade acadêmica
- Dificuldades de adaptação
- Objetivos
- Comprometimentos
- Finanças
- Adequação
- Envolvimento

Alguns estudantes abandonam os estudos por não conseguirem ou por não terem a intenção de cumprir os mínimos requisitos acadêmicos da instituição de ensino, seja por inabilidade acadêmica ou por hábitos de estudo deficientes. Outros alunos, mesmo os que têm mais facilidade nos estudos, ou são mais socialmente maduros, acabam tendo dificuldades em fazer a transição do ensino médio para a vida universitária, muitas vezes traduzidas em dificuldade de socialização na faculdade.

Muitos estudantes ingressam na faculdade com uma ideia bastante vaga acerca do porquê entraram em uma faculdade. Apesar de ser normal um certo grau de incerteza sobre os objetivos concernentes à carreira, muitos alunos persistem nessa falta de clareza por muito tempo, o que acaba dificultando suas performances nos estudos. Há também o caso de estudantes que entram na faculdade com objetivos muito rasos, ou que “usam” as *community colleges* de dois anos como uma forma de conseguirem transferência para outra universidade e, assim, eles abandonam a instituição antes de conseguirem o diploma, o que não caracteriza o abandono dos estudos, mas uma forma de alcançar seus objetivos de uma outra maneira.

Há estudantes que não possuem comprometimento suficiente para persistirem até o final da faculdade. Outros, entretanto, apesar de estarem comprometidos, são forçados a sair por fatores externos e, na maioria dos casos, esse tipo de interrupção (devida a fatores externos) provavelmente é apenas uma interrupção, não uma desistência- assim que as condições melhoram, eles retomam os estudos. Muitos estudantes também abandonam os estudos por questões financeiras, especialmente os que são trabalhadores e de baixa renda. Nesse último caso, alguns até mesmo retornam para a faculdade quando as condições financeiras melhoram, ao passo que outros desistem definitivamente. Em relação às finanças, alguns estudantes não conseguem perceber o valor da educação que estão recebendo, não percebem os gastos com a faculdade como um investimento.

Por fim, muitos estudantes decidem interromper os estudos por não sentirem que “se encaixam” no ambiente da faculdade, ou por não se sentirem socialmente pertencentes a esse ambiente, como se a faculdade não fosse o seu lugar. Segundo Tinto (2001), esse fator, no jargão dos pesquisadores, significa “uma falta de congruência entre o indivíduo e a instituição”. Isso nos leva à questão do envolvimento dos alunos e à necessidade do estabelecimento de laços entre os alunos e seus colegas e também com o corpo docente e outros membros da comunidade acadêmica.

Mais uma vez, Tinto ressalta o papel das comunidades de aprendizagem, especialmente no primeiro ano de faculdade, destacando o caráter mais recorrente nessas comunidades: a aprendizagem compartilhada e interconectada. Tinto cita os exemplos de experiências na *Seattle Central Community College* e da Universidade de Washington, nas quais as experiências relatadas pelos alunos que participaram das dinâmicas dentro das comunidades de aprendizagem mostraram-se mais satisfeitos com suas experiências no primeiro ano de faculdade, além de mais propensos a persistirem além do primeiro ano. A respeito dos experimentos na Universidade de Washington e na *Seattle Central Community College*, Tinto afirma que:

Quase todos os experimentos têm duas coisas em comum (...). Uma delas é a **aprendizagem compartilhada**. As comunidades de aprendizagem envolvem os mesmos estudantes em diversas aulas para que eles passem a se conhecer rapidamente e com razoável grau de intimidade e de forma que isso seja parte de sua experiência acadêmica. A outra é a **aprendizagem conectada**. Ao se organizarem os cursos compartilhados em torno de um tema ou de um único assunto abrangente, as comunidades de aprendizagem buscam construir uma experiência educacional coerente no primeiro ano que não seja apenas um conjunto desconexo de cursos em, digamos, cálculo, história moderna, espanhol e geologia (TINTO, 2001, p. 5). [tradução livre]

Esse maior envolvimento do estudante com seus pares e no meio acadêmico enriquece as relações interpessoais, desperta neles, um senso de comunidade (não apenas em termos de aprendizado) e um senso de que pessoas de diferentes gêneros, históricos de vida, religião, etc. podem ter interesses e objetivos em comum. Além desse rico desenvolvimento intelectual e social dos alunos, as comunidades de aprendizagem acabam por promover naturalmente a permanência estudantil.

- 2002- “Melhorando a persistência estudantil: conectando os pontos” / *Enhancing student persistence: connecting the dots*

O termo **permanência** é mencionado 01 (uma) vez nessa publicação e, apesar de o foco do artigo ser a busca de meios de aprimorar a persistência estudantil, Vincent Tinto levanta um questionamento sobre aspectos pertinentes ao acesso dos estudantes ao ensino superior. Ao tocar nesse ponto, Tinto (2002) afirma que “o que importa não é meramente se os indivíduos são capazes de entrar na faculdade, mas se eles conseguem terminar a faculdade.” Essa questão perpassa diversas particularidades como, por exemplo, o fato de os alunos frequentarem faculdades de meio período ou em tempo integral, ou o fato de eles trabalharem ou não enquanto estão cursando a faculdade, por exemplo. Além disso, dificuldades financeiras também são um fator importante, porém, a dificuldade acadêmica parece ter um peso maior no processo de permanência estudantil. Dessa maneira, a falta de preparo acadêmico pode ser determinante para a desmobilização estudantil, e Tinto retoma, nesse artigo, as cinco condições fundamentais para a permanência dos estudantes, condições essas que devem ser proporcionadas pelas instituições de ensino: expectativas, aconselhamento, apoio, envolvimento e aprendizagem. Assim, a clareza sobre as expectativas institucionais e estudantis, o suporte acadêmico e social por parte da instituição e o envolvimento proporcionado pelas ações em prol da permanência são fundamentais, entretanto, a chave para a permanência estudantil parece ser a aprendizagem- os alunos que aprendem são alunos que permanecem.

O termo **permanência** aparece em “programas de permanência” que, de acordo com Tinto, não deveriam ficar “às margens” da experiência acadêmica dos estudantes, mas sim acessar as raízes mais profundas da persistência estudantil. Ao desenvolverem programas de permanência que levem em consideração as cinco condições essenciais para a permanência dos seus alunos, as instituições de ensino acabam por promover uma educação de qualidade, que deveria ser o objetivo primordial, e não a permanência *per se*.

- 2003- “Promovendo a permanência estudantil através das práticas em sala de aula” / *Promoting student retention through classroom practice*

Nesta publicação, o termo **permanência** é mencionado 27 (vinte e sete) vezes. No artigo, Tinto aborda a questão dos programas de permanência estudantil desenvolvidos pelas faculdades através das práticas em sala de aula, de forma a modificar o “caráter essencial da experiência na universidade”. Isso significa, nas palavras do próprio autor, “levar a permanência estudantil a sério”, ou seja, parar de trabalhar às margens da vida institucional e melhorar a qualidade das experiências dos alunos dentro do ambiente da faculdade. Assim, em vez de lidar com o problema da dificuldade acadêmica ou da falta de integração social dos alunos superficialmente, as instituições de ensino deveriam repensar as práticas em sala de aula e torná-las mais significativas e envolventes para todos os estudantes:

Para levar a sério a permanência estudantil, as universidades devem reconhecer que as raízes do abandono não estão apenas nos estudantes e nas situações que eles enfrentam, mas também nas particularidades dos ambientes educacionais [...] em que eles são convidados a aprender (TINTO, 2003, p. 2). [tradução livre]

Apesar da aparente redundância do uso da afirmação supracitada, uma vez que ela já foi mencionada pelo autor em publicações anteriores, cabe ressaltar, aqui, que Tinto buscou reforçar a ideia de que só se estará de fato lidando com a permanência estudantil de forma eficaz a partir do momento em que as instituições de ensino tomarem para si a responsabilidade de proporcionar aos seus alunos experiências enriquecedoras e envolventes o suficiente, tanto social quanto academicamente, a ponto de fazê-los persistir não apenas durante o primeiro ano crítico de faculdade, mas ao longo de toda a carreira estudantil até a graduação. A qualidade dessas experiências, na visão de Tinto (1997), está diretamente ligada à sala de aula, uma vez que os estudantes que estão ativamente envolvidos com a aprendizagem, que são os que passam mais tempo nas atividades, especialmente uns com os outros, são mais propensos a aprender e, conseqüentemente, mais propensos a ficar.

Mais uma vez, nessa publicação do ano de 2003, Tinto torna a enfatizar as cinco condições essenciais para a permanência estudantil. Entretanto, dessa vez, Tinto ressalta a importância das expectativas, do apoio, do *feedback*, do envolvimento e, em especial, da aprendizagem, não apenas durante o processo de adaptação ao longo do “primeiro ano crítico”, mas ao longo de todo o curso, até a graduação. Essa, talvez, seja uma diferença importante em relação ao que ocorreu em outras publicações, quando o autor enfocou as cinco condições de

permanência estudantil, denotando uma constatação de que a preocupação com a permanência deve ser contínua, ao longo de toda a carreira do estudante na faculdade.

Assim, o termo **permanência** é amplamente mencionado na publicação, em contextos que se referem à forma como as instituições de ensino lidam com a permanência estudantil, de modo a realmente levá-la a sério. Na concepção de Tinto, “levar a permanência estudantil a sério” significa um aprofundamento das ações institucionais no sentido de aprimorar todas as experiências vivenciadas pelos alunos, desde a entrada na faculdade até a graduação, mas de maneira a tornar tais experiências proveitosas para todos os alunos, sejam eles alunos que moram nas instalações da faculdade, ou alunos adultos e que trabalham e têm outras responsabilidades fora do ambiente da faculdade, ou alunos que enfrentam dificuldades financeiras. Para que tais experiências sejam vivenciadas de forma igualitária por todos os estudantes, de variados perfis, Tinto retoma as cinco condições de permanência, enfatizando a que ele considera como sendo a mais importante e ao redor da qual as outras quatro condições deveriam se estabelecer: a aprendizagem. O autor menciona alguns tipos de prática de sala de aula que servem para melhorar a aprendizagem: a aprendizagem colaborativa ou cooperativa, a aprendizagem baseada em problema, as comunidades de aprendizagem, as instruções complementares etc., para mostrar as possibilidades de ações em torno da aprendizagem, que podem ser bastante eficazes.

Tinto menciona seu estudo, juntamente com outros pesquisadores, na Universidade de Syracuse, Nova Iorque, EUA, no qual uma variedade de iniciativas, em especial a aprendizagem cooperativa e colaborativa e as comunidades de aprendizagem, que acabaram sendo usadas em programas de permanência inovadores por todo o país. Tal estudo, no qual foram aplicados métodos de pesquisa longitudinais e entrevistas qualitativas, mostrou resultados que reforçaram o fato de que a permanência estudantil é o reflexo das condições nas quais os estudantes se encontram durante o processo de aprendizagem em sala de aula, em especial do envolvimento ativo no seu próprio aprendizado.

O termo permanência foi mencionado, ao longo da publicação, quase sempre ligada ao adjetivo “estudantil”. O autor inicia o artigo mencionando a “permanência eficaz”, expressão que sugere que a permanência estudantil deve estar diretamente ligada à qualidade das experiências dos alunos na instituição de ensino. O termo também foi mencionado ligado ao verbo “aprimorar”, ou “melhorar”, no sentido mesmo de se melhorar a qualidade da permanência estudantil. Além disso, o termo foi empregado em contextos que enfatizaram a necessidade de se levar as ações referentes à promoção da permanência a sério, principalmente no que se refere a adaptações, por parte das instituições de ensino, no que se refere a proporcionar

um ambiente envolvente e intelectualmente enriquecedor para os alunos. Essas adaptações foram mencionadas principalmente na abordagem da sala de aula enquanto um ambiente que possui um papel central na permanência, uma vez que, para muitos alunos, em especial os que já estão na fase adulta e possuem responsabilidades fora do ambiente acadêmico, a sala de aula é o único lugar de envolvimento do estudante com a instituição de ensino, com os seus pares e com o corpo docente

Ao reconhecer a importância da aprendizagem para a permanência estudantil, bem como a centralidade da sala de aula nesse processo, Tinto torna a mencionar as cinco condições para a permanência estudantil como sendo essenciais para que os estudantes permaneçam na instituição de ensino até a graduação. É interessante notar que, ao mencionar e analisar separadamente as cinco condições essenciais para a permanência estudantil, Tinto utiliza repetidamente a oração “os estudantes são mais suscetíveis a persistirem e se graduarem” para introduzir o conceito de cada uma delas. Ora, “persistir e se graduar” significa permanecer na instituição de ensino até que se completem os estudos, o que, em outras palavras, significa, de fato, PERMANECER. Dessa maneira, apesar de o autor não usar o termo “permanência” para discorrer sobre cada uma das cinco condições de permanência, a noção da permanência está presente, pois ele enfatiza a persistência do aluno na faculdade até a sua graduação.

Em publicações anteriores ao ano de 2003, ao mencionar as cinco condições para a permanência estudantil, Tinto ainda não havia relacionado tais condições à persistência até a graduação. Na publicação em questão, o autor enfatiza a “permanência bem-sucedida”, que nada mais é do que a permanência baseada em uma educação de qualidade, em que as experiências de aprendizagem em sala de aula são significativas e envolventes, e a troca de informações entre os estudantes e corpo docente em forma de *feedbacks* é constante. A permanência eficaz é o resultado da missão educacional bem-sucedida, que naturalmente conduz os alunos à conclusão dos estudos. Assim, pouquíssimas vezes no artigo analisado, o autor menciona o sintagma “taxas de permanência”, e não por acaso: o enfoque da publicação não é a permanência *per se*, mas a permanência como resultado da missão educacional levada a sério. Em outras palavras, a educação bem-sucedida naturalmente conduz o aluno à persistência nos estudos ano após ano, até a graduação, e é justamente essa persistência que caracteriza a permanência eficaz.

- 2003- “Sucesso estudantil e construção de comunidades educacionais envolventes” / *Student success and the building of involving educational communities*

Nessa publicação, Tinto menciona o termo **permanência** 48 (quarenta e oito) vezes, pelo viés do êxito estudantil, afirmando que as raízes da permanência não estão nas “consultorias de permanência” dadas às instituições de ensino, mas no engajamento dos estudantes no aprendizado. Essa constatação nos leva ao fato de a raiz da permanência estudantil residir no trabalho do corpo docente e dos demais profissionais da instituição envolvidos com a permanência, a aprendizagem e o êxito dos estudantes, e na capacidade das instituições de construir comunidades educacionais que envolvam os alunos ativamente em sua educação. Assim, a educação bem-sucedida, não a permanência em si, é o segredo dos programas de permanência bem-sucedidos, e é necessário que as instituições de ensino sejam capazes de envolverem também o corpo docente e o pessoal administrativo do *campus* em um esforço colaborativo para construir um ambiente educacional, em especial as salas de aula, que envolvam ativamente os estudantes no processo de aprendizagem. O êxito dos estudantes, que deve ser o objetivo primordial das instituições de ensino, é a chave para o próprio êxito institucional na promoção da permanência dos seus alunos.

O termo **permanência** aparece, algumas vezes, ligado aos adjetivos “bem-sucedido” e “eficaz”, dentro de um contexto que enfatiza a qualidade da experiência dos estudantes dentro da instituição de ensino, especialmente no que concerne ao seu desenvolvimento intelectual e ao envolvimento acadêmico e social na faculdade, como sendo determinante para a permanência, principalmente durante o primeiro ano crítico. Isso significa que os programas institucionais de permanência devem concentrar seus esforços na educação de qualidade e também na mitigação de algumas questões e de alguns problemas enfrentados pelos estudantes após a entrada na faculdade, tais como a dificuldade acadêmica, a incerteza em relação aos objetivos educacionais, o comprometimento ou não com as metas institucionais, as dificuldades financeiras, a integração e a filiação à comunidade acadêmica, e o isolamento dentro da faculdade. Consequentemente, a palavra “permanência” aparece repetidas vezes nos sintagmas “programas de permanência” e “programas de permanência eficazes”.

Tinto aborda os aspectos essenciais dos programas de permanência, ressaltando o que as instituições de ensino superior devem fazer para que a maioria de seus estudantes permaneçam até que se formem. Esses aspectos, na verdade, podem ser resumidos no compromisso duradouro das instituições de ensino com o bem-estar dos seus alunos, no maior comprometimento com a educação e na ênfase da importância da comunidade social e

intelectual para a educação dos estudantes. Em outras palavras, o engajamento social e intelectual do aluno deve ser o maior comprometimento dos programas de permanência eficazes, pois é justamente esse engajamento que acaba por promover a permanência. O autor também chama atenção para o fato de as instituições de ensino superior serem, antes de tudo, comunidades humanas e, como tal, sua característica principal está nos valores ao redor dos quais elas são construídas: “A habilidade de uma instituição de reter alunos reside menos nos programas formais por elas desenvolvidos do que no compromisso subjacente para com os estudantes aos quais elas direcionam suas atividades” (TINTO, 2003, p. 7). [tradução livre]

Como já o fizera em outras publicações anteriores, Tinto relaciona o termo permanência principalmente ao caráter acolhedor e provedor que as instituições de ensino deveriam adotar em seus programas de permanência, de modo a ter como objetivo principal o desenvolvimento intelectual e social de seus estudantes a tal ponto que eles se sintam suficientemente envolvidos para darem continuidade aos estudos até que obtenham um diploma. Para tanto, é necessário que as instituições enfatizem a natureza comunitária da vida no *campus* bem como a importância das comunidades educacionais e do envolvimento acadêmico e social para o processo de aprendizagem. Dessa maneira, o estabelecimento de laços entre os estudantes e seus pares, assim como com o corpo docente e demais membros da instituição, são um aspecto notório dos programas de permanência eficazes. Isso sem mencionar as comunidades de aprendizagem, que são um campo fértil para o estabelecimento de relações enriquecedoras ao longo do processo educacional.

Em suma, Tinto afirma que o segredo dos programas de permanência bem-sucedidos não é verdadeiramente um segredo e reforça a noção segundo a qual “a permanência bem-sucedida é nada mais, nada menos do que a educação bem-sucedida”.

- 2006 - “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / *The assessment of student retention programs*

Nesse artigo, o termo **permanência** teve 31 (trinta e uma) menções. Nessa publicação, Tinto trata da questão da eficácia nas avaliações dos programas institucionais de permanência estudantil. Para tanto, o autor discorre sobre os passos corretos para a formulação de planos de avaliação, destacando os tipos de perguntas a serem feitas, no caso dos planos de avaliação (*evaluation designs*), as perguntas mais comuns, a saber: PERGUNTAS DE DESCRIÇÃO, PERGUNTAS DE EXPLICAÇÃO e PERGUNTAS DE MELHORIA. As primeiras são referentes às taxas de desmobilização estudantil no *campus*, as questões de explicação se

referem à determinação das causas da desmobilização dos estudantes, e as últimas estão relacionadas aos impactos de diferentes políticas e práticas concernentes à permanência estudantil. Apesar de serem de naturezas diferentes, essas perguntas estão ligadas à formulação de políticas de permanência estudantil e, portanto, são essenciais nos esforços pelo combate à desmobilização dos alunos, independentemente das suas origens.

A importância de uma avaliação contínua, por parte das instituições de ensino, acerca das relações dos seus estudantes uns com os outros, com o corpo docente e com outros membros da comunidade acadêmica é de suma importância, uma vez que as circunstâncias estão sempre se modificando, seja por fatores externos ou internos, que influenciam os alunos e suas necessidades. Esse tipo de avaliação, que trata principalmente da qualidade dessas relações dentro dos *campi*, tem como um dos principais objetivos a captação das percepções dos alunos sobre a instituição e conversão desses dados em medidas práticas de atendimento às necessidades estudantis.

As perguntas necessárias à formulação de planos de avaliação devem ser distribuídas, no caso da avaliação sobre desmobilização e permanência, em três instâncias: 1) a qualidade do contato entre alunos e corpo docente dentro e fora da sala de aula; 2) a forma como os estudantes percebem a instituição de ensino e seus representantes no que tange ao atendimento de suas necessidades; 3) a qualidade da experiência educacional do aluno, especialmente no primeiro ano crítico. Essa última seção deve enfatizar o papel fundamental das atividades em sala de aula no aprendizado dos estudantes. Essas informações a serem coletadas, sejam elas subjetivas ou objetivas, devem conduzir as instituições de ensino à avaliação da qualidade da educação por elas ofertada. Isso porque, acima de tudo, é a educação, e não a permanência, em si, o objetivo de toda e qualquer avaliação institucional nesse sentido. Assim, a permanência estudantil deveria ser, idealmente, o resultado dos acertos tão buscados pelas instituições de ensino por meio das avaliações institucionais.

O termo **permanência** é empregado, no artigo, no contexto da avaliação da permanência estudantil por meio de questionários e avaliações constantes ao longo de toda a carreira do estudante na instituição de ensino. Essas avaliações visam à melhoria da qualidade da educação ofertada pela faculdade e, muitas vezes, podem ser feitas antes mesmo do ingresso do aluno na instituição, de maneira a identificar se as expectativas estudantis estão alinhadas com as expectativas da faculdade, com o intuito de prevenir a desmobilização no futuro. Quando feitas anteriormente à entrada do aluno na instituição, os dados obtidos por meio dessas avaliações podem servir para que as instituições de ensino antecipem futuros problemas de adequação estudantil ao ambiente acadêmico.

Todo o contexto em que o termo **permanência** foi empregado no artigo refere-se a estratégias de avaliação da permanência estudantil para coleta de dados que auxiliem no desenvolvimento de programas de permanência eficazes. Além disso, Tinto aborda a questão da avaliação institucional após a saída do aluno, seja essa saída motivada pela desmobilização, transferência para outra instituição ou após a graduação do estudante. Em outras palavras, a aplicação de questionários, entrevistas e avaliações em geral pode e deve ser feita no início, ao longo e ao final da carreira estudantil na instituição de ensino e, inclusive, antes do ingresso do aluno. Por meio da prática de avaliações constantes e longitudinais (ao longo de todo o curso na faculdade), é possível melhorar a permanência, uma vez que as informações coletadas dos alunos fornecem dados relevantes para o desenvolvimento e o monitoramento de ações e de programas de permanência alinhados às reais necessidades estudantis.

É interessante mencionar o fato de o autor, justamente a partir de 2006, deixar de abordar o tema do abandono estudantil como fazia anteriormente. Ele passa a intensificar o foco na permanência estudantil.

- 2006 - “Pesquisa e prática da permanência do estudante: o que vem depois?” / *Research and practice of student retention: what next?*

Nesse artigo, o termo **permanência** tem 113 (cento e treze) ocorrências. Após rever o estado das pesquisas sobre a permanência estudantil no passado e à época da publicação, Vincent Tinto lança um olhar para áreas de pesquisa e prática a serem exploradas naquele momento. Os três aspectos em questão são a ação institucional, a implementação de programas de permanência e os desafios contínuos na promoção do êxito de estudantes de baixa renda.

Tinto relata que, nos Estados Unidos, no decorrer dos anos anteriores a essa publicação (na década anterior), houve um movimento por parte das instituições de concentração de esforços no aumento das taxas de permanência estudantil, tanto em faculdades de dois anos, quanto nas instituições de quatro anos e nas universidades. Esse aumento tornou-se uma espécie de “negócio lucrativo” para empresas de consultoria, que fornecem serviços no sentido de ajudar as instituições de ensino a aumentarem suas taxas de persistência e de permanência estudantil até a graduação dos seus alunos. Apesar desses esforços, o autor alega que algumas instituições não são capazes de aumentar substancialmente suas taxas de permanência estudantil. Dessa maneira, Tinto lança um questionamento sobre quais seriam os aspectos a serem estudados e trabalhados a fim de melhorar a eficácia dos trabalhos em prol da permanência.

Para fornecer uma visão mais ampla em torno do assunto, Tinto apresenta, no artigo, um “quadro” geral da permanência estudantil no passado e também até aquele momento. O termo **permanência** é tratado, então, dentro de uma espécie de revisão histórica referente à forma como esse assunto vinha sendo tratado desde décadas anteriores.

Quando o tema da permanência estudantil no ensino superior emergiu no cenário educacional, quatro décadas antes da publicação do artigo em análise, a questão da desmobilização estudantil era vista pelo viés da psicologia, que atribuía o fenômeno aos atributos individuais dos estudantes, suas habilidades, dificuldades e motivações. Isso levava à uma crença segundo a qual os alunos não persistiam por serem menos capazes, menos motivados e com menor disposição para obterem os benefícios de um curso superior e graduarem-se. Assim, a crença vigente era a de que os estudantes falhavam, não as instituições de ensino.

Esse cenário só começou a se modificar no início da década de 1970, a partir de uma mudança na percepção sobre o papel das relações entre os indivíduos e a sociedade, e de como o ambiente dentro das instituições de ensino influenciam nas decisões dos alunos, principalmente na decisão de permanecerem ou deixarem a faculdade. Tinto menciona seu próprio livro, *Leaving College* (“Deixando a Faculdade”), como sendo uma das publicações pioneiras na análise longitudinal das relações entre o ambiente da faculdade e os estudantes, e os impactos dessas relações sobre a permanência estudantil.

Ao discorrer sobre os primeiros estudos acerca da permanência estudantil, Tinto admite que, naturalmente, por tratar-se de um campo ainda inicial de pesquisas, havia muitas lacunas em termos de complexidade e de detalhes nesses estudos. Assim, desde o início dessas pesquisas, os estudos e a prática em torno da permanência passaram por diversas mudanças. Um exemplo dessas mudanças está na crença ultrapassada segundo a qual seria necessário que os estudantes rompessem os laços com suas comunidades de origem para que o processo de permanência na faculdade fosse bem-sucedido. Estudos posteriores provaram, entretanto que, ao contrário, para muitos estudantes, a manutenção dos laços com suas origens, famílias, grupos religiosos, etc. é essencial para a sua persistência nos estudos.

Ao longo de todas as mudanças ocorridas nos estudos e nas concepções sobre a permanência estudantil, uma noção permaneceu imutável: a de que o envolvimento ou engajamento estudantil é fundamental para a permanência do estudante, em especial ao longo do primeiro ano crítico na faculdade. Dessa maneira, uma das questões que mais se impõem nos estudos sobre a permanência é como fazer o envolvimento dos alunos dentro das instituições de ensino, a fim de melhorar a persistência dos alunos e a persistência até a

graduação. Uma das facetas desse envolvimento se dá por meio das ações do corpo docente, especialmente dentro da sala de aula, no sentido de envolver os estudantes ativamente no processo de aprendizado como ocorre, por exemplo, no caso das comunidades de aprendizagem.

Tinto, entretanto, ressalta o problema de, apesar dos estudos e descobertas sobre o que de fato influencia a permanência estudantil, tanto positivamente quanto negativamente, a maioria das instituições de ensino superior não parece ser capaz de traduzir tais descobertas em ações efetivas. Para tanto, faz-se necessário, na visão do autor, que todos os esforços pela permanência estudantil girem em torno do que faz o aluno persistir, e não daquilo que o faz desistir e abandonar a instituição de ensino. Fica claro, então, que o que de fato importa são ações concentradas no que motiva o estudante a ficar, uma vez que o abandono estudantil não é a imagem espelhada da persistência e da consequente permanência.

Todo o contexto em que o termo permanência foi mencionado ao longo do artigo diz respeito, então, à evolução dos estudos sobre o tema e, principalmente, sobre a implementação de ações práticas, por parte das instituições de ensino, para melhorar a qualidade das experiências dos estudantes no ambiente acadêmico através de um maior envolvimento intelectual e social. Em outras palavras, as instituições não devem preocupar-se somente com o acesso dos estudantes ao ensino superior, ou com a simples manutenção das taxas de permanência, mas sim com a missão educacional bem compreendida: a promoção de uma educação de qualidade para todos os estudantes, não somente para alguns.

- 2008 - “Quando o acesso não é o suficiente” / *When access is not enough*

Esse artigo, no qual o termo **permanência** foi mencionado 01 (uma) vez, foi escrito por Vincent Tinto em parceria com a *Carnegie Foundation for Advancement of Teaching* (CFAT), uma instituição de políticas educacionais e centro de pesquisa estadunidense fundada em 1906 que, atualmente, dedica esforços pela melhoria da educação de estudantes afrodescendentes, latinos, indígenas, asiáticos e oriundos das Ilhas do Pacífico residentes nos Estados Unidos, de maneira a diminuir a desigualdade educacional e melhorar suas perspectivas de sucesso acadêmico e profissional.

Nessa publicação, Tinto enfatiza o fato de o acesso à educação superior estadunidense ser, para muitos estudantes de baixa renda, uma “porta giratória”. Isso porque, muitas vezes, apesar de terem acesso à faculdade, muitos alunos, em função de extrema dificuldade acadêmica enfrentada especialmente ao longo do primeiro ano crítico, acabam por interromper

os estudos e abandonar a instituição de ensino. Ao examinar esse problema, Tinto sugere que o caminho para a permanência estudantil está no reconhecimento da centralidade da sala de aula e no êxito estudantil obtido a partir de uma educação de qualidade, que atenda às necessidades dos alunos.

A partir de um estudo, ao longo de quatro anos, sobre comunidades de aprendizagem focadas em habilidades básicas envolvendo instituições por todo o país, incluindo 13 (treze) *community colleges* de dois anos, o autor traça um caminho que leva ao reconhecimento da importância da sala de aula para que seja possível acessar as necessidades acadêmicas dos estudantes, em especial dos alunos de baixa renda, de forma a promover uma experiência educacional verdadeiramente consistente no ensino superior.

Assim, o termo **permanência** é mencionado em um contexto em que Tinto discorre sobre a importância de se adaptar as comunidades de aprendizagem às necessidades dos estudantes com déficit educacional prévio e que apresentam maior dificuldade acadêmica ao ingressarem no ensino superior. Ele comenta a utilidade de cursos que desenvolvem habilidades básicas, que seriam uma espécie de cursos de nivelamento de saberes, em concomitância com outros que os estudantes estariam frequentando, principalmente ao longo do primeiro ano crítico de faculdade. Dessa maneira, o termo **permanência** aparece vinculado à melhoria da performance e da persistência estudantis.

- 2012 - “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” /
Enhancing student success: taking the classroom success seriously

O artigo enfoca questões concernentes à melhoria das experiências educacionais dos estudantes na faculdade, mais especificamente dentro da sala de aula e, nele, o termo **permanência** não é mencionado nenhuma vez. Vincent Tinto aborda a necessidade de se dar a devida importância às experiências dentro da sala de aula e, sobretudo, às cinco condições essenciais para a permanência estudantil. As cinco condições essenciais, quais sejam as expectativas, o apoio, o *feedback* constante, o envolvimento e a aprendizagem, devem ser consideradas, segundo Tinto, como atributos essenciais de uma sala de aula e, como tal, são as condições básicas para o sucesso estudantil. Ao sentir-se envolvido no processo de aprendizagem, apoiado em suas necessidades, e ao terem clareza sobre os seus objetivos e os objetivos das instituições de ensino, os estudantes sentem-se impelidos a seguirem adiante, rumo à graduação ou à completude dos cursos que tenham iniciado.

Embora o termo **permanência** não tenha sido mencionado no artigo, fica bastante claro que, ao explorar a centralidade da sala de aula no processo de êxito estudantil, o autor discorre sobre o tipo de suporte que as instituições de ensino devem fornecer aos seus estudantes para que eles obtenham clareza de objetivos para não desistirem dos estudos e atingirem suas metas educacionais. Ao encontrarem um sentido maior no aprendizado e no seu desenvolvimento intelectual, os estudantes tendem a dar continuidade aos estudos até a graduação e isso caracteriza a **permanência eficaz**, baseada em uma educação bem-sucedida.

- 2015 - “Através dos olhos dos estudantes” / *Through the eyes of students*

Nessa publicação, em que o termo **permanência** é mencionado 15 (quinze) vezes, Vincent Tinto procura focar a necessidade de as instituições de ensino olharem a permanência através do olhar dos estudantes. Segundo o autor, na busca por respostas para questões sobre como melhorar as taxas de permanência estudantil, raramente as instituições de ensino levam em consideração o que de fato a permanência significa para os estudantes. As “lentes” das ações institucionais focalizam o que pode ser feito para que mais dos seus alunos permaneçam ao longo do tempo. Entretanto, as instituições de ensino parecem ignorar o fato de que os estudantes não buscam ser “mantidos” nas faculdades/ universidades. O que eles buscam, de fato, é a persistência nos estudos, seja na instituição na qual ingressaram, seja em alguma outra para a qual tenham conseguido transferência. Embora as perspectivas da instituição e a dos alunos sejam correlatas, na verdade, são diferentes. Os interesses institucionais não são os mesmos interesses dos seus estudantes: as instituições de ensino preocupam-se mais com suas taxas de permanência, já os alunos querem persistir, obter êxito nos estudos e, eventualmente, um diploma de ensino superior.

Dessa forma, é como se existissem dois tipos de persistência: a persistência institucional e a persistência estudantil. O termo **permanência** é, então, mencionado no contexto da necessidade de a persistência institucional ser vista através dos olhos dos estudantes. Em outras palavras, se, ao longo dos anos, a permanência estudantil vem sendo moldada pelas “lentes” institucionais na busca de ações que visam a maiores taxas de permanência, os alunos, por sua vez, buscam estar suficientemente motivados a ponto de persistirem até a completude dos seus estudos.

- 2017- “Reflexões sobre a persistência estudantil” / *Reflections on student persistence*

Nessa publicação, o termo permanência é mencionado 18 (dezoito) vezes. Tinto novamente tece considerações sobre a persistência estudantil enfatizando a necessidade de as instituições de ensino olharem para essa questão através da perspectiva dos alunos. Assim, o autor explora o caráter significativo da motivação do aluno no seu processo de persistência e, conseqüentemente, permanência na instituição de ensino.

Segundo Tinto, por muitos anos, ele e outros pesquisadores buscaram desenvolver teorias para explicar a permanência estudantil pelo viés institucional, lançando questionamentos acerca do que as faculdades e universidades poderiam fazer para melhorar as taxas de permanência. No artigo em questão, ele enfoca o lado dos estudantes, ou seja, o que a permanência significa para eles. Na verdade, os alunos não estão interessados em simplesmente permanecerem na faculdade e comporem melhores taxas de permanência nas instituições de ensino. Eles estão interessados em persistir até a obtenção de um diploma, ou até que consigam transferência de uma instituição para outra. O que mais os estudantes desejam é ter motivação suficiente para dar prosseguimento aos seus estudos e projetos pessoais em termos de educação. Dessa forma, o termo **permanência** é empregado tendo em vista a perspectiva estudantil, que não está interessada na permanência *per se*, mas em encontrarem motivação suficiente para persistir e obter êxito. O papel das instituições de ensino, então, deve ser o de promover um ambiente motivador e acolhedor para seus estudantes, especialmente para aqueles historicamente não vêm obtendo apoio suficiente no ensino superior. Isso significa que as instituições devem desenvolver estratégias que motivem os alunos, que os desafie positivamente, de modo que eles se sintam impelidos a persistir.

A questão que se impõe, então, é a necessidade de as instituições de ensino buscarem a permanência estudantil como uma consequência dos seus esforços por uma educação de qualidade, e não como objetivo primordial. Tendo a clareza do que deveria ser, idealmente, a sua missão educacional, as instituições devem pensar em formas eficazes de promover a motivação dos seus alunos e, para tanto, precisam levar em consideração três aspectos-chave para essa motivação: a autoeficácia estudantil, o senso de pertencimento e a percepção do valor do currículo. Esses três fatores são fundamentais para que os estudantes sintam que, apesar das dificuldades e desafios, eles são capazes de obter êxito e persistir até completarem um curso e obterem um diploma de nível superior.

Como o senso de autoeficácia, o senso de pertencimento e a percepção do valor do currículo são justamente os fatores que levam o aluno a persistir, eles serão analisados mais adiante, juntamente com o termo “persistência”.

2.3 Análise do contexto referente à Persistência Estudantil (Student Persistence)

Tabela 2 - Persistência Estudantil (Student Persistence)

| ANO DE PUBLICAÇÃO | TÍTULO | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS |
|-------------------|---|-----------------------|
| 1973 | “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente” / <i>Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recente research</i> | 99 |
| 1982 | “Limites na teoria e prática na evasão do aluno” / <i>Limits of theory and practice in student attrition</i> | 8 |
| 1987 | “Os princípios da permanência eficaz” / <i>The principles of effective retention</i> | 4 |
| 1988 | “Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante” / <i>Stages of student departure reflection: reflections on the longitudinal character of student leaving</i> | 21 |
| 1994 | “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / <i>Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college</i> | 7 |
| 1997 | “Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / <i>Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence</i> | 71 |
| 1999 | “Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / <i>Taking student retention seriously: rethinking the first year of college</i> | 2 |
| 2000 | “Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos” / <i>Learning better together: the impact of learning</i> | 4 |
| 2001 | “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” / <i>The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement</i> | 1 |
| | “Repensando o primeiro ano de faculdade” / <i>Rethinking the first year of college</i> | 4 |

| | | |
|------|---|-------------|
| 2002 | “Melhorando a persistência do aluno: conectando os pontos” / <i>Enhancing student persistence: connecting the dots</i> | 42 |
| 2003 | “Promovendo a permanência de estudantes através das práticas em sala de aula” / <i>Promoting student retention through classroom practice</i> “Sucesso estudantil e construção de comunidades educativas envolventes” / <i>Student success and the building of involving educational communities</i> | 4 6 |
| 2006 | “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / <i>The assessment of student retention programs</i> “Pesquisa e prática da permanência estudantil: o que vem depois?” / <i>Research and practice of student retention: what next?</i> | 1 36 |
| 2008 | “Quando o acesso não é o suficiente” / <i>When access is not enough</i> | 1 |
| 2012 | “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” / <i>Enhancing student success: taking the classroom success seriously</i> | 0 |
| 2015 | “Através dos olhos dos estudantes” / <i>Through the eyes of students</i> | 38 |
| 2017 | “Reflexões sobre a persistência estudantil” / <i>Reflections on student persistence</i> | 28 |

Fonte: dados da pesquisa.

- DÉCADA DE 1970:

- 1973- *Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recent research* (“Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”)

Curiosamente, em sua publicação mais antiga, intitulada *Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recent research* (“Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”), Tinto utiliza o termo **persistência** 99 (noventa e nove) vezes, antes mesmo de mencionar o termo “permanência”, como se ele fosse uma espécie de “precursor” da permanência estudantil. A persistência do estudante é tratada pelo autor como uma forma de falar na permanência sem mencioná-la, relacionando-a à continuidade, nos

estudos, do aluno dentro da instituição de ensino. Assim como o termo **persistência** é usado nesse sentido, também o termo **persistente** (*persisters*) foi usado como designação para o aluno que persiste nos estudos e não abandona a faculdade. Dessa maneira, o termo **persistência** é usado em oposição à desistência, significando que “persistir” é o contraponto dos processos que levam à desmobilização estudantil.

Um dos focos da pesquisa apresentada na referida publicação foi o efeito do *status* social na persistência do aluno nos estudos. Assim como ocorreu em relação ao termo permanência, o termo **persistência** foi empregado dentro de um contexto em que o *status* social e a renda familiar também seriam fatores determinantes para a permanência do aluno na faculdade. Ao se considerar o *status* social do aluno, o nível de escolaridade paterna também foi levado em conta, principalmente em termos do valor dado à educação superior na família. Além dos fatores social e econômico, também foram levados em consideração o tipo de instituição de ensino superior- faculdades de dois anos ou de quatro anos- e a prevalência, nesses diferentes tipos de instituições, de alunos de diferentes classes sociais. De acordo com os dados de estudos apontados na publicação em questão, a persistência na faculdade está relacionada às medidas de *status* social da família, tendo, além da renda familiar, a escolaridade paterna como um dos possíveis fatores determinantes nas diferenças nas taxas de permanência.

Em suas observações sobre os estudos acerca da influência da renda familiar dos alunos em sua persistência na faculdade, Tinto aponta que, muitas vezes, alunos de baixa renda têm alta capacidade e alto nível de motivação em comparação com outros grupos de alunos na faculdade, o que sugere que a renda ainda é um fator bastante influente na persistência na faculdade, especialmente nas instituições de quatro anos, pois não é o caso de esses alunos desistirem dos estudos por dificuldade intelectual, mas por dificuldades financeiras. Entretanto, Tinto (1973) alerta para o fato de que “escolher a renda ou qualquer outra medida isolada de *status* social tem uma alta probabilidade de subestimar o efeito total do *status* social na persistência na faculdade.”

Ainda de acordo com esses estudos, a questão do *status* social, que está ligada ao nível de escolaridade da família, mostra que, quanto maior o *status* social do estudante, maiores serão as chances de ele optar por ingressar em instituições de ensino superior de quatro anos do que nas de dois anos. O fato de um estudante cursar uma faculdade de quatro anos aumenta a probabilidade de ele completar o curso e se graduar. Na verdade, dois grandes questionamentos são levantados no contexto de uso do termo **persistência**: os efeitos do *status* social e da renda dos estudantes sobre a sua persistência na faculdade. Além disso, um outro viés abordado diz respeito à influência de renda e de *status* social na escolha entre ingressar em faculdades de

dois anos ou nas de quatro anos, bem como as chances de estudantes de diferentes classes sociais persistirem nos estudos até concluírem a graduação, especialmente nas faculdades de quatro anos.

Além das questões concernentes à influência do *status* social e das condições econômicas do estudante na decisão de continuar ou interromper os estudos, Tinto aborda também as características individuais de cada aluno, que parecem estar associadas à sua persistência na faculdade, bem como as características associadas às interações individuais dentro da estrutura da faculdade, e, finalmente, as características das instituições de ensino superior que estariam ligadas à desistência do aluno. Dessa forma, o termo **persistência** também foi utilizado dentro de um contexto em que não somente as características e capacidades individuais dos estudantes, mas também as características das instituições de ensino superior são determinantes nos processos de desistência ou de comprometimento com o objetivo de completar os estudos.

Entre as características individuais que influenciariam na desistência dos estudos está o histórico familiar, que aponta para a relação entre o *status* socioeconômico da família e a evasão estudantil. Especificamente, uma taxa maior de evasão se daria entre os alunos oriundos de famílias de baixa renda em comparação com os estudantes vindos de famílias com melhores condições econômicas, mesmo levando em consideração o fator intelectual.

É importante ressaltar, entretanto, que o *status* social do estudante, de acordo com os estudos analisados por Tinto, também está relacionado ao grau de instrução dos pais. Assim, os alunos que tendem a persistir na faculdade são aqueles cujos pais possuem um melhor nível de instrução. Além disso, algumas pesquisas analisadas por Tinto já no início da década de 1970 demonstraram que o fator econômico isoladamente seria menos determinante da persistência do aluno na faculdade do que o nível de instrução dos pais.

Outro fator importantíssimo apontado pelo autor como sendo determinante da persistência na faculdade seria a qualidade das relações dentro da família do estudante, ou, em outras palavras: os alunos “persistentes” tendem a ser oriundos de famílias em que os pais são mais abertos ao diálogo e dão mais apoio aos seus filhos, sem apresentarem muitos conflitos com eles, além de alimentarem expectativas a respeito de sua educação no futuro. A esse respeito, os níveis de expectativas dos seus pais teriam tanta influência na persistência do estudante quanto as suas próprias expectativas sobre si mesmos.

Um aspecto determinante da persistência estudantil seria a própria “performance educacional” do estudante, que, dentro de uma instituição de ensino superior, seria mais importante do que seu histórico familiar. Entretanto, sua habilidade intelectual e sua

competência seriam apenas algumas de muitas características a serem associadas com a persistência na faculdade. Assim sendo, mesmo não tendo a mesma importância da capacidade intelectual, alguns estudos analisados por Tinto indicaram significativas diferenças atitudinais e de personalidade entre os estudantes que persistem e aqueles que desistem da faculdade. Isso significa que existiriam traços de personalidade marcantes que diferenciam os alunos que persistem dos estudos daqueles que abandonam a faculdade. A persistência, então, estaria também ligada ao comprometimento emocional com a educação, ou seja, os alunos que tendem a desistir seriam aqueles mais instáveis emocionalmente, mais ansiosos e impulsivos do que aqueles que persistem.

Nesses estudos realizados na década de 1970, a questão do gênero pareceu ser também relevante para a persistência na faculdade. Àquela época, apesar das várias mudanças no comportamento das mulheres, as pesquisas apontavam para uma necessidade maior, por parte homens, de se estabelecerem no mercado de trabalho, sendo essa necessidade um ditame social. No caso das mulheres, ainda era rara a decisão de buscar uma carreira, além de ser menos ditada pela sociedade ou pela necessidade econômica. Dessa forma, as mulheres seriam, de certa forma, mais “livres” do que os homens no tocante à pressão para a conclusão dos estudos na faculdade. Isso seria mais uma conquista pessoal do que uma necessidade. Assim, em termos quantitativos, as taxas de persistência entre os homens seriam naturalmente maiores, contabilizando um número maior de homens entre os estudantes que concluíam a graduação. Além disso, a maior parte das desistências por parte das mulheres seriam voluntárias, muito mais do que por reprovação.

Além dos fatores descritos até aqui, outra questão é abordada na publicação em análise: a performance do estudante no Ensino Médio (*High School*), mensurada a partir de suas notas e também de seu rendimento em relação à turma, que seria um preditor da futura performance do estudante na faculdade. Entretanto, Tinto ressalta que:

Uma vez que também é evidente que as características do Ensino Médio, como por exemplo as instalações e a comunidade acadêmica, são fatores importantes nas conquistas do aluno (Dyer, 1968), subentende-se que esses fatores também afetariam a performance do estudante e, conseqüentemente, a persistência na faculdade (TINTO, 1973, p. 51). [tradução livre]

Sendo assim, a partir dessa perspectiva, as características do Ensino Médio são importantes porque elas também afetariam as motivações, expectativas e aspirações do estudante em relação ao Ensino Superior. Em outras palavras, as habilidades e o *status* social do aluno desde o Ensino Médio afetariam as percepções dos alunos acerca de suas capacidades,

bem como suas aspirações futuras acerca dos estudos. Isso estaria intimamente relacionado ao comprometimento do estudante com o objetivo maior de concluir o ensino superior, o que determinaria a sua persistência na faculdade. Como consequência, quanto mais ambiciosos forem os planos dos alunos em relação à sua formação subsequente ao Ensino Médio, maiores as probabilidades de eles persistirem na faculdade. Isso significa que existe uma relação importante entre o nível de comprometimento dos estudantes com a conclusão de um curso superior e a persistência na faculdade.

É de suma importância ressaltar que, por todos os fatores já mencionados, a persistência na faculdade (ou nos estudos de forma geral) não é simplesmente um resultado das características particulares do aluno, ou do seu comprometimento com suas metas educacionais, mas um resultado longitudinal das interações do estudante com a instituição de ensino em que esteja matriculado. Assim, a persistência do estudante parte também de um contexto no qual o aluno esteja integrado à instituição de ensino em que se encontra, o que retira “dos ombros” dos alunos a responsabilidade total pela sua decisão de interromper ou persistir nos estudos. Obviamente, a persistência é determinada por fatores individuais importantes, como as condições socioeconômicas, o histórico familiar em termos de nível de escolaridade dos pais, e as capacidades do estudante, entretanto, os envolvimento e as experiências dentro da faculdade importam e muito na persistência. Esse envolvimento parte da integração do aluno com o sistema educacional da instituição de ensino, que pode ser mensurado tanto pelo rendimento visível nas notas, como também pelo desenvolvimento intelectual do aluno.

Um outro viés associado à persistência estudantil é o da integração acadêmica ligado à performance do aluno em termos de rendimentos nas notas. A partir de dados provenientes de outros pesquisadores, Tinto relatou alguns tipos de comportamento relacionados à performance acadêmica e ao comprometimento do aluno para com a conclusão dos estudos na faculdade. Existiriam, assim, três perfis identificados: 1) o do aluno que têm uma boa performance acadêmica, porém com baixo nível de comprometimento com a conclusão da faculdade; 2) o estudante com baixo rendimento acadêmico, porém com alto grau de comprometimento com a conclusão dos estudos, que tende a persistir até o final do curso, ou até que sejam forçados a sair por regras da própria instituição; 3) alunos com baixo nível de comprometimento acadêmico e baixa a moderada competência nos estudos, que tenderiam se retirar da faculdade e não pedir transferência para outra instituição, ou mesmo reingressar em um outro momento.

A incongruência entre o ambiente institucional (sistema acadêmico da faculdade) e os interesses dos estudantes pode gerar um desenvolvimento intelectual insuficiente, impactando diretamente na não-persistência dos alunos. Tinto (1973), sobre da integração acadêmica do

estudante, afirma que o desenvolvimento intelectual, sendo parte do desenvolvimento da personalidade do indivíduo, parece estar também relacionado à persistência na faculdade, o que significa que a identificação do estudante com o seu curso e a sua evolução intelectual também são essenciais para a persistência. Algumas pesquisas mencionadas por Tinto relataram que os alunos “persistentes” valorizavam mais a educação superior como um processo de aquisição de conhecimento e de desenvolvimento vocacional do que os estudantes que desistiam da faculdade. Nesse sentido, o contexto no qual a persistência é abordada se refere ao envolvimento do estudante com o ambiente acadêmico, envolvimento esse que resulta no seu desenvolvimento intelectual e na valorização da educação na faculdade. Entretanto, Tinto relata que alguns estudos sugeriram que não é a simples ausência de desenvolvimento intelectual ou a sua presença que importam na persistência estudantil, mas o grau de compatibilidade entre o desenvolvimento intelectual do aluno e o clima intelectual da instituição de ensino. Em outras palavras, o contexto em que a persistência estudantil é focalizada é aquele em que os interesses estudantis e os da instituição de ensino são compatíveis, de modo que o estudante não se sinta nem subestimado em termos intelectuais, nem negativamente desafiado, a ponto de desistir dos estudos. Esse fator diferenciaria o abandono voluntário dos estudos do abandono compulsório, provocado pela dificuldade acadêmica e pelo não atendimento das demandas acadêmicas. Dessa forma, alunos poderiam abandonar uma faculdade considerada “mais fraca” para ingressar em uma que atenda às suas expectativas enquanto estudantes, bem como outros estudantes poderiam evadir e buscar outras instituições de ensino não tão exigentes, as quais seriam mais compatíveis com seu grau de dificuldade acadêmica. Em ambos os casos, mesmo que a decisão de evadir parta do estudante, o ambiente da instituição de ensino influencia bastante na persistência ou na partida do aluno.

Uma vez que os índices de comprometimento do aluno são decisivos para a persistência na faculdade, pode-se dizer que a persistência também é afetada pela sua integração no sistema social da instituição de ensino. As interações entre o estudante e seus pares, repletas de diferenças em vários aspectos, tais como histórico familiar, valores e interesses estabelecem uma noção de compatibilidade ou não entre o estudante e o ambiente social na faculdade. A integração social do aluno através de uma rede de apoio de amigos está diretamente relacionada à persistência na faculdade. No entanto, o que importa para a persistência do aluno não é tanto o seu “encaixe” absoluto no ambiente social da instituição de ensino, mas muito mais o desenvolvimento de laços de amizade que sejam, de alguma forma, compatíveis com o ambiente social como um todo dentro da faculdade. Uma vez que a integração acadêmica, sobretudo o rendimento do aluno medido pelas suas notas, é de grande importância, as

interações sociais com os colegas podem influenciar muito na continuidade ou desistência dos estudos, de onde se pode inferir que uma integração social insuficiente pode levar à desistência dos estudos.

Alguns estudos relatados por Tinto revelaram que a integração social proveniente de atividades extracurriculares esteve diretamente relacionada à persistência estudantil. Essas atividades extracurriculares podem proporcionar recompensas tanto sociais quanto acadêmicas, interferindo positivamente na persistência do aluno.

O sistema social da faculdade consiste não apenas de outros estudantes, mas também do corpo docente e de outros funcionários da instituição. De acordo com Tinto (1973), não é de causar surpresa que, dada a maior intimidade do corpo docente com o sistema acadêmico da faculdade, as interações dos alunos com ele estejam relacionadas com a persistência na faculdade, o que gera um maior comprometimento com a instituição.

Tinto menciona também que a persistência de estudantes do sexo feminino estaria mais diretamente relacionada ao desenvolvimento intelectual do que a persistência de estudantes do sexo masculino, o que sugeriria que a interação com o corpo docente parece ser mais importante para o sexo feminino.

Dentre os diversos tipos de interações sociais dentro da faculdade, o autor afirma que as associações entre colegas ou, em outras palavras, o suporte das amigas parece ser o que está mais diretamente relacionado à integração social. Tinto também afirma que, mais do que qualquer forma de integração social, o comprometimento do aluno com a instituição de ensino é que está diretamente ligado à persistência na faculdade. Esse comprometimento ou a falta dele determinaria a decisão entre persistir ou deixar a faculdade. É por esse motivo que baixos níveis de comprometimento com suas metas e também com a instituição de ensino podem vir a ser o fator determinante entre a persistência e a desistência dos estudos em caráter permanente. No entanto, não se pode afirmar que a falta de comprometimento institucional isoladamente seja a causa do abandono. Por outro lado, um comprometimento alto do aluno com seus objetivos educacionais pode levar à persistência dentro de uma instituição de ensino, mesmo que haja pouco comprometimento com a instituição. Dessa maneira, o termo persistência é um sinônimo para uma “fidelidade” do estudante aos seus objetivos, e “persistir” seria um sinônimo de “obter êxito” em relação às metas traçadas pelo estudante.

Além dos fatores referentes às interações que se estabelecem entre os estudantes e seus pares, e também entre os estudantes e a instituição de ensino, as características das instituições de ensino podem ser bastante relevantes no que se refere às taxas de evasão. Desde as instalações da faculdade até os processos de integração social dentro da instituição, as

características da faculdade podem ser bastante relevantes para estimular a persistência. Essas características estão muito ligadas a possíveis incompatibilidades entre o estudante e o ambiente social da faculdade, mais do que qualquer outra falha específica do estudante.

A qualidade da instituição de ensino influencia muito na persistência do estudante. Por qualidade da instituição de ensino, entenda-se a qualidade dos profissionais de educação que nela atuam, bem como a qualidade do ensino. Não é o caso, no entanto, de se comparar instituições de qualidades diferentes, sejam elas instituições de dois anos ou de quatro anos, pois isso poderia mascarar, de alguma forma, as relações entre a qualidade da instituição e seu corpo estudantil, além da performance dos estudantes e da sua consequente persistência. De acordo com alguns estudos relatados por Tinto no artigo em questão, o tamanho da instituição também parece influenciar, de alguma forma na questão da persistência do aluno.

Há que se mencionar novamente a influência do *status* social do aluno sobre a persistência, uma vez que, segundo Tinto (1973):

Já que os estudantes que são dispensados compulsoriamente parecem ser, de alguma forma, de um *status* social mais baixo do que aqueles que se retiram voluntariamente, pode-se alegar que o efeito do *status* social sobre a persistência na faculdade ocorre, nesse caso, não por comprometimento com as metas (já que os estudantes dispensados tendem a ter níveis de comprometimento compatíveis com os dos alunos que persistem) mas através da performance acadêmica (TINTO, 1973, p. 78).
[tradução livre]

Dessa maneira, os programas educacionais que são elaborados para influenciar a performance acadêmica de estudantes cujo histórico social relaciona-se a uma educação deficitária antes do ingresso na faculdade parecem estar na direção correta em termos de melhorar a persistência na faculdade.

Por todas as considerações feitas por Vincent Tinto no referido artigo, publicado no ano de 1973, é perceptível que o termo **persistência** foi empregado em contextos que levaram em consideração características individuais pertinentes ao estudante, como o *status* social, o nível de instrução dos seus pais, o comprometimento com sua meta educacional, a capacidade de lidar com as demandas de uma faculdade, no sentido de adaptação a um novo contexto educacional, no qual existem desafios, principalmente para os alunos com um histórico educacional deficitário. O aspecto financeiro, de acordo com pesquisas relatadas pelo autor, também pareceu permear o contexto da persistência dos estudantes na faculdade, muito embora, isoladamente, o fator financeiro não possa ser considerado como sendo decisivo para persistir ou não. Muito do que foi discutido e analisado no artigo em relação à persistência estudantil diz respeito ao estudante, no entanto, Tinto já começava a abordar também as características das

instituições de ensino, que também influenciam bastante nas questões em torno da persistência. O fato de se reconhecer, mesmo que embrionariamente, que a persistência estudantil não está condicionada somente ao aluno e suas decisões, mas também no papel que as instituições de ensino têm nesse processo, é de suma importância nos estudos sobre permanência estudantil. A persistência estudantil foi abordada no artigo em questão como sendo um processo que leva à permanência. A persistência é, sobretudo, um processo que leva à permanência, e isso é perceptível no artigo de 1973, no qual o autor menciona o termo persistência inúmeras vezes, antes mesmo de falar em taxas de permanência, ou permanência propriamente dita.

Em suma, o contexto no qual o termo **persistência** foi utilizado relaciona-se, no artigo analisado, à persistência do aluno na faculdade e os efeitos do *status* social e econômico sobre a sua persistência e/ou sobre as taxas de persistência. Um enfoque foi dado, também, à influência da performance do aluno nos estudos na sua persistência, bem como a relação entre o papel do corpo docente da instituição de ensino e a persistência dos estudantes. Além disso, o comprometimento do aluno, não só com a instituição de ensino em que está matriculado, mas também com seus próprios objetivos educacionais também foi focalizado como importante fator para a persistência na faculdade.

O aluno que persiste é aquele que vence etapas, uma após a outra, em busca da concretização de seus objetivos pertinentes aos estudos e ao seu crescimento intelectual. O aluno que conclui os estudos é um **persistente**, alguém que opta por não desistir, não interromper, não deixar a instituição de ensino. Persistir é um processo que leva à permanência e, sendo um processo, é mister que se analisem todos os aspectos e fatores que influenciam nesse processo. O que determina a persistência estudantil não são apenas os fatores relativos aos alunos, mas também o papel das instituições de ensino e suas características, igualmente importantes.

Assim, Vincent Tinto, já na década de 1970, divide o “peso” da persistência estudantil entre alunos e instituições de ensino, ressaltando o papel que as instituições têm na persistência de seus estudantes. Persistir é um ato do estudante, mas o ambiente dentro da instituição de ensino e a qualidade da educação ofertada são também decisivos para que o aluno dê continuidade aos estudos até a sua conclusão.

- DÉCADA DE 1980

Mais uma vez, aqui, serão analisadas as publicações *Limits of theory and practice in student attrition* (“Limites na teoria e prática na evasão do aluno”), *The principles of effective*

retention (“Os princípios da permanência eficaz”) e “Estágios da evasão do estudante: *Stages of student departure reflection: reflections on the longitudinal character of student leaving* (“Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante”), porém, a análise de contexto será referente ao termo **persistência**.

- 1982 - *Limits of theory and practice in student attrition* (“Limites na teoria e prática no abandono estudantil”)

O termo **persistência** foi mencionado apenas 08 (oito) vezes ao longo de todo o artigo, em contextos que levam em consideração alguns aspectos que dizem respeito a fatores externos, como a questão financeira dos estudantes, mas principalmente no que diz respeito às ações institucionais no sentido de atender às expectativas e necessidades dos alunos, como veremos adiante.

Ao analisar os limites teóricos das teorias acerca da desmobilização estudantil, Vincent Tinto analisa seu próprio modelo teórico de desmobilização, reconhecendo, por exemplo, que ele não dá a devida ênfase ao papel das finanças no processo de persistência no ensino superior. O autor também reconhece que o seu modelo de desmobilização não diferencia de maneira adequada os processos de transferência de alunos entre instituições e os processos de partida que levam ao abandono da educação de nível superior.

No que tange ao aspecto financeiro e sua relação com a persistência estudantil, Tinto chama atenção para o fato de que os alunos tendem a lidar melhor com fardos financeiros quando eles se sentem estimulados e têm boas experiências educacionais dentro da instituição de ensino. O fardo financeiro parece ser mais pesado quando o estudante tem experiências educacionais insatisfatórias. Além disso, Tinto também ressalta que as necessidades financeiras teriam um maior impacto sobre a desmobilização no início da carreira estudantil dentro da instituição de ensino, quando a meta de se formar ainda está muito distante. Quando a conclusão do curso já está próxima, os alunos tendem a pensar mais nos benefícios da continuidade e no investimento já feito e, assim, os gastos não têm tanto impacto na decisão de persistir na instituição de ensino.

Dessa forma, o emprego do termo **persistência** relacionado à questão das finanças se dá, na publicação de 1982, no sentido de ressaltar que as decisões baseadas no fator financeiro irão influenciar a decisão pela persistência positiva ou negativamente, de acordo com o momento do estudante, no início do curso ou quando ele já está mais perto de se graduar.

Um outro aspecto concernente ao contexto em que o termo persistência foi empregado diz respeito à integração do estudante nos contextos acadêmico e social da faculdade. Isso está relacionado a programas eficazes que integram alunos com históricos educacionais deficitários, no sentido de buscar uma compensação desses déficits na educação pregressa dos estudantes. Essa integração impacta a **persistência educacional**, que se refere ao sucesso estudantil e à harmonia entre as metas e expectativas do estudante e as da instituição de ensino.

Sabendo que a persistência é um reflexo do funcionamento do sistema educacional, Tinto afirma que as taxas de evasão estudantil no ensino superior vinham se mantendo estáveis desde finais do século XIX nos Estados Unidos, e que esse quadro dificilmente seria alterado sem massivas mudanças no sistema educacional do país. Dessa maneira, com o passar dos anos, em especial nas últimas décadas que antecederam a publicação em questão, os investimentos em programas educacionais visando à melhoria da persistência estudantil no ensino superior aumentaram sensivelmente. Entretanto, Tinto dá um destaque especial à questão da permanência a nível institucional, reconhecendo tanto a grande possibilidade de as instituições tomarem ações eficazes na tentativa de estimular a persistência estudantil, quanto os limites das ações institucionais a esse respeito.

Ao considerar tudo o que está ao alcance das instituições de ensino no sentido de melhorar a persistência de seus alunos, o autor alerta para o fato de que as instituições devem levar em conta a heterogeneidade dos estudantes que nelas ingressam, considerando que os alunos entram na faculdade com diferentes expectativas, habilidades, valores e interesses. Nem todos os estudantes possuem as mesmas capacidades intelectuais para concluir um determinado curso, por exemplo. Nem todos os estudantes valorizam a educação superior a ponto de chegarem a concluir a faculdade. Alguns deles simplesmente não se importam suficientemente e logo abandonam o curso. Assim, tentativas institucionais de tornar o ensino superior mais atraente para o estudante às custas de uma queda na qualidade do ensino ofertado poderiam repelir alunos mais preparados intelectualmente.

A longo prazo, as instituições de ensino superior se beneficiariam muito mais pela melhoria na qualidade do ensino ofertado, que é a chave para o sucesso educacional. Isso nos leva à reflexão de Tinto (1982) segundo a qual “a questão apropriada não é se podemos ou devemos lutar para reduzir a evasão; mais do que isso, devemos questionar para quais tipos de estudantes determinadas políticas devem ser desenvolvidas.” A partir dessa reflexão, o autor também afirma que, além de pessoas capazes com históricos educacionais deficitários, o foco da preocupação deveria ser o aluno que ingressa na instituição de ensino com habilidades, interesses e comprometimento em concluir um determinado curso. Mais uma vez, a questão

que se estabelece como sendo mais relevante é a integração intelectual e social do estudante no ambiente acadêmico. Ou seja, os esforços institucionais devem ser no sentido de ofertar uma educação de qualidade, e não apenas “treinar” seus alunos. Esse esforço educacional seria a chave para que os estudantes permaneçam.

Nesse artigo, Tinto já reconhecia o fato de ainda haver muito o que ser pesquisado acerca da desmobilização estudantil. Ele estava no início do mapeamento dos domínios da persistência estudantil no ensino superior, mas já reconhecia a persistência estudantil como resultado direto dos méritos e também das falhas das instituições de ensino superior. Isso reforça a ideia de que a questão central, muito mais importante do que eliminar a evasão estudantil, é a melhora da qualidade da educação e do ambiente acadêmico para estimular a persistência. Sendo assim, no referido artigo, o termo **persistência** no âmbito da educação superior é empregado como sendo o resultado natural dos esforços institucionais para a integração do aluno, tanto social quanto intelectualmente, principalmente a partir do estreitamento das relações entre o corpo docente e os estudantes, tanto dentro como fora da sala de aula.

-1987- *The principles of effective retention* (Os princípios da permanência eficaz)

A palavra **persistência**, na publicação em análise, é mencionada 04 (quatro vezes), e também seus correlatos “persistir” e “persistentes” aparecem na publicação. O termo é empregado no contexto em que as necessidades e dificuldades dos estudantes devem ser acessadas, para que eles possam persistir até a conclusão dos seus estudos. Um exemplo é o caso de quando a persistência é ameaçada pelo contexto da incerteza acarretada pela falta de objetivos claros e definidos, por parte do aluno, ao ingressar na faculdade, o que pode e deve ser acessado pela instituição no sentido de orientar e apoiar o estudante, evitando que ele caia em um processo de desmobilização.

Um outro aspecto abordado no artigo, que envolve o termo **persistência** é o conceito de integração do estudante à comunidade acadêmica a ponto de ele se sentir um membro dessa comunidade. A integração do indivíduo à comunidade acadêmica e o estreitamento de laços com os demais membros fortalecem os laços com a instituição e, por consequência, reforçam a persistência do indivíduo. Isso não apenas gera uma maior integração e senso de afiliação à comunidade educacional, como também aumenta o comprometimento do estudante com a instituição de ensino.

Em termos de comprometimentos, Tinto ressalta que o maior comprometimento que a instituição de ensino pode e deve ter para com o aluno é aquele relacionado ao bem-estar do

estudante dentro da comunidade educacional, tanto no que concerne à sua integração, quanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Assim, o comprometimento da instituição de ensino com o aluno acaba gerando um comprometimento dele para com a instituição, o que nos leva à necessidade de as instituições de ensino observarem a estreita relação entre a persistência estudantil e as experiências que tendem a integrar o aluno à comunidade educacional. Essa observação deve servir para nortear as ações institucionais para o desenvolvimento de programas de permanência bem-sucedidos, nos quais as necessidades e dificuldades dos estudantes sejam atendidas, tanto no aspecto social, quanto no que concerne à sua socialização e integração na comunidade acadêmica.

- 1988- *Stages of student departure: reflections on the longitudinal character of student leaving* (“Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante”)

Nesse artigo, o termo **persistência** é mencionado 21 (vinte e uma) vezes, em sintagmas como “persistência estudantil”, “persistência até a graduação”, “processo longitudinal de persistência estudantil”, “tentativa de persistir”, “processo de persistência institucional”, “processo de persistência”, “persistência na faculdade”, “tarefa de persistência”, “caminho de persistência mais fácil”, “persistência em um momento posterior”, “persistência até a completude do curso”, e “qualidade temporal da persistência”, sendo que alguns repetem-se no texto. Em todas as ocorrências, a palavra permanência foi usada em contextos que enfatizam os processos vivenciados pelos estudantes, de maneira mais “aguda” durante o primeiro ano crítico na faculdade, até a conclusão do curso na faculdade.

Ao analisar as questões que envolvem os processos longitudinais de persistência no artigo em questão, Tinto leva em conta os estágios do abandono institucional, em especial aqueles ligados aos “ritos de passagem” vivenciados pelos estudantes, fazendo uma alusão ao estudo do antropólogo Van Gennep, que os estudou dentro de sociedades tribais. Assim, Tinto destaca que o processo de afiliação do aluno à comunidade dentro da instituição de ensino compreende os estágios de **separação, transição e incorporação**, tais como Van Gennep os descreveu em seu estudo. Esses estágios são determinantes para a adaptação do estudante ao ambiente da faculdade que, muitas vezes, apresenta-se desafiador, tanto no âmbito intelectual quanto no social.

Tinto (1988) afirma que “o ponto de referência ao trabalho de Van Gennep é o que propicia uma forma de pensar sobre o processo longitudinal da persistência estudantil na

faculdade”, o que reforça que o processo de persistência do aluno envolve os mesmos estágios de separação, transição e incorporação descritos pelo antropólogo holandês. A persistência estudantil também é bastante semelhante ao processo de integração social e intelectual que caracteriza a filiação em comunidades humanas. Da mesma maneira, Tinto também menciona a Teoria do Suicídio de Durkheim para caracterizar o abandono estudantil como sendo parecido com o suicídio, no sentido de também refletir uma ausência de contato social e intelectual significativo entre o estudante e os outros membros da comunidade da faculdade:

Quanto mais os grupos a que pertencem se enfraquecem, menos o indivíduo depende deles e, por conseguinte, mais depende apenas de si mesmo para não reconhecer outras regras de conduta que não as que se baseiam em seus interesses privados. Se, portanto, conviermos chamar de egoísmo esse estado em que o eu individual se afirma excessivamente diante do eu social e às expensas deste último, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação descomedida (DURKHEIM, 2004, p. 258-259).

Assim, Tinto estabelece uma relação entre o abandono estudantil devido a um processo de desmobilização dos estudos e da vida social dentro da instituição de ensino ao tipo de suicídio que Durkheim classificou como Suicídio Egoísta.

As referências a Van Gennep e a Durkheim são usadas por Tinto para caracterizar os processos vivenciados pelos estudantes ao se depararem com uma realidade diferente e/ou desafiadora quando ingressam em uma faculdade, o que reforça a necessidade de se pensar nas instituições de ensino como uma extensão da sociedade, o que, de fato, elas são, mesmo que em caráter “micro”. Daí a importância da assistência, por parte da instituição de ensino, ao aluno, assistência essa que deve ser centrada na promoção do bem-estar do estudante a partir de um maior envolvimento com a comunidade acadêmica, de modo a apoiá-lo em suas dificuldades frente aos desafios por ele vivenciados ao longo da sua carreira estudantil.

- DÉCADA DE 1990

- 1994- “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / *Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college*

O termo persistência aparece 07 (sete) vezes ao longo do artigo em sintagmas como “envolvimento estudantil e persistência”, “envolvimento no primeiro ano e persistência”, “persistência subsequente”, “persistência no primeiro e segundo anos” e “diferenças na persistência”, em contextos que apontam para um aumento da persistência dos estudantes em

função de um maior envolvimento acadêmico e social dentro da faculdade, proporcionado por uma experiência de um processo de ensino e aprendizagem significativos. Tal experiência girava em torno da aprendizagem colaborativa, dando um significado muito maior e mais rico aos processos de ensinar e de aprender. Como resultado dessa experiência, as taxas de persistência, tanto no primeiro ano quanto no segundo ano, apresentaram um aumento significativo entre os estudantes que participaram dos grupos de aprendizagem colaborativa, em comparação com as taxas entre estudantes que não participaram.

Tinto ressalta que a experiência de aprendizagem compartilhada em comunidades de aprendizagem não somente “cimenta” novas amizades, mas também cria uma espécie de “liga” que conecta a vida acadêmica e a vida social dos estudantes, principalmente entre os alunos adultos, que têm múltiplas responsabilidades e obrigações para além da faculdade:

Diferentemente dos estudantes que frequentam faculdades residenciais, que normalmente devotam a maior parte do seu tempo, de uma forma ou de outra, à vida da faculdade, os alunos da faculdade não-residencial *Seattle Central Community College* têm que cumprir uma variedade de obrigações fora da faculdade. Para eles, ir para a faculdade é apenas uma entre muitas das tarefas a serem desempenhadas ao longo do dia (TINTO, 1994, p. 23). [tradução livre]

As comunidades de aprendizagem e a aprendizagem colaborativa, desempenham, assim, um papel fundamental no sentido de envolver os estudantes mesmo quando esse envolvimento é dificultado pelas particularidades da vida de cada estudante, principalmente daqueles que não estão imersos na vida acadêmica da mesma forma que os alunos que frequentam faculdades residenciais.

Esse maior envolvimento aumentou o encorajamento para que os estudantes persistissem nos estudos, inclusive no segundo ano. Sendo assim, o termo **persistência** foi usado dentro do contexto do envolvimento dos estudantes entre si e também com o corpo docente, em processos de aprendizagem colaborativa e significativa, dentro de comunidades de aprendizagem.

- 1997- Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / *Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence*

O termo **persistência** tem 71 (setenta e uma) ocorrências ao longo do artigo e, muitas vezes, senão na maioria das menções, está associado ao termo “aprendizagem” (*student learning and persistence*), o que é natural, uma vez que o artigo em questão discorre justamente

sobre os estudos dos impactos das comunidades de aprendizagem no desenvolvimento intelectual dos alunos e também no envolvimento por elas gerado, que impacta na persistência estudantil.

Além da ligação direta com a palavra “aprendizagem”, o termo **persistência** também aparece em construções como “caráter educacional da persistência”, “visões acerca da aprendizagem e sua persistência subsequente”, “persistência subsequente”, “desenvolvimento estudantil e persistência”, “processo temporal de aprendizagem e persistência”, e “processo longitudinal de persistência” em contextos ligados à análise de dados dentro do estudo das comunidades de aprendizagem no Programa de Estudos Coordenados da *Seattle Central Community College (CSPs)*. Assim, os efeitos das dinâmicas dentro de tais comunidades sobre a persistência não somente no primeiro ano, mas também nos anos subsequentes são abordados. Além disso, as diferenças, em termos de persistência, entre os estudantes que participaram das aulas nas comunidades de aprendizagem dentro dos *CSPs* e os que participaram de aulas no esquema regular.

No estudo descrito no artigo, feito por meio de um estudo de caso qualitativo, cinco variáveis provaram ser preditores significativos da persistência: 1) a participação no *CSP*, 2) a média na faculdade, 3) o número de horas de estudo por semana, 4) as percepções acerca do corpo docente e 5) o envolvimento com outros alunos. Dessa maneira, ser membro das comunidades de aprendizagem dentro dos *CSPs* pareceu ser um preditor de persistência estudantil em direção ao segundo ano de faculdade. Isso se deve principalmente às experiências de aprendizagem colaborativa vivenciadas pelos estudantes dentro das comunidades de aprendizagem, o que gera não somente um maior envolvimento dos alunos com seus pares, mas também com o corpo docente. No caso dos estudantes adultos que não cursam faculdades em período integral por estarem inseridos no mercado de trabalho e terem responsabilidades para além da vida acadêmica na faculdade, esse envolvimento dentro das comunidades de aprendizagem talvez seja a maior conexão deles com a vida acadêmica da faculdade. Dessa maneira, a centralidade da sala de aula na persistência desses alunos em particular é um fato a ser ressaltado- a experiência de aprendizagem colaborativa dentro do ambiente da sala de aula vem a ser, talvez, a experiência acadêmica mais consistente que eles podem vivenciar dentro da faculdade. Obviamente, tanto no caso dos alunos que trabalham e têm outras responsabilidades para além da vida acadêmica, como no caso dos alunos que vivenciam integralmente a vida na faculdade, as vivências enriquecedoras das comunidades de aprendizagem são fundamentais para aumentar o envolvimento acadêmico e social dos estudantes e, conseqüentemente, sua persistência.

Um outro aspecto ao qual o termo **persistência** está atrelado no artigo analisado é a questão da **qualidade do esforço estudantil**, que é melhorada a partir da aprendizagem compartilhada dentro das comunidades de aprendizagem. Esse compartilhar de conhecimentos e de experiências promove uma melhoria na aprendizagem, o que leva a uma participação ativa do aluno no processo de aprendizagem e a um maior esforço e dedicação por parte do estudante, resultando em um aumento na persistência. Em outras palavras, a experiência de sala de aula molda a persistência estudantil, sugerindo uma importante relação entre a estrutura da sala de aula, o envolvimento dos alunos e a qualidade do esforço estudantil. Da mesma forma, uma importante relação se estabelece, também, entre a qualidade do esforço estudantil, o aprendizado e a persistência. Mais uma vez, aqui, cabe reafirmar que, para os estudantes que são trabalhadores e não moram nos *campi* onde estudam, o envolvimento acadêmico e social acaba sendo mais difícil, e em contrapartida, a experiência nas comunidades de aprendizagem se mostra bastante eficaz na promoção desse envolvimento:

Quanto mais os estudantes estão envolvidos, tanto academicamente quanto socialmente, nas experiências de aprendizagem compartilhada que os conectam, enquanto aprendizes, com seus colegas, mais suscetíveis eles serão a tornarem-se mais envolvidos no seu próprio aprendizado e a investirem o tempo e a energia necessários para aprenderem (TINTO, 1997, p. 615). [tradução livre]

O artigo também menciona o fato de os preditores significativos de persistência no primeiro ano e no último ano serem o envolvimento estudantil em atividades de aprendizagem, as visões dos alunos acerca da qualidade do ensino, aconselhamento, curso e seu contato com o corpo docente, ou seja: a qualidade da experiência de aprendizagem. Todo esse envolvimento influencia no desenvolvimento estudantil e no processo longitudinal de persistência.

Se pudermos resumir o contexto no qual o termo **persistência** foi empregado no artigo, trata-se de um contexto que enfatiza não somente a centralidade da sala de aula nos processos de aprendizagem compartilhada dentro das comunidades de aprendizagem, mas principalmente o quanto a aprendizagem significativa e envolvente está atrelada à persistência estudantil. Em outras palavras, no artigo, o caráter educacional da persistência é analisado pelo viés das inovações em sala de aula, principalmente aquelas que se baseiam na aprendizagem colaborativa dentro de um currículo melhor explorado através da integração de disciplinas que normalmente são trabalhadas de forma estanque. Nas comunidades de aprendizagem, não somente há integração entre os estudantes e o corpo docente, mas também integração dos diferentes conteúdos que integram o currículo das *community colleges*, o que melhora o esforço do aluno nos estudos e, conseqüentemente, sua probabilidade de persistir.

- 1999 - Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / *Taking student retention seriously: rethinking the first year of college*

O termo **persistência** é mencionado 02 (duas) vezes nesse artigo, sendo empregado no contexto da busca por recursos institucionais que promovam um maior engajamento dos estudantes e, conseqüentemente, a permanência. A persistência é tratada, no texto como uma consequência natural de um maior envolvimento do estudante, tanto intelectual quanto socialmente, o que significa que a persistência dos alunos está diretamente relacionada ao seu êxito nos estudos e na vida acadêmica. O êxito estudantil é o que faz com os alunos persistam e, para que a experiência dos estudantes dentro da instituição de ensino seja bem-sucedida, é de suma importância que as ações institucionais estejam alinhadas às cinco condições básicas para a permanência estudantil, quais sejam as expectativas, o apoio, o *feedback*, a aprendizagem e o envolvimento:

Resumindo, os estudantes estão mais suscetíveis a persistirem quando se encontram em ambientes que estejam comprometidos com seu êxito, que tenham altas expectativas para sua aprendizagem, que proporcionem os apoios acadêmico e social necessários, e *feedback* (retorno) acerca de sua performance, e que os envolva ativamente com os outros alunos e com o corpo docente na aprendizagem (TINTO, 1999, p. 4). [tradução livre].

Não há, então, como dissociar a persistência estudantil do êxito obtido pelos alunos por meio de uma educação eficaz, comprometida com o seu desenvolvimento intelectual e social. Nesse processo, o papel das comunidades de aprendizagem se torna fundamental, pois o envolvimento gerado pelas interações dentro dessas comunidades faz toda a diferença no caminho percorrido pelo estudante ao longo de sua carreira estudantil e, em especial, ao longo do seu “primeiro ano crítico” na faculdade.

- ANOS 2000

- 2000 - Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos” / *Learning better together: the impact of learning communities on student success*

O termo **persistência** é mencionado 04 (quatro) vezes na publicação, no contexto dos relatos sobre a pesquisa acerca das comunidades de aprendizagem, em especial em três instituições de ensino: a Universidade de Washington, a LaGuardia *Community College* (em

Nova Iorque) e a *Seattle Central Community College*. Um estudo conduzido pelo *National Center for Teaching, Learning and Assessment* (Centro Nacional de Docência e Avaliação) abordou o impacto de programas baseados nas comunidades de aprendizagem sobre o comportamento e a persistência de novos alunos nas três instituições de ensino mencionadas. Como era de se imaginar, Vincent Tinto destaca, como já fez em publicações anteriores, a relação estreita que existe entre o aprendizado e a persistência.

A pesquisa em torno da qual o artigo se desdobra revela alguns *insights* importantes sobre a relação entre persistência e aprendizagem, principalmente pela constatação de que os alunos inseridos em comunidades de aprendizagem tendem a formar seus próprios grupos de apoio, que acabam se estendendo para além da sala de aula. Assim, esses estudantes aprendem juntos, tanto dentro quanto fora da sala de aula, o que acaba por criar uma rede de suporte que os ajuda a persistir ao longo do primeiro ano crítico na faculdade. Em outras palavras, o aprendizado se expande para além dos domínios da sala de aula, proporcionando não somente o desenvolvimento intelectual, mas também o desenvolvimento social dos alunos.

Embora a publicação gire em torno dos impactos das comunidades de aprendizagem no desenvolvimento intelectual e social dos alunos, que acabam por melhorar a persistência estudantil, Tinto não procura apresentar as experiências em comunidades de aprendizagem como sendo uma “fórmula milagrosa” para a aprendizagem dos alunos. Obviamente, alguns estudantes e professores acham que as relações de ensino e aprendizagem compartilhadas com outros alunos e outros professores um tanto complicadas. Alguns estudantes não gostam de aprender em grupo. Entretanto, de forma geral, as experiências de aprendizagem compartilhada nas comunidades de aprendizagem parecem melhorar a persistência estudantil.

- 2001 - “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” / *The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement*

Nessa publicação, o termo **permanência** é mencionado 01 (uma) vez. Trata-se da avaliação da eficácia das comunidades de aprendizagem na permanência estudantil, na qual Vincent Tinto ressalta que a utilização de múltiplos métodos ajuda a documentar e a explicar o impacto de um determinado programa (no caso, os de permanência), bem como a descobrir outros objetivos, talvez até objetivos não-intencionais, que podem ter mais impacto no programa do que se esperava inicialmente. Um dos objetos de pesquisa analisados no estudo, uma variante de questionário de estudantes da faculdade George Kuh, sobre a experiência dos

alunos, conseguiu mensurar, por exemplo, a quantidade de atividade que estudantes e corpo docente nas comunidades de aprendizagem em comparação com grupos de controle compostos por indivíduos que não participavam dessas comunidades. Foi possível identificar também que os estudantes de comunidades de aprendizagem dedicaram-se mais às tarefas propostas, o que indica um maior envolvimento. Além disso, as percepções dos estudantes sobre o ambiente, as aulas e outros estudantes na instituição de ensino foram mensuradas.

Os dados quantitativos documentaram os efeitos das comunidades de aprendizagem, porém não explicaram o porquê de esses efeitos ocorrerem. De qualquer maneira, a continuidade da persistência foi examinada, verificando o impacto das comunidades de aprendizagem nesse processo. Dessa maneira, o termo **persistência**, acompanhado pelo substantivo “continuidade”, foi empregado em um contexto no qual os programas baseados em comunidades de aprendizagem podem ter influência sobre a persistência dos alunos ao longo do tempo enquanto eles participam das dinâmicas dentro delas.

- 2001 - “Repensando o primeiro ano de faculdade” / *Rethinking the first year of college*

O termo **persistência** é mencionado 04 (quatro) vezes, em um contexto relacionado ao envolvimento do estudante, no sentido de as relações mais estreitas do aluno com seus pares, com o corpo docente e com outros membros da comunidade acadêmica serem um importante preditor da sua persistência na faculdade. Não apenas o envolvimento social é um preditor da persistência, mas também a aprendizagem, uma vez que, quando aprendem e percebem o valor do aprendizado, os alunos tendem a ficar na instituição de ensino e dar continuidade aos estudos.

Tinto também ressalta o aumento da persistência como um resultado de novos esforços institucionais pela permanência estudantil, embora nem sempre o foco de muitas ações institucionais em prol da permanência não tenha uma natureza essencialmente acadêmica. Sendo assim, mais uma vez Tinto destaca o aumento da persistência estudantil como sendo fruto das interações dentro das comunidades de aprendizagem, que promovem uma maior integração entre os alunos e também dos alunos com o corpo docente, além da sua participação ativa e significativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Por meio das interações sociais e intelectuais dentro das comunidades de aprendizagem, o estudante não apenas experiencia uma aprendizagem significativa, mas também cria uma rede de apoio e de cooperação mútua entre os membros dessas comunidades.

A palavra persistência foi mencionada 04 (quatro) vezes no texto, sempre relacionada aos resultados das ações institucionais que tomam as comunidades de aprendizagem como recurso para a promoção da permanência estudantil.

- 2002 - “Melhorando a persistência estudantil: conectando os pontos” / *Enhancing student persistence: connecting the dots*

Em se tratando de uma publicação cujo tema central é a análise de recursos que podem melhorar a persistência estudantil, não é de surpreender o fato de o termo **persistência** ser mencionado 42 (quarenta e duas) vezes em um artigo não muito extenso. O termo em questão aparece em sintagmas como “persistência e êxito”, “persistência na faculdade”, “persistência melhorada”, “persistência estudantil”, “condições de apoio da persistência”, “impacto sobre a persistência”, “permanência estudantil e aprendizagem”, “impacto na persistência”, “persistência crescente”, “aprendizagem e persistência”, “taxas de persistência”, “análise de persistência”, “persistência e graduação”, “taxas de persistência e graduação”, “acesso e persistência estudantis” e “acesso e persistência”.

A primeira questão que se impõe é o fato de o acesso ao ensino superior não ser uma garantia de que o estudante irá persistir nos estudos até a sua graduação. Tinto reforça, desde as suas considerações iniciais, que o olhar sobre o acesso estudantil ao ensino superior deve ultrapassar a simples entrada na faculdade e ser direcionado no sentido de dar aos alunos as condições necessárias para que eles persistam até a graduação. Essas condições, que foram destacadas por Tinto como sendo as cinco condições fundamentais para a permanência estudantil (expectativas, aconselhamento, apoio, envolvimento e aprendizagem), devem ser contempladas desde o primeiro ano de faculdade.

As cinco condições destacadas pelo autor como basais na promoção da permanência estudantil são, acima de tudo, uma responsabilidade da instituição de ensino. Apesar de os atributos dos alunos importarem no processo de persistência, é papel da instituição proporcionar aos seus estudantes as condições e o ambiente mais adequados possíveis de forma a atenderem às suas necessidades. Serão essas condições que sustentarão os estudantes ao longo de sua carreira estudantil na faculdade até a graduação e, nesse percurso, melhorarão as experiências acadêmicas e sociais dos alunos. Quando pautada nas cinco condições para a permanência, a permanência estudantil se torna, de fato, eficaz, em especial quando a condição “aprendizagem” é contemplada como o foco principal.

Tinto afirma, nessa publicação, que “a aprendizagem sempre foi a chave para a persistência estudantil” e que “os estudantes que aprendem são estudantes que permanecem”. Essa constatação é o cerne da missão educacional bem compreendida, que deveria ser a educação de qualidade, na qual todos os programas de permanência deveriam ser baseados. A verdadeira missão institucional é a da educação levada a sério, e não a missão de manter altas taxas de permanência estudantil. As taxas de permanência deveriam ser o reflexo de um trabalho bem-feito, baseado no suporte social e acadêmico dos estudantes. Tinto ressalta, inclusive, que as ações que tratam da natureza das experiências em sala de aula e do envolvimento dos alunos são as que têm o maior impacto na persistência estudantil. Assim, não é surpresa que o termo persistência apareça repetidas vezes associado ao termo “aprendizagem”, principalmente no que concerne à importância de uma assistência acadêmica que de fato esteja conectada ao currículo e às necessidades dos estudantes para aprenderem esse currículo. Sendo assim, programas de desenvolvimento educacional só têm real impacto sobre a persistência quando de fato integram o estudante ao currículo. Esse é o caso, por exemplo, do intuito das comunidades de aprendizagem, tão mencionadas por Tinto em suas publicações. Trata-se, também, de um processo longitudinal de apoio ao estudante, com o qual as instituições de ensino devem estar comprometidas – desde o acesso do aluno à faculdade até a sua graduação.

- 2003 - “Promovendo a permanência estudantil através das práticas em sala de aula” / *Promoting student retention through classroom practice*

O termo exato **persistência** é mencionado 04 (quatro) vezes na publicação em questão, no entanto, de forma bastante significativa. Por tratar-se de um artigo que aborda a promoção da permanência estudantil através das práticas de sala de aula, uma ênfase é dada às ações institucionais em torno da promoção de uma educação de qualidade, que leva o aluno a persistir na instituição de ensino até a graduação.

A palavra permanência aparece relacionada às cinco condições primordiais para a permanência estudantil, estabelecidas por Tinto, além de ser também mencionada em conexão direta com a palavra “aprendizagem”. Além dessas ocorrências, o termo persistência aparece nas referências bibliográficas.

No caso das menções de Tinto a cada uma das cinco condições para a permanência estudantil (expectativas, apoio, *feedback*, envolvimento e aprendizagem), o termo exato “permanência” é mencionado quando essas condições são mencionadas de uma forma geral,

entretanto, quando ao serem definidas separadamente, o autor utiliza o verbo “persistir” para introduzir cada uma das cinco condições com a oração “estudantes são mais propensos a persistirem e se graduarem”, o que, apesar de não configurar o uso do termo exato “persistência”, mantém o sentido do termo que foi buscado na publicação. O ato de persistir progressivamente e longitudinalmente nos estudos e na instituição de ensino através de um maior e mais significativo envolvimento social e acadêmico configura, obviamente, a persistência do aluno e, muitas vezes, a sua permanência até a graduação.

Quando Tinto menciona, na publicação analisada, as cinco condições para a permanência estudantil, ele o faz no sentido de estabelecer que são essas as condições ideais nas quais os alunos buscam aprender e persistir. Dessa forma, não há como desvincular as cinco condições essenciais para a permanência do processo de aprendizagem, assim como é inevitável estabelecer a conexão entre a persistência estudantil e a aprendizagem significativa e envolvente. Isso justifica a repetição do verbo “persistir” ao se definir cada uma dessas condições. O ato de persistir, ou a permanência em si, é o reflexo do engajamento estudantil no aprendizado, na vida acadêmica e social da instituição de ensino, bem como é o fruto das expectativas e objetivos claros dos alunos em relação à instituição de ensino e ao seu futuro. Tudo isso faz parte de uma construção, da “engrenagem” que se estabelece entre alunos, corpo docente e outros membros da comunidade acadêmica. A provisão de um ambiente ideal, intelectualmente estimulante e socialmente receptivo para os estudantes cabe às instituições de ensino, e é justamente essa responsabilidade institucional que caracteriza a missão educacional levada a sério.

Tinto chama atenção para a importância de as ações institucionais pela permanência não se concentrarem apenas no primeiro ano crítico, mas durante de toda a carreira do estudante na faculdade, de maneira a atenderem às necessidades do corpo discente ao longo do tempo. Assim, o autor faz a associação entre a persistência do aluno e a sua jornada até a graduação, enfatizando as cinco condições para a permanência e as ações tais como as comunidades de aprendizagem como sendo fatores que propiciam uma melhor experiência do aluno dentro da instituição de ensino a longo prazo.

- 2003 - “Sucesso estudantil e construção de comunidades educacionais envolventes” / *Student success and the building of involving educational communities*

Tinto menciona, na referida publicação, que são as experiências vivenciadas pelos alunos após a entrada na instituição de ensino que têm o maior impacto na persistência

estudantil. O termo **persistência** é mencionado 06 (seis) vezes, no contexto dos comprometimentos dos estudantes com a instituição de ensino e vice-versa. No caso dos comprometimentos do aluno com a instituição, cabe dizer que eles podem se modificar ao longo da carreira estudantil, e essas mudanças estão diretamente relacionadas às experiências por ele vivenciadas dentro do ambiente acadêmico, especialmente as que são fruto das interações com seus pares, com o corpo docente e com outros membros da instituição.

O autor também menciona o impacto das finanças na persistência do estudante, principalmente para os alunos da classe trabalhadora, que precisam trabalhar durante o curso na faculdade e, mesmo quando recebem alguma ajuda financeira, essa ajuda implica responsabilidades adicionais ou é insuficiente, ou então levará a encargos financeiros futuros, como no caso dos empréstimos. Tudo isso pode diminuir a probabilidade da persistência continuada.

Um outro aspecto bastante relevante no qual a persistência estudantil é abordada refere-se à integração e à filiação à comunidade acadêmica. São justamente esses dois conceitos, o da integração e o da filiação à comunidade, que melhor descrevem as experiências que impactam a persistência estudantil. A falta de integração social e acadêmica na faculdade é, muitas vezes, decisiva para o isolamento do indivíduo, impedindo-o de viver a vida acadêmica e social na instituição. Esse isolamento impede o aluno de criar laços com seus colegas, com os professores e com outros membros da comunidade, o que aumenta a possibilidade de desmobilização. Essa questão parece ser, segundo o autor, mais importante no caso dos estudantes que são os da primeira geração, em suas famílias, a frequentarem uma faculdade, pois, nesse caso, o valor das interações com o corpo docente, com seus pares e com outros membros da instituição parece ser maior, criando uma espécie de “rede de apoio” mútuo, que servirá para sustentar o estudante em suas dificuldades, sejam elas de ordem intelectual ou social. Muitos estudantes vêm de históricos educacionais deficitários, ou de realidades socioeconômicas desafiadoras, o que torna esse apoio essencial para a persistência continuada, ou seja, para a persistência ao longo de toda a sua carreira na instituição de ensino, até a obtenção do seu diploma de ensino superior.

Tinto ressalta, também, a importância do estabelecimento de uma comunidade de apoio, principalmente no que concerne ao aprendizado, o que nos leva à necessidade de implementação de comunidades de aprendizagem para atender às necessidades dos estudantes, em especial ao longo do primeiro ano crítico. A aprendizagem colaborativa no ensino superior melhora tanto o aprendizado em si, quanto a persistência do estudante, uma vez que um dos princípios básicos dessa aprendizagem colaborativa é justamente um maior envolvimento do

estudante no seu próprio aprendizado, por meio da construção do seu conhecimento de forma conjunta com seus pares e com o corpo docente.

Sendo assim, a palavra **persistência** foi usada poucas vezes na publicação analisada, porém com bastante propriedade, no contexto do envolvimento acadêmico e social do estudante e, sobretudo, do seu desenvolvimento intelectual.

- 2006 - “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / *The assessment of student retention programs*

Nessa publicação, que aborda o tema da elaboração de avaliações institucionais sobre a permanência estudantil, o termo **persistência** foi mencionado apenas 01 (uma) vez, no contexto da avaliação das experiências vivenciadas pelos estudantes ao longo do tempo na instituição de ensino, principalmente levando em consideração os atributos individuais de cada aluno, em diversos segmentos da população estudantil. Além disso, os padrões de persistência e os de abandono também foram analisados a partir de questões de explicação que, dentro do plano de avaliação da permanência estudantil, buscam determinar as causas da desmobilização dos alunos ao longo da carreira na faculdade. Os dados qualitativos obtidos por meio dessas perguntas, seja por meio de entrevistas ou através de questionários a serem respondidos pelos estudantes, também fornecem *insights* acerca das experiências estudantis dentro dos domínios das instituições de ensino.

Tanto ressalta, no artigo, que, apesar de a avaliação ser um componente essencial para o desenvolvimento de programas de permanência bem-sucedidos, muitas instituições de ensino não dão a devida atenção a essa prática, o que dificulta o monitoramento institucional das taxas de permanência estudantil, além de dificultar a identificação dos impactos de programas de permanência sobre os alunos que participam de diferentes tipos de programa dessa natureza. A falta da prática de avaliação constante e longitudinal dificulta, em outras palavras, os impactos dos programas de permanência sobre o aumento das taxas de persistência estudantil entre os alunos que participam desses programas em comparação com os que não se beneficiam deles. Sendo assim, as avaliações das experiências intelectuais e sociais dos estudantes são de suma importância para o rastreamento dos impactos dos programas de permanência sobre o aumento da persistência dos alunos e a diminuição da desmobilização estudantil.

- 2006 - “Pesquisa e prática da permanência do estudante: o que vem depois?” / *Research and practice of student retention: what next?*

O termo **persistência** é mencionado 36 (trinta e seis) vezes no artigo, no contexto dos relatos sobre a evolução dos estudos sobre a permanência estudantil ao longo de quatro décadas até o ano da sua publicação (2006). Assim como ocorreu com o termo “permanência”, a palavra **persistência** foi empregada, de forma bastante recorrente, para expressar a necessidade de se levar as descobertas dos estudos sobre a permanência para o campo da prática, de traduzir essas descobertas em ações institucionais efetivas, em especial sob a forma de um maior envolvimento intelectual e social do estudante dentro da comunidade acadêmica.

Para que ações práticas possam ser conduzidas, é essencial, de acordo com Tinto, que pesquisadores e instituições de ensino se concentrem nos fatores que fazem com que os estudantes persistam. O que importa, de fato, em termos de promoção da permanência estudantil é entender os mecanismos que desencadeiam a persistência do aluno, e não o enfoque na sua desistência e no abandono da instituição de ensino.

O termo **persistência** apareceu no contexto sobre como as experiências vivenciadas pelos estudantes anteriormente ao ingresso na faculdade, bem como após o ingresso na instituição de ensino influenciam e/ou melhoram a persistência estudantil. Isso vai ao encontro da necessidade de se compreender por que os alunos persistem e como as questões de persistência devem ser tratadas na prática. Essa “tradução” dos esforços pela persistência para a prática corrobora a noção segundo a qual a persistência e a permanência estudantis não são imagens espelhadas da desmobilização e do abandono. Trata-se da compreensão de que é fundamental que as ações institucionais sejam moldadas em torno do conceito da integração acadêmica e social dos estudantes, principalmente no que se refere ao envolvimento ativo dos estudantes no processo de aprendizagem. O envolvimento ativo do aluno no processo de aprendizagem e a construção do conhecimento em parceria com o corpo docente e com os seus pares tornam o ambiente da sala de aula um campo fértil de análises sobre os impactos da educação bem-sucedida na persistência estudantil. Para tanto, faz-se necessário que as instituições de ensino invistam no corpo docente e, em especial, no aprimoramento das práticas pedagógicas.

A ênfase na educação bem-sucedida permite um acesso mais profundo às raízes da desmobilização estudantil, não como forma de ênfase no problema, mas como meio de encontrar recursos para combatê-lo através de práticas que melhorem a qualidade das experiências intelectuais e sociais do aluno dentro da instituição de ensino. Dessa maneira, a

palavra **persistência** é usada, de forma recorrente, como sendo não somente um objetivo a ser alcançado, mas o reflexo natural de ações institucionais efetivas pela melhoria da qualidade de vida do estudante ao longo da sua carreira na faculdade.

- 2008 - “Quando o acesso não é o suficiente” / *When access is not enough*

O termo **persistência** é mencionado 01 (uma) vez nesse artigo escrito em parceria com a já mencionada *Carnegie Foundation for Advancement of Teaching* (CFAT), no contexto do reconhecimento da centralidade da sala de aula no processo de permanência do estudante e da necessidade de atender às necessidades dos estudantes, especialmente os que apresentam maior dificuldade acadêmica em função de um déficit educacional anterior ao ingresso na faculdade.

Tinto ressalta a necessidade de adaptação das comunidades de aprendizagem justamente para atender aos estudantes mais despreparados academicamente, promovendo, como é característico nas comunidades de aprendizagem, um apoio mútuo entre os estudantes e o trabalho conjunto com o corpo docente, além da colaboração de professores de diferentes áreas entre si. O resultado desse tipo de melhoria das comunidades de aprendizagem é, naturalmente, a melhoria da performance dos alunos e da persistência.

- 2012 - “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” / *Enhancing student success: taking the classroom success seriously*

Nesse artigo, no qual o termo **persistência** não é mencionado, Vincent Tinto discorre sobre a centralidade da sala de aula no processo de promoção do êxito estudantil na faculdade, especialmente no que se refere às cinco condições essenciais para a permanência estudantil, já mencionadas outras vezes nesta pesquisa: expectativas, *feedback*, apoio, envolvimento e aprendizagem. Essas cinco condições devem ser encaradas como pilares em torno dos quais as experiências dentro da sala de aula se desenvolvem, pois são elas que garantem aos estudantes um ambiente enriquecedor, tanto intelectualmente, quanto socialmente.

Tinto enfatiza que é necessário levar em alta conta as necessidades educacionais de todos os alunos, em especial aqueles de baixa renda e/ou que tenham um histórico educacional deficitário, que torna mais difícil a adaptação às demandas do ensino superior. Quando essas necessidades são supridas, principalmente por meio de programas institucionais, tais como as comunidades de aprendizagem, o aluno sente-se impelido a persistir até a conclusão dos seus estudos. Assim, embora o termo **persistência** não tenha sido mencionado nenhuma vez na

publicação, fica evidente que os esforços institucionais aos quais Tinto faz menção, levando em consideração a importância das interações dentro da sala de aula, são esforços que melhoram a persistência estudantil no primeiro ano crítico e ao longo de toda a carreira estudantil na faculdade.

- 2015 - “Através dos olhos dos estudantes” / *Through the eyes of students*

Nessa publicação, o termo **persistência** tem 38 (trinta e oito) ocorrências e, como o próprio título sugere, Vincent Tinto convida o leitor a uma reflexão acerca da necessidade de as instituições de ensino começarem a encarar a persistência estudantil através dos olhos dos estudantes. Isso porque, segundo o autor, ao longo de anos, a permanência estudantil vem sendo encarada através das “lentes” institucionais, que visam manter o máximo de alunos na faculdade até que se graduem. No entanto, quando se leva em consideração o olhar dos estudantes sobre a persistência, fica muito claro que eles têm interesses diferentes dos interesses institucionais. Os estudantes não querem ser “mantidos” na instituição de ensino até que conclua os estudos. Eles querem encontrar motivação e encorajamento suficientes para fazê-los persistir até que atinjam seus objetivos, seja na instituição na qual ingressaram, seja em alguma outra para a qual tenham sido transferidos. Daí a possibilidade de se inferir que haja dois tipos de persistência: a persistência institucional e a persistência do estudante.

O termo **persistência** é então empregado dentro do contexto das motivações do aluno para dar continuidade aos estudos dentro de uma determinada instituição de ensino, ou em outra, caso haja ingressado em uma instituição de dois anos visando a uma transferência para uma de quatro anos. Em todo caso, o enfoque de Tinto acerca da persistência estudantil nesse artigo são as percepções que os estudantes têm da sua própria persistência e dos seus interesses a médio e longo prazos. Em outras palavras, o termo persistência está diretamente relacionado à motivação que os alunos encontram para persistirem até a conclusão dos estudos. Essa motivação pode ser aumentada a partir das experiências acadêmicas e sociais vivenciadas pelo estudante na instituição de ensino. Da mesma forma, a motivação pode ser diminuída em função dessas mesmas experiências. Assim, o que determinará uma maior ou menor motivação do estudante a persistir será a qualidade das experiências vivenciadas dentro da instituição de ensino, mormente na sala de aula.

Persistência estudantil e motivação são indissociáveis. Na verdade, a própria persistência é uma manifestação da motivação dos estudantes, pois eles se sentem impelidos a dar continuidade aos estudos quando o ambiente educacional é motivador e positivamente

desafiador, de maneira a dar aos alunos a sensação de estarem evoluindo intelectualmente. Dessa forma, as ações institucionais devem ser desenvolvidas no sentido de promover uma maior motivação para que os alunos persistam até a completude dos estudos. Nesse sentido, a consequência natural da motivação dos estudantes é a persistência.

A noção segundo a qual a persistência do estudante e a sua motivação são duas faces da mesma moeda está intimamente ligada à missão institucional bem compreendida, qual seja a da educação bem-sucedida. Repetidas vezes, em suas publicações, Tinto ressalta a relação entre a educação de qualidade e a persistência dos alunos. Quando as instituições levam a sério a sua verdadeira missão, compreendendo que o seu maior comprometimento deve ser com a promoção do êxito estudantil por meio de uma educação de qualidade, e não com as taxas de permanência, a persistência dos seus alunos acontece de forma natural.

A promoção do êxito estudantil, que leva à persistência, deve ser uma construção ao longo de toda a carreira do aluno na instituição de ensino, porém, ela é fundamental no primeiro ano crítico. Levar em consideração o grau de dificuldade acadêmica que os alunos possam apresentar, especialmente no primeiro ano, e buscar ajudar o aluno a cumprir as demandas da faculdade também é tornar a experiência no ensino superior proveitosa para todos os alunos, e não somente para alguns. Compreender as necessidades de apoio acadêmico, de integração social e de senso de autoeficácia por parte dos alunos também é imprescindível para a promoção do êxito dos estudantes. O senso de autoeficácia nada mais é do que a crença na própria capacidade de ser bem-sucedido em determinada tarefa ou situação. Esse senso pode ser adquirido através das experiências e interações dos estudantes dentro da instituição de ensino e, sobretudo, na sala de aula, que, muitas vezes, é o lugar de maior interação, senão o único, entre o aluno e a comunidade acadêmica. Muitos alunos, em especial os que têm outras obrigações fora do ambiente da faculdade, só têm a oportunidade de interagir com os colegas e com os professores durante as aulas, daí a importância de tornar a experiência de aprendizagem em sala de aula o mais enriquecedora possível. Admitir a centralidade da sala de aula nos processos e experiências que moldam a motivação dos alunos talvez seja o passo mais importante em direção à persistência estudantil. Obviamente, a promoção de experiências de aprendizagem enriquecedoras, nas quais o estudante é protagonista do seu próprio aprendizado, é um dos fatores que ajudam a desenvolver, no aluno, o senso de autoeficácia.

A partir da noção de que o senso de autoeficácia e o êxito estudantis são pilares sobre os quais a persistência é construída, Tinto reforça, nesse artigo, a importância da aprendizagem colaborativa e das comunidades de aprendizagem, além de chamar atenção para o fato de os estudantes tenderem a persistir quando eles percebem o valor do currículo que lhes é

apresentado a aprenderem. As relações sociais que se estabelecem dentro e fora de aula, bem como a qualidade da educação ofertada acabam por moldar a persistência dos alunos dentro da instituição de ensino.

- 2017 - “Reflexões sobre a persistência estudantil” / *Reflections on student persistence*

Nessa publicação, o termo **persistência** é mencionado 28 (vinte e oito) vezes, no contexto da motivação dos estudantes, ou, em outras palavras como sendo a consequência natural dessa motivação. Assim, Tinto relaciona a persistência estudantil à qualidade da educação e dos estímulos que eles encontram no ambiente acadêmico. Esses estímulos têm a ver com todos os fatores que motivam os alunos a persistir e obter êxito, seja na obtenção de um diploma ou na transferência para uma outra instituição de ensino superior.

Ao enfatizar a motivação dos estudantes como um fator determinante da persistência, Tinto ressalta três aspectos fundamentais dessa motivação: o **senso de autoeficácia**, o **senso de pertencimento** e a **percepção do valor do currículo**. Na verdade, esses três fatores são o que Tinto nomeou como “as três dimensões-chave da motivação estudantil” e, como tal, devem ser também encaradas como os pilares da persistência dos alunos. A seguir, a definição de cada um desses fatores:

- Autoeficácia

O senso de autoeficácia refere-se à crença de um indivíduo em sua capacidade de ser bem-sucedido em uma determinada tarefa ou situação. Trata-se do resultado do efeito de experiências passadas sobre como os indivíduos percebem a si mesmos e à capacidade de terem algum grau de controle sobre seu ambiente (Tinto, 2017). Quando os estudantes possuem um forte senso de autoeficácia, eles tendem a se comprometer mais com as tarefas que lhes tenham sido propostas, a despendar mais esforço para realizá-las e a persistirem mesmo quando encontram desafios para tanto. Diferentemente, quando não possuem um senso de autoeficácia desenvolvido, os alunos tendem ao desencorajamento e à desistência ao menor sinal de dificuldade. Assim, a autoeficácia é uma condição fundamental para o êxito do estudante: “ (...) a autoeficácia é a base sobre a qual o êxito estudantil é construído. Os alunos têm que acreditar que podem ser bem-sucedidos em seus estudos. Caso contrário, há poucas razões para continuarem a investir em esforços para tanto” (TINTO, 2017). [tradução livre]

Tinto considera que a autoeficácia é maleável e pode ser influenciada pela experiência do aluno, especialmente ao longo do primeiro ano crítico na faculdade. A questão importante sobre esse fato é a necessidade de as instituições de ensino levarem em consideração que nem todos os estudantes possuem um senso de autoeficácia desenvolvido e, dessa forma, é preciso que haja ações institucionais no sentido de proporcionar aos estudantes um ambiente academicamente amigável, que lhes ofereça apoio acadêmico e social para que eles se sintam ao mesmo tempo acolhidos e motivados. Sendo assim, o suporte acadêmico é fundamental para ajudar os alunos em suas dificuldades para atenderem às demandas do ensino superior e as instituições de ensino devem desenvolver os chamados “sistemas de alerta precoces” para identificar os estudantes mais suscetíveis à desmotivação.

- Senso de pertencimento (ou de pertença)

Apesar de o senso de autoeficácia ser essencial para o êxito estudantil, é o senso de pertencimento que fará com que o aluno se torne engajado, tanto academicamente quanto na vida social da faculdade. Segundo Tinto, apesar de o senso de pertencimento ser, algumas vezes, o reflexo de experiências anteriores ao ingresso no ensino superior, ele é majoritariamente influenciado pelo ambiente da instituição de ensino, pelas interações dos estudantes com seus pares, com os professores e outros funcionários que fazem parte do ambiente acadêmico. A sensação de sentir-se como membro de uma comunidade faz com que o aluno se torne mais engajado, academicamente e socialmente: “O resultado do senso de pertencimento geralmente é expresso como um comprometimento que serve para enlaçar o indivíduo ao grupo ou à comunidade mesmo quando os desafios surgem” (TINTO, 2017). [tradução livre]

Por outro lado, a falta de senso de pertencimento, ou o “sentir-se deslocado”, pode levar ao isolamento social e ao afastamento das comunidades de aprendizagem, o que pode prejudicar a performance acadêmica do estudante. Dessa forma, o desenvolvimento de um senso de pertencimento acadêmico e social, principalmente no primeiro ano de faculdade, pode ser um fator facilitador de outras formas de engajamento que melhorem tanto a aprendizagem quanto a persistência.

- O currículo

Quando o estudante consegue perceber o valor do currículo a ser aprendido, ele tende a se sentir motivado. Para tanto, é preciso que o currículo lhe seja apresentado de uma forma

estimulante e significativa, que o faça entender a sua relevância e que lhe desperte interesse. Assim, as práticas pedagógicas devem ser igualmente estimulantes e significativas para que os alunos se sintam envolvidos no processo de aprendizagem de forma ativa, como protagonistas em conjunto com seus pares e com o corpo docente. As comunidades de aprendizagem, a aprendizagem colaborativa, a aprendizagem baseada em problemas e a aprendizagem baseada em projetos são exemplos de práticas que ajudam a ressignificar o currículo e aumentar o seu valor para os alunos. Tais práticas promovem não somente integração acadêmica, mas também integração social.

A percepção do valor do currículo aliada a práticas pedagógicas que promovem o envolvimento do estudante e a sua integração acadêmica e social ajuda na motivação do aluno e também promove um senso de desafio saudável, a partir do qual ele se sente impelido a persistir.

2.4 Análise de contexto referente ao Senso de Pertencimento (Sense of Belonging)

Tabela 3 - Senso de Pertencimento (Sense Of Belonging)

| ANO DE PUBLICAÇÃO | TÍTULO | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS |
|-------------------|---|-----------------------|
| 1973 | “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente” / <i>Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recente research</i> | 0 |
| 1982 | “Limites na teoria e prática na evasão do aluno” / <i>Limits of theory and practice in student attrition</i> | 0 |
| 1987 | “Os princípios da permanência eficaz” / <i>The principles of effective retention</i> | 0 |
| 1988 | “Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante” / <i>Stages of student departure reflection: reflections on the longitudinal character of student leaving</i> | 0 |
| 1994 | “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / <i>Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college</i> | 0 |
| 1997 | “Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / <i>Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence</i> | 0 |
| 1999 | “Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / | 0 |

| | | |
|------|--|----|
| | <i>Taking student retention seriously: rethinking the first year of college</i> | |
| 2000 | “Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos” / <i>Learning better together: the impact of learning</i> | 0 |
| 2001 | “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” / <i>The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement</i> | 0 |
| | “Repensando o primeiro ano de faculdade” / <i>Rethinking the first year of college</i> | 0 |
| 2002 | “Melhorando a persistência do aluno: conectando os pontos” / <i>Enhancing student persistence: connecting the dots</i> | 1 |
| 2003 | “Promovendo a permanência de estudantes através das práticas em sala de aula” / <i>Promoting student retention through classroom practice</i> | 1 |
| | “Sucesso estudantil e construção de comunidades educativas envolventes” / <i>Student success and the building of involving educational communities</i> | 0 |
| 2006 | “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / <i>The assessment of student retention programs</i> | 1 |
| | “Pesquisa e prática da permanência estudantil: o que vem depois?” / <i>Research and practice of student retention: what next?</i> | 1 |
| 2008 | “Quando o acesso não é o suficiente” / <i>When access is not enough</i> | 0 |
| 2012 | “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” / <i>Enhancing student success: taking the classroom success seriously</i> | 0 |
| 2015 | “Através dos olhos dos estudantes” / <i>Through the eyes of students</i> | 26 |
| 2017 | “Reflexões sobre a persistência estudantil” / <i>Reflections on student persistence</i> | 12 |

Fonte: dados da pesquisa.

- DÉCADA DE 1970:

- **1973 - *Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recent research* (“Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”)**

Na publicação *Dropout in higher education: a review and theoretical synthesis of recent research* (“Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”), apesar da ênfase dada às características dos estudantes, em termos de histórico educacional, *status* social e econômico e capacidade de adaptação ao ambiente da faculdade, Tinto não menciona expressão **senso de pertencimento/ pertença** nenhuma vez. Talvez por tratar-se de considerações ainda iniciais acerca das relações estabelecidas pelos alunos e seus pares, bem como com o resto da comunidade acadêmica, o autor não tenha se aprofundado no impacto dessas relações sobre os estudantes e seus processos de adaptação ao ambiente acadêmico.

- DÉCADA DE 1980

- **1982 - *Limits of theory and practice in student attrition* (“Limites na teoria e prática no abandono estudantil”)**

Na publicação em questão, o termo **senso de pertencimento** (ou **de pertença**) não foi mencionado nenhuma vez, embora o autor tenha mencionado, algumas vezes, a importância da integração social e intelectual do estudante para a sua persistência dentro da instituição de ensino.

- **1987 - *The principles of effective retention* (“Os princípios da permanência eficaz”)**

Nesse artigo, apesar de Vincent Tinto enfatizar a importância da integração dos alunos na comunidade educacional por meio do estreitamento dos laços com o corpo docente, tanto dentro como fora da sala de aula, bem como com os outros estudantes e funcionários da instituição, o termo **senso de pertença** (ou **senso de pertencimento**) não foi mencionado nenhuma vez. Entretanto, apesar de o termo específico não ter sido mencionado, o autor mencionou a integração e o sentido de afiliação do aluno à instituição de ensino como um fator crucial para a permanência estudantil.

- 1988 - *Stages of student departure: reflections on the longitudinal character of student leaving* (“Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante”)

O termo **senso de pertença** (ou **senso de pertencimento**) não é mencionado na publicação de 1988, entretanto, a questão do envolvimento dos estudantes na comunidade acadêmica é abordada. Embora o termo exato não apareça no texto, o seu sentido está presente a partir da ênfase dada à importância de um senso de filiação, por parte do estudante, à comunidade acadêmica, em especial no que se refere a rituais de passagem e cerimônias que marquem a transição para a faculdade de forma positiva. Ritos de passagem como uma forma de validação do estudante, que deem um reconhecimento público às conquistas do aluno, como vencer uma etapa difícil nos estudos no primeiro ano crítico, se incorporados aos programas de permanência desenvolvidos pelas instituições de ensino, podem servir para estreitar os laços com a comunidade e com a instituição. Isso traz para o aluno um senso de filiação à comunidade e de envolvimento social e intelectual com seus pares e com o corpo docente, o que favorecerá o seu processo de permanência.

Neste artigo, ao mencionar os estágios de adaptação social descritos por Van Gennep, Tinto (1988) afirma que “a permanência eficaz e o envolvimento dos indivíduos na vida social e intelectual da faculdade são uma única e mesma coisa”. Assim, dentro de um contexto em que as palavras “filiação” e “envolvimento” são usadas para falar da integração do estudante, social e intelectualmente, dentro da instituição de ensino e do reflexo dessa integração na permanência, o “senso de pertença” está presente nessas reflexões de Tinto, mesmo que implicitamente.

- DÉCADA DE 1990

- 1994 - “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes numa faculdade comunitária” / *Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college*

O termo **senso de pertença** (ou **senso de pertencimento**) não foi mencionado nenhuma vez no artigo, entretanto, a noção de importância do envolvimento social e intelectual para a permanência estudantil sim. Em lugar do termo exato, “senso de pertencimento”, Tinto utilizou **senso de envolvimento pessoal na aprendizagem** para relatar as percepções dos estudantes

que participaram das discussões dentro das comunidades de aprendizagem, ressaltando a riqueza das experiências de trocas entre os alunos, seus pares e o corpo docente:

O corpo docente do Programa de Estudos Coordenados trabalhou em conjunto como um time colaborativo em sala de aula. Eles conscientemente buscaram um modelo de aprendizagem para os estudantes que os incluísse como participantes ativos na construção do conhecimento em sala de aula. Assim, eles intencionaram que os estudantes tomassem posse do processo de aprendizagem (TINTO, 1994, p. 22).
[tradução livre]

De certa maneira, o “senso de pertencimento” está presente no texto na medida em que o envolvimento no processo de aprendizagem e também o envolvimento dos alunos com seus pares e com o corpo docente gera maior integração acadêmica e social, o que não deixa de gerar, de alguma forma, um senso de pertencimento no ambiente acadêmico.

- 1997 - Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” / *Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence*

Não há, no artigo, nenhuma menção ao termo **senso de pertença** (ou **senso de pertencimento**). Assim como no artigo de 1994, Tinto enfatiza a questão do maior envolvimento do aluno na vida acadêmica e social da faculdade a partir da sua participação ativa nas atividades e experiências nas comunidades de aprendizagem e, conseqüentemente, o caráter educacional da persistência estudantil. Como a questão do envolvimento na aprendizagem e com a comunidade acadêmica é enfatizado no artigo, podemos inferir que uma noção de “senso de pertencimento (ou de pertença)” está presente no texto, mesmo que de forma implícita.

- 1999 - Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” / *Taking student retention seriously: rethinking the first year of college*

O termo **senso de pertencimento**, ou **senso de pertença** não foi utilizado no artigo, o que não significa que a noção de envolvimento e de pertencimento não esteja presente no texto. Ao contrário: ao enfatizar as cinco condições primordiais para a permanência estudantil, Tinto destaca o **envolvimento** como uma delas, principalmente quando se trata do papel que as comunidades de aprendizagem têm nesse processo.

- ANOS 2000

- **2000 - Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso dos alunos** / *Learning better together: the impact of learning communities on student success*

O termo **senso de pertencimento** (ou **senso de pertença**) não é mencionado no artigo em nenhum momento, no entanto, por tratar-se de uma publicação que destaca estudos acerca de comunidades de aprendizagem, nas quais o aprendizado é compartilhado entre os estudantes, os conteúdos de disciplinas distintas “conversam” entre si, e os alunos tendem a interagir mais entre si e com o corpo docente, a integração no processo de aprendizagem é muito maior. Essa maior integração torna tanto o ensino quanto as relações sociais mais envolventes, promovendo um maior suporte mútuo entre os alunos, o que não deixa de ser, ao menos, um “embrião” da noção de senso de pertencimento.

- **2001 - “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem”** / *The assessment of innovative efforts: lessons from the learning community movement*

Interessante perceber que, apesar de não ser mencionado no texto, o termo **senso de pertencimento** ou, melhor dizendo, o seu sentido, está bastante claro no artigo. Primeiramente porque o autor discorre sobre a avaliação dos impactos de comunidades de aprendizagem na vida acadêmica dos estudantes e, como já foi dito diversas vezes até aqui, a partir da análise de outras publicações de Tinto, as comunidades de aprendizagem melhoram não somente o desenvolvimento intelectual, mas também o desenvolvimento social dos alunos. Esse maior desenvolvimento decorre de um maior envolvimento ou engajamento social, muito característico dos processos dentro das comunidades de aprendizagem. Esse engajamento leva a muitos ganhos na aprendizagem, desenvolvimento de habilidades que envolvem o pensamento complexo e criam um **senso de conexão** entre ideias e assuntos curriculares. Dessa maneira, o senso de conexão mencionado na publicação é tão importante quanto a integração social, pois trata-se de uma maior integração do estudante com o currículo:

Há múltiplos propósitos para as comunidades de aprendizagem, e é por isso que elas são uma espécie de lugar poderoso. O objetivo fundamental das comunidades de aprendizagem é aprofundar o aprendizado, criar um senso de conexão mais profundo

entre ideias e assuntos curriculares, e criar um senso mais profundo de comunidade (TINTO, 2001, p. 1). [tradução livre]

Por todo o exposto até aqui, a partir da análise de publicações que Tinto que abordam as comunidades de aprendizagem, não há como dissociar tais comunidades, pela sua própria natureza, da noção de um maior envolvimento dos estudantes, tanto entre si e o corpo docente, como com o currículo e com a própria instituição. Esse envolvimento certamente implica um maior senso de que a faculdade é, sim, o lugar para todos os alunos, mesmo aqueles que apresentem maior dificuldade de aprendizado e/ou dificuldades de outra ordem.

- 2001- “Repensando o primeiro ano de faculdade” / *Rethinking the first year of college*

O termo **senso de pertença** não apareceu no texto, porém, como em outras publicações anteriores de Vincent Tinto, a ideia de engajamento nos estudos e de envolvimento intelectual e social no ambiente acadêmico está bastante presente no texto, principalmente em função da ênfase nos efeitos das comunidades de aprendizagem na permanência estudantil. Na verdade, seria possível dizer que um dos efeitos das comunidades de aprendizagem é justamente esse senso de pertencimento, não apenas academicamente, mas também e principalmente, socialmente, dando ao aluno o sentido de que a faculdade é seu lugar, mesmo diante de desafios variados.

Dentro do sentido expresso pelo termo **senso de pertencimento**, outros termos são utilizados no texto, tais como **ligação entre os estudantes, envolvimento, afiliação e senso de afiliação**, para exprimir a ideia de conexão dos estudantes com a comunidade acadêmica dentro e fora da sala de aula. Obviamente, como o autor destaca os impactos das comunidades de aprendizagem no processo de persistência dos alunos, a recorrência desses termos está justamente ligada às experiências dentro delas.

- 2002 - “Melhorando a persistência estudantil: conectando os pontos” / *Enhancing student persistence: connecting the dots*

O termo **senso de pertencimento** (ou **senso de pertença**) é mencionado apenas 01 (uma) vez, nas referências bibliográficas, na menção de uma obra intitulada *Latino students' sense of belonging in the college community: Rethinking the concept of integration on campus* (“O senso de pertença dos estudantes latinos na comunidade da faculdade: repensando o conceito da integração no *campus*”). Apesar de a expressão não ser mencionada no corpo do

texto da publicação analisada, o sentido dessa expressão está presente na publicação (de forma semelhante ao que ocorreu em publicações anteriores) a partir do momento em que Tinto ressalta a importância do envolvimento intelectual e social do estudante no ambiente da faculdade:

Ao mesmo tempo, a política institucional deve prover incentivos e recompensas para o corpo docente, assim como para os funcionários, para que trabalhem juntos pela construção de ambientes que promovam um envolvimento ativo e a aprendizagem de todos os estudantes. Deve-se encorajar a construção de parcerias colaborativas no *campus* estimular as muitas habilidades tanto do corpo docente quanto dos profissionais da assistência estudantil (TINTO, 2002, s.p.). [tradução livre]

Claramente, o senso de pertencimento do aluno no ambiente da faculdade deve ser o fruto de uma integração com o corpo docente e com toda a comunidade da faculdade, além de um envolvimento ativo com o currículo e com o processo de aprendizagem, de modo que seu desenvolvimento intelectual e social não somente promova a persistência, como também melhore a qualidade da sua permanência.

- 2003 - “Promovendo a permanência estudantil através das práticas em sala de aula” / *Promoting student retention through classroom practice*

O termo **senso de pertencimento** (ou **senso de pertença**) não foi mencionado no corpo do texto da publicação, porém apareceu 01 (uma) vez nas referências bibliográficas, no título de uma das publicações referenciadas. Entretanto, de forma semelhante ao que ocorreu em outras publicações de Tinto sobre a promoção da permanência estudantil, o sentido desse termo esteve presente no artigo. Ao mencionar o envolvimento como sendo uma das cinco condições primordiais para a permanência estudantil, Tinto discorre sobre a importância de o aluno estar envolvido tanto no processo de aprendizagem, quanto na vida social e acadêmica da faculdade. Sendo assim, não se pode deixar de considerar que a noção de senso de pertencimento se faz presente no texto como sendo fundamental no processo de permanência dos alunos na instituição de ensino.

- 2003 - “Sucesso estudantil e construção de comunidades educacionais envolventes” / *Student success and the building of involving educational communities*

Apesar de não ter sido mencionado na publicação o termo **senso de pertença**, o seu sentido está bastante presente ao longo do texto, uma vez que o autor enfatiza a importância do

envolvimento dos estudantes na vida acadêmica e social da faculdade. Ao mencionar, como título de uma das seções do artigo, a expressão **filiação à comunidade**, Tinto faz uma referência, embora usando outras palavras, ao sentimento de pertença, que é capaz de melhorar as experiências acadêmicas e sociais do aluno ao longo da carreira estudantil, diminuindo a probabilidade de desmobilização e de abandono. Esse senso de pertencimento é justamente o oposto do isolamento que denota uma falta de laços significativos entre o aluno e os membros da comunidade acadêmica.

Em função da ênfase dada ao envolvimento do estudante na comunidade acadêmica como suporte para o seu desenvolvimento intelectual e social, bem como para o enfrentamento de dificuldades e desafios de ordens diversas, fica implícito, no texto, que é o **senso de pertencimento** que irá motivar o aluno a seguir adiante, até a conclusão dos seus estudos na instituição de ensino.

- 2006 - “A avaliação dos programas de permanência estudantil” / *The assessment of student retention programs*

Pela primeira vez em quatro décadas, o termo exato, **senso de pertencimento** (ou **de pertença**), aparece 01 (uma) vez no texto de uma publicação de Tinto. Isso não significa que o sentido contido nessa expressão não tenha estado subentendido em outras publicações, ao contrário, em basicamente todas elas esse sentido esteve presente.

Na publicação em questão, o termo **senso de pertença** é mencionado no contexto da utilização de métodos para coletar informações acerca da visão dos alunos sobre as instituições de ensino, bem como o grau de envolvimento desses estudantes no ambiente acadêmico. Por meio de técnicas de entrevista e de questionários, é possível que as instituições tenham uma ideia a esse respeito. Entretanto, além dessas técnicas de avaliação, outros indícios de falta de engajamento podem ser facilmente identificados, tais como a baixa frequência nas aulas, os atrasos e as idas constantes para casa, no caso de estudantes que moram residem nas faculdades. Entretanto, um indício pouco observado no caso dos alunos residentes nas faculdades é a ausência de objetos decorativos nas paredes e móveis dos dormitórios, o que denota uma falta de conexão entre o estudante e o ambiente à sua volta, ou a falta mesma de senso de pertencimento. Esse fato pode ser um fortíssimo indício de desmobilização e um precursor da decisão de abandonar a instituição.

Assim, embora tendo sido mencionado apenas uma vez ao longo do texto, o termo **senso de pertencimento** aparece como uma expressão-chave no que concerne à identificação

de pistas sobre a desmobilização estudantil. Uma vez que o artigo analisa a questão da elaboração de métodos avaliativos dos programas e das ações em prol da permanência estudantil, o termo em questão tem grande importância na análise do comportamento dos alunos que participam ou não desses programas, como meio de aprimorar os esforços pela permanência.

- 2006 - “Pesquisa e prática da permanência do estudante: o que vem depois?” / *Research and practice of student retention: what next?*

Trata-se de uma publicação que busca revisar os caminhos percorridos por pesquisadores e instituições de ensino em direção à promoção da permanência estudantil por meio de práticas institucionais efetivas no sentido de aumentar as taxas de persistência dos estudantes e de melhorar a qualidade da educação ofertada. De forma semelhante ao que ocorreu em outras publicações de Vincent Tinto, o termo **senso de pertencimento** não foi mencionado no texto do artigo, mas somente 01 (uma) vez, nas referências bibliográficas, no título de uma publicação referenciada. Ainda assim, como em outras publicações do autor, a noção contida nesse termo está presente quando um enfoque é dado à questão do envolvimento dos estudantes no ambiente acadêmico, tanto intelectualmente, quanto socialmente e ao impacto desse envolvimento na permanência estudantil.

Ao focar, no artigo, a importância do envolvimento ativo dos estudantes no processo de aprendizagem, bem como a necessidade de estabelecimento de laços entre alunos, e também entre os estudantes o corpo docente, o autor menciona o engajamento intelectual e social do aluno na instituição de ensino como sendo de suma importância para o processo de persistência estudantil. Tal envolvimento acadêmico e intelectual certamente gera um senso de pertença que sustenta o aluno ao longo de sua carreira na faculdade.

- 2008 - “Quando o acesso não é o suficiente” / *When access is not enough*

O termo **senso de pertencimento** não foi mencionado nesse artigo, apesar de a importância do envolvimento dos alunos em comunidades de aprendizagem adaptadas às suas necessidades acadêmicas. Tinto menciona, inclusive, a experiência conduzida na *La Guardia Community College*, em Nova Iorque, em que essa adaptação para os estudantes mais despreparados academicamente foi feita: “Os estudantes que participaram das comunidades de aprendizagem da *La Guardia* apoiam uns aos outros, enquanto o corpo docente trabalha em

conjunto e com os alunos, assegurando que as atividades conduzidas nos cursos estejam correlacionadas” (TINTO, 2008, s.p.). [tradução livre]

Como essa interação, característica das comunidades de aprendizagem, é enfatizada por Tinto, em especial as interações entre os alunos e seus pares bem como com o corpo docente, promovendo uma melhoria da experiência acadêmica e da performance dos estudantes, parece natural que o senso de pertencimento do estudante ao ambiente acadêmico se dê de forma mais intensa.

- 2012 - “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso da sala de aula” / *Enhancing student success: taking the classroom success seriously*

O artigo não menciona o termo **senso de pertencimento**, entretanto, Vincent Tinto discorre sobre a centralidade da sala de aula no processo de desenvolvimento intelectual dos estudantes, bem como sobre as cinco condições essenciais para a permanência estudantil, expectativas, *feedback*, apoio, envolvimento e aprendizagem. Uma dessas condições, o envolvimento, é de suma importância para a permanência do estudante, uma vez que a permanência eficaz é aquela baseada na educação bem-sucedida e no envolvimento ativo dos alunos no processo de aprendizagem e com a comunidade acadêmica. Dessa maneira, as relações sociais estabelecidas na sala de aula com outros estudantes e com o corpo docente tornam a experiência de aprendizagem mais rica e envolvente, o que acaba por promover o estabelecimento de laços dentro da comunidade. Esses laços naturalmente criam um senso de pertencimento ao ambiente da sala de aula e à instituição de ensino.

- 2015 - “Através dos olhos dos estudantes” / *Through the eyes of students*

Nesse artigo, é a primeira vez em que Vincent Tinto dedica uma seção inteira ao termo **senso de pertencimento** propriamente dito. O termo aparece 26 (vinte e seis) vezes ao longo da publicação, o que não é de causar surpresa, uma vez que, como o título sugere, a publicação trata da questão da permanência estudantil pela perspectiva do estudante, enfatizando os fatores cruciais para a promoção da permanência através de ações institucionais que motivam os alunos a persistirem e obterem êxito.

Ao destacar a necessidade de se olhar a permanência estudantil pela perspectiva dos estudantes, Tinto ressalta, também a importância de proporcionar ao aluno um ambiente e uma qualidade de ensino que desenvolvam nele um senso de autoeficácia, ou seja, o senso de que

eles são capazes de “dar conta” das demandas da faculdade e de obterem êxito em seus objetivos educacionais. O autor elucida, assim, a questão de os interesses das instituições de ensino serem diferentes dos interesses dos estudantes, embora guardem relação entre si. Às instituições de ensino importa o aumento das taxas de permanência de seus alunos até que obtenham. Os estudantes estão preocupados em persistir até que completem seus estudos, seja na mesma instituição de ensino em que ingressaram ou não.

Essa distinção entre os interesses institucionais e os interesses dos estudantes é fundamental para que as instituições de ensino empenhem seus esforços pelo bem-estar dos alunos, proporcionando experiências educacionais enriquecedoras e, sobretudo, motivadoras da persistência estudantil. Não há como desvincular a persistência da motivação, uma vez que alunos motivados são aqueles que encontram razões suficientes para persistirem. Essa motivação se dá como resultado da qualidade das experiências vivenciadas pelos alunos: boas experiências promovem um aumento da motivação; experiências não tão boas têm o efeito contrário. A persistência estudantil, por sua vez, é a manifestação da motivação dos alunos.

Experiências educacionais enriquecedoras são um reflexo da qualidade das relações interpessoais estabelecidas nos processos de aprendizagem e, obviamente, o resultado do envolvimento ativo dos estudantes nos processos de aprendizagem. Em função da relação diretamente proporcional entre qualidade de experiências educacionais e a motivação dos alunos, Tinto torna a mencionar as práticas pedagógicas referentes à aprendizagem colaborativa e às comunidades de aprendizagem, de forma a ressaltar a importância, para os alunos, do estabelecimento de laços com colegas e com o corpo docente dentro e fora da sala de aula. São essas relações interpessoais significativas que darão aos estudantes o senso de pertencimento necessário à persistência até a obtenção do diploma no ensino superior.

Cabe, aqui, ressaltar que, embora tenha sido a primeira publicação em que Tinto menciona enfaticamente o termo **senso de pertencimento** (ou **de pertença**), o significado contido nesse termo esteve presente em muitas de suas publicações anteriores, senão em todas, de forma mais ou menos incisiva. Ao discorrer sobre a importância do envolvimento dos estudantes, no ambiente da faculdade, com seus pares e também com o corpo docente, além do envolvimento ativo no processo de aprendizagem, Tinto está, em outras palavras, ressaltando o senso de envolvimento como fator primordial para a permanência estudantil.

O **senso de pertencimento** nada mais é do que a percepção, por parte do aluno, de que a faculdade é, sim, o seu lugar, apesar de todos os desafios e dificuldades que ele venha a enfrentar no percurso até a obtenção do diploma. Cabe às instituições de ensino criar ambientes

suficientemente motivadores e encorajadores para que seus alunos obtenham êxito e, por consequência, permaneçam até a conclusão dos estudos.

- 2017 - “Reflexões sobre a persistência estudantil” / *Reflections on student persistence*

Nessa publicação, Vincent Tinto dá ao termo **senso de pertencimento** um destaque especial, uma vez que ele é apresentado como sendo um dos pilares da motivação do estudante para persistir, juntamente com o senso de autoeficácia e a percepção de valor do currículo. O termo em questão é mencionado 12 (doze) vezes no artigo.

Em se tratando de senso de pertencimento, Tinto ressalta que o envolvimento, ou engajamento, do estudante na comunidade acadêmica confere também um senso de filiação e, mais do que isso, o senso de que esse aluno é importante para a comunidade. O resultado é um maior comprometimento acadêmico e social, mesmo quando dificuldades e desafios surgem.

Sobre a relação entre o senso de pertencimento e a persistência, Tinto ressalta que o senso de pertença pode se referir tanto a comunidades pequenas dentro da instituição, como, por exemplo, comunidades de alunos oriundos de uma mesma cultura, como pode ser associado à comunidade acadêmica como um todo

O senso de pertencimento pode se referir a comunidades menores dentro da instituição (...) ou, mais amplamente, à instituição de forma geral. Embora as primeiras possam facilitar a persistência, já que podem ajudar a ancorar o estudante a outros estudantes dentro da instituição, é a segunda que está mais diretamente relacionada às motivações do aluno para continuar na instituição (TINTO, 2017, p. 4). [tradução livre]

Independentemente do caráter do envolvimento do estudante em uma comunidade, o fato de sentir-se pertencente a um grupo específico ajuda na motivação para persistir. Por outro lado, ao sentir-se deslocado dentro de uma comunidade, principalmente dentro da comunidade da sala de aula, o aluno torna-se mais propenso a se retirar de algumas atividades pedagógicas, o que compromete a motivação para persistir. O senso de pertencimento, seja em comunidades pequenas, na comunidade da sala de aula, ou na vida acadêmica e social da faculdade, é fundamental para promover o engajamento estudantil, principalmente ao longo do primeiro ano crítico na faculdade.

Em suma, o senso de pertencimento deve ser estimulado em todos os âmbitos da vida do estudante: em pequenas comunidades de colegas com as mesmas vivências, nas comunidades de aprendizagem, na instituição de ensino como um todo. Esse senso aumenta o envolvimento social e acadêmico do aluno, bem como a sua motivação para persistir.

Após a extensa apresentação das ocorrências dos termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** nas dezenove publicações analisadas, bem como da análise dos contextos nos quais esses termos foram empregados ao longo dos anos, o próximo capítulo será dedicado às descobertas deste estudo e à sua relação com questões mais abrangentes sobre a permanência estudantil.

3 PERMANÊNCIA, PERSISTÊNCIA E SENSO DE PERTENCIMENTO NA OBRA DE VINCENT TINTO: A TRIÁDE BASILAR DO ÊXITO ESTUDANTIL

A partir do estudo das dezenove publicações do autor Vincent Tinto que embasaram esta pesquisa, bem como a análise dos contextos nos quais os termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** foram empregados, foi possível chegar a algumas conclusões sobre o caminho percorrido pelo autor em sua virada conceitual crítica em direção à permanência estudantil.

Além das conclusões sobre o percurso de Tinto, ao longo dos anos, em suas pesquisas sobre a permanência, também foi possível delinear alguns aspectos da educação de qualidade, que parece ser a chave para a promoção da permanência e, principalmente do êxito dos alunos ao longo da carreira estudantil nas instituições de ensino.

Primeiramente, cabe, aqui, entender o significado da expressão “êxito estudantil”. É bastante comum relacionarmos o êxito dos estudantes à sua performance acadêmica, principalmente quando essa “performance” é medida por notas e/ ou coeficiente de rendimento dos alunos, ou seja, por resultados numéricos, por meio de notas de avaliações, por exemplo. Entretanto, quando se tem em mente a educação de qualidade, faz-se necessário que procuremos entender melhor esse conceito. Educação de qualidade e êxito estudantil caminham juntos e são, por assim dizer, indissociáveis. Mas, se o êxito estudantil não deve ser necessariamente associado a notas e resultados, como, então, ele deveria ser encarado?

Partindo da premissa segundo a qual o êxito estudantil e a educação de qualidade são, por assim dizer, as “duas faces de uma mesma moeda”, deveríamos compreender o sucesso estudantil como sendo o fruto da aprendizagem bem-sucedida e significativa. Quando o aluno encontra um sentido maior em seu aprendizado, e quando esse aprendizado é dinâmico e repleto de significado, o desenvolvimento intelectual e, por que não dizer, social, do aluno acontece. O desenvolvimento do estudante, não apenas em termos acadêmicos, mas de forma holística, é o que deveria pautar a educação e as ações das instituições de ensino, principalmente quando se trata de promover a permanência estudantil. Temos então, um campo fértil de considerações sobre o que de fato promove a permanência estudantil, que é o êxito dos alunos em seu percurso ao longo da carreira estudantil.

Ao longo do percurso da análise das publicações de Vincent Tinto sobre a permanência estudantil, foi possível perceber que ele não é um estudioso da permanência *per se*, mas um autor que se aprofundou, ao longo dos anos, na questão do êxito estudantil e nas formas de promovê-lo, a partir de ações educacionais que culminem na permanência. Tinto discorre

amplamente sobre o protagonismo do aluno nas questões que envolvem a permanência, mas não no sentido de colocar sobre o estudante todo o peso da responsabilidade pela decisão entre permanecer na instituição de ensino ou sair dela. O protagonismo do aluno, nesse sentido, está no conjunto das suas experiências sociais e acadêmicas dentro da instituição de ensino e na maneira como ele responde a essas experiências. Então, um outro protagonismo emerge: o das instituições de ensino, mais especificamente das *community colleges*, que foram o foco do autor. Cabe às instituições de ensino a responsabilidade e o dever de prover os recursos necessários para que seus alunos possam se sentir dentro de um ambiente menos desafiador e hostil, principalmente em se tratando de estudantes recém-ingressos na faculdade, que estejam fazendo a transição para a educação superior.

Considerar a ampla gama de vivências dos estudantes em sua vida pregressa, anterior ao ingresso na faculdade, bem como as particularidades de cada estudante em termos de dificuldades e aptidões, costumes, tradições religiosas e familiares, etc., é fundamental para criar um ambiente mais socialmente amigável e não tão desafiador em termos acadêmicos. Isso não significa, de forma alguma, que as instituições de ensino devam, por exemplo, “nivelar por baixo” a qualidade da educação ofertada. Ao contrário: é necessário buscar suprir os alunos com o que lhes falta em termos educacionais, para que possam adaptar-se às demandas do ensino superior. Assim, faz-se imprescindível que as faculdades/ universidades repensem suas práticas pedagógicas e os recursos dos quais lançam mão a fim de promover a permanência de seus estudantes até que eles tenham alcançado seus objetivos. Na verdade, é necessário que as práticas de ensino sejam repensadas de forma geral, em todas as instâncias da educação, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Justamente pela importância de atender às necessidades acadêmicas e sociais dos estudantes, principalmente quando se pretende que eles permaneçam na faculdade, se possível, até a obtenção de um diploma, Tinto ressaltou, em sua obra, a implementação de programas de permanência centrados nas comunidades de aprendizagem. Tais programas se pautam no conceito da educação sadia e significativa, na aprendizagem compartilhada e no protagonismo do aluno no processo de construção do conhecimento.

Além do aspecto pedagógico, as comunidades de aprendizagem são também uma forma importante de promoção do engajamento social do aluno, caracterizando-se como ambientes de rico compartilhamento de experiências acadêmicas e sociais, nos quais os estudantes têm a oportunidade de formar uma rede de apoio que conta com seus pares e também com o corpo docente e outros membros da comunidade acadêmica. Esse apoio é essencial para que o aluno se sinta pertencente não somente à instituição de ensino na qual tenha ingressado, mas para que

ele sinta que o ensino superior é para ele, que ele pode ir adiante nos estudos e alcançar suas metas educacionais. Quando pensamos que, em especial nas *community colleges*, a maioria dos estudantes é oriunda de classes sociais desfavorecidas, ou são imigrantes, refugiados ou não, é preciso notar que muitos deles, senão a maioria, são a primeira geração em suas famílias a terem acesso ao ensino superior. Assim, os desafios são muitos: dificuldades financeiras, déficit educacional pregresso, dificuldades de socialização, falta de senso de pertencimento. O papel das instituições de ensino deve ser, então, ajudar seus alunos a fazerem a transição para a faculdade, suprir suas necessidades acadêmicas e sociais, auxiliá-los, por meio de práticas pedagógicas eficazes, em seu desenvolvimento intelectual, e acompanhar de perto seus progressos ao longo da carreira estudantil. Em suma, as instituições de ensino devem fazer o máximo para que os seus alunos sintam que estão no lugar certo, que são pertencentes ao ambiente de uma faculdade.

Esse senso de pertencimento ao ambiente acadêmico tem muito peso nos processos de adaptação e nas decisões dos estudantes acerca de permanecer ou não na instituição de ensino na qual se matricularam. A sensação de fazer parte de um grupo, o sentimento de afiliação, a segurança de uma rede de apoio social e intelectual, tudo isso ajuda na construção do êxito estudantil e, por consequência, na promoção da permanência estudantil. Dessa maneira, começa a ficar mais claro que o êxito estudantil é muito mais do que resultados de excelência, de bons coeficientes de rendimento, de notas altas. O êxito estudantil se revela no conforto do aluno ao se sentir pertencente a um grupo, na sensação de realização ao perceber seu crescimento intelectual proveniente de uma aprendizagem significativa, no sentimento de que uma faculdade pode e deve ser, sim, o seu lugar, se assim ele desejar.

Importante notar que, como Tinto muitas vezes ressaltou em várias publicações, é comum que alguns alunos ingressem em *community colleges* de dois anos, que são, por assim dizer, “mais fáceis”, tanto em termos de ingresso quanto em termos de demandas acadêmicas, com o intuito de, mais adiante, pedirem transferência para instituições de quatro anos. Então, nem sempre o êxito estudantil, do ponto de vista do aluno, é permanecer na mesma instituição até a obtenção do diploma, mas atingir o objetivo ao qual se tenha proposto ao ingressar na faculdade.

Cabe-nos, então, uma reflexão sobre as diferenças entre o conceito de “êxito” do ponto de vista das instituições de ensino e o conceito do ponto de vista dos estudantes. Para as primeiras, o êxito pode estar relacionado à completude dos estudos e obtenção do diploma de nível superior. Para os segundos, o êxito pode ser pura e simplesmente a finalização de um curso ou mesmo a transferência para uma outra faculdade. Nos dois casos, é importante

perceber que a permanência se dá de uma ou de outra forma, a diferença está em que muitas faculdades têm como objetivo maior que seus alunos permaneçam até a graduação. Esse fato também serve para diferenciar a saída do aluno por transferência ou pelo abandono dos estudos propriamente dito.

Tomando a permanência estudantil como a culminância dos processos bem-sucedidos que os alunos vivenciam dentro das instituições de ensino, podemos dizer que ela é fruto da persistência motivada por um profundo senso de pertencimento e de autoeficácia. Assim, torna-se evidente que a permanência, a persistência e o senso de pertencimento compõem uma tríade basilar que sustenta o êxito estudantil. Para obter êxito, o estudante precisa permanecer na instituição de ensino pelo tempo necessário ao alcance de seus objetivos. Para permanecer na instituição de ensino, é necessário que o aluno persista, ao longo do tempo e das dificuldades, em sua caminhada educacional rumo às suas aspirações. Para persistir nos estudos, o estudante precisa enxergar o valor da educação que está recebendo e do currículo que lhe é apresentado e precisa, também, estar suficientemente motivado e envolvido para dedicar-se ao seu próprio desenvolvimento acadêmico e social. O senso de pertencimento do aluno só acontece quando, além de ver sentido em persistir nos estudos e permanecer na instituição de ensino, ele sente que faz parte de uma comunidade na instituição de ensino e, sobretudo, que ele é importante dentro dessa comunidade.

A tríade **permanência-persistência-senso de pertencimento** é a base do êxito estudantil e, como tal, diz respeito ao aluno. Entretanto, se a persistência e a consequente permanência cabem ao aluno, o senso de pertencimento e a motivação devem ser promovidos e, por assim dizer, “alimentados” constantemente pela instituição de ensino. Em outras palavras, é papel das instituições de ensino criar as condições favoráveis para que os estudantes se sintam constantemente acolhidos, motivados e impelidos a persistir. Dessa maneira, cabe ao aluno percorrer o caminho que leva ao alcance dos seus objetivos, mas é dever das instituições de ensino pavimentar essa estrada e tornar possível a caminhada do estudante. Na verdade, o dever das instituições de ensino é pavimentar a estrada a educação para todos os seus alunos, e não somente para alguns.

Considerando que a educação é, ou deveria ser, para todos os que a almejam e não apenas para alguns, Vincent Tinto, desde o início de sua longa caminhada de estudos sobre a permanência, teve a preocupação de fazer um levantamento do perfil dos alunos que ingressavam nas *community colleges*. Assim, já em sua publicação intitulada “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”, de 1973, Tinto abordou não somente os diferentes tipos de abandono estudantil, de características e motivações diversas,

mas também tentou construir um modelo teórico de abandono. Além disso, Tinto buscou as relações entre características individuais de cada aluno e o abandono dos estudos. O autor procurou, também, pontos de identidade entre a Teoria do Suicídio de Durkheim e o abandono estudantil, ressaltando justamente o isolamento dentro da comunidade acadêmica e a falta de senso de pertencimento como fatores relacionados com a desmobilização do estudante.

Na obra de Tinto, é possível identificar uma grande preocupação com as condições às quais os estudantes são submetidos no ambiente educacional no qual eles são convidados a aprender. Não basta apenas identificar as dificuldades dos alunos, é preciso que essas dificuldades sejam mitigadas, ou mesmo erradicadas, na medida do possível. O autor sempre ressaltou nas publicações analisadas que, na busca pela promoção da permanência estudantil, não existem fórmulas milagrosas e nem tudo está diretamente ligado ao alcance da ação institucional. Entretanto, mesmo que fatores externos também sejam determinantes do abandono estudantil, ainda assim é possível tentar suavizar os impactos desses fatores, principalmente para alunos que têm outras responsabilidades para além da faculdade. Uma forma de diminuir esses impactos é justamente tornando o ambiente da faculdade, mais especificamente o da sala de aula, o mais envolvente e pleno de experiências proveitosas possível. A realidade de alguns estudantes, principalmente daqueles que não residem no *campus* e que trabalham, é tal que, muitas vezes, torna o ambiente da sala de aula o único lugar onde eles têm contato com a vida acadêmica, com seus pares e seus professores.

Se observarmos, além do rico conteúdo analisado no capítulo anterior sobre aspectos da permanência e do êxito estudantil, os títulos das dezenove publicações de Tinto que foram a base deste estudo, poderemos facilmente perceber neles uma mudança conceitual crítica ao longo dos anos, no sentido de o autor gradativamente passar a dar foco às questões mais cruciais sobre a permanência estudantil, quais sejam a persistência e o envolvimento dos estudantes na comunidade acadêmica (Quadro 1):

Quadro 1 - Título das Publicações de Vicent Tinto, de 1973 a 2017

| ANO | TÍTULO |
|------|---|
| 1973 | “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente” |
| 1982 | “Limites na teoria e prática no abandono estudantil” |
| 1987 | “Os princípios da permanência eficaz” |
| 1988 | “Estágios da evasão do estudante: reflexões sobre o caráter longitudinal da saída do estudante” |

| | |
|------|---|
| 1994 | “Programas de estudos coordenados: seu efeito sobre o envolvimento dos estudantes em uma <i>community college</i> ” |
| 1997 | “Salas de aula como comunidades: explorando o caráter educacional da persistência estudantil” |
| 1999 | “Levando a permanência estudantil a sério: repensando o primeiro ano de faculdade” |
| 2000 | “Aprendendo melhor juntos: o impacto das comunidades de aprendizagem no sucesso estudantil” |
| 2001 | “Avaliação dos esforços inovadores: lições do movimento das comunidades de aprendizagem” “Repensando o primeiro ano de faculdade” |
| 2002 | “Melhorando a persistência estudantil: conectando os pontos” |
| 2003 | “Promovendo a permanência estudantil através das práticas em sala de aula” “Sucesso estudantil e a construção de comunidades educacionais envolventes” |
| 2006 | “A avaliação dos programas de permanência estudantil” “Pesquisa e prática da permanência estudantil” |
| 2008 | “Quando o acesso não é o suficiente” |
| 2012 | “Aprimorando o sucesso estudantil: levando a sério o sucesso na sala de aula” |
| 2015 | “Através dos olhos dos estudantes” |
| 2017 | “Reflexões sobre a persistência estudantil” |

Fonte: dados da pesquisa.

Por meio da observação dos títulos das publicações, é perceptível não só a mudança conceitual, mas também a visível preocupação de Tinto com o sucesso estudantil, colocando os estudantes no centro das questões sobre os processos de permanência, mas não no sentido de colocar sobre eles a responsabilidade pelo abandono, quando ele ocorre. Ao contrário, o autor trata dos alunos como sendo o ponto focal para o qual as atenções e esforços das instituições de ensino devem ser direcionados. As faculdades e todos os outros tipos de instituições de ensino só existem em função da presença de alunos. Entretanto, não basta que haja alunos em suas salas de aula e corredores, é preciso muito mais. Os estudantes precisam de muito mais. É necessário que as instituições de ensino compreendam que sua missão é muito maior do que a simples manutenção ou aumento de suas taxas de permanência estudantil. A missão e o compromisso de toda e qualquer instituição de ensino é dar aos seus estudantes as condições essenciais para que eles persistam nos estudos, obtenham êxito e permaneçam. Dessa maneira,

a permanência estudantil não precisaria ser um objetivo a ser perseguido, pois seria a consequência natural da educação sadia, significativa e voltada para todos os alunos, principalmente para os que tenham maiores dificuldades, de quaisquer naturezas, para dar continuidade à carreira estudantil. Principalmente a partir do ano de 2006, Tinto passa a mencionar cada vez menos o abandono estudantil em suas publicações, dando cada vez mais ênfase aos fatores que estimulam a persistência dos alunos.

Trazendo os questionamentos e estudos de Vincent Tinto para a educação brasileira, é de necessidade extrema e urgente que se compreenda que, seja uma faculdade, uma universidade, ou uma escola pública que atenda aos alunos da educação básica, a missão precípua das instituições de ensino é a de ofertar educação de qualidade, de modo a promover a permanência e o êxito estudantis. Essa missão consta, inclusive, na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, e na Lei 9394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, nas quais apregoa-se que a educação é um direito de todos e um dever da família e do Estado: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola” (inciso I do art. 206 da Carta Magna e inciso I do art. 3 da LDBEN). Assim, a própria Constituição brasileira determina que a educação seja ofertada com base na igualdade, de maneira que todos possam ter acesso a uma educação de qualidade, independentemente do *status* social ou dos tipos de dificuldades e limitações com as quais lidem. A educação é para todos, mas essa determinação não pode se restringir à teoria, ela deve ser posta em prática por meio de ações afirmativas que garantam a permanência após o acesso às instituições de ensino e o êxito advindo de uma educação sadia e inclusiva.

É importante ressaltar que as pesquisas de Vincent Tinto sobre a permanência estudantil fornecem informações mais do que relevantes, imprescindíveis, para que se possa compreender os mecanismos que levam à desmobilização e ao abandono estudantis e, principalmente, os mecanismos que promovem a motivação e o envolvimento do aluno, seja qual for a esfera educacional em que ele esteja inserido: Educação Básica, Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou Ensino Superior.

É fundamental, também, abordar a questão do acesso às instituições de ensino. Não basta que os alunos ingressem em uma faculdade, universidade ou uma escola pública de educação básica. Importa que eles tenham condições de persistir nos estudos e evoluir social e intelectualmente ao longo da sua carreira estudantil. Tinto lança luz sobre essa questão de forma mais enfática em sua publicação do ano de 2008, intitulada “Quando o acesso não é o suficiente”, abordando o fato de que, para que a permanência se dê de forma eficaz, faz-se

necessário que os estudantes, após o ingresso nas instituições de ensino, encontrem condições propícias para seu desenvolvimento acadêmico e, principalmente, para a superação de dificuldades diversas, que vão desde a dificuldade acadêmica até dificuldades de ordem financeira.

Em suas publicações, Tinto enfatiza que é necessário garantir a permanência do estudante após a entrada no ensino superior, de modo a proporcionar a eles recursos para a mitigação de dificuldades e limitações para que, no caso das faculdades e universidades, o acesso a essas instituições de ensino não se torne, nas palavras do próprio autor, uma “porta giratória”. Assim, não bastam políticas que melhorem o acesso dos estudantes à universidade, mas, mais do que isso, importam as políticas que tornem, de fato, o ensino superior um ambiente para todos os alunos, e não para poucos. É preciso também diminuir os abismos sociais e intelectuais dentro das próprias instituições de ensino, de forma que os alunos não se sintam excluídos, não-pertencentes e não desenvolvam a errônea noção de que estar no ensino superior “não é para eles”.

A análise das publicações de Vincent Tinto sobre a permanência estudantil nos leva, inevitavelmente, ao entendimento da necessidade de as instituições de ensino reverem suas práticas pedagógicas e recursos usados para a promoção da permanência estudantil. É necessário que a permanência estudantil deixe de ser um objetivo a ser perseguido pelas universidades, faculdades e escolas, e passe a ser a consequência natural da promoção de uma educação sadia e inclusiva. Além disso, enquanto a permanência estudantil não for encarada como um processo do qual fazem parte a persistência e o senso de pertencimento dos alunos, dificilmente o problema da desmobilização estudantil poderá ser acessado de forma eficaz. Faz-se imprescindível que o estudante seja o foco das ações, e não as taxas de permanência ou de abandono. É preciso, inclusive, na busca pelas estratégias para que mais alunos permaneçam, que as instituições de ensino procurem entender por que os alunos persistem e permanecem, em vez de voltarem a atenção apenas para o que os leva a desistir dos estudos.

Este é o principal ponto a ser investigado e perseguido: o que motiva o aluno e o encoraja a seguir adiante em sua carreira estudantil? Daí a importância de se estudar a permanência estudantil enquanto um processo vivenciado pelos estudantes, e não como um resultado a ser alcançado pelas instituições de ensino. Enquanto os alunos se sentem motivados, envolvidos e valorizados, a permanência está se processando, mesmo que os estudantes venham a desistir eventualmente. O que importa é o processo de persistir e de permanecer, o tempo em que o aluno ainda está tentando, resistindo às dificuldades. Mesmo que ele venha a se desmobilizar e desistir em algum momento, ele permaneceu durante algum tempo, e esse fato não pode ser

desprezado. A permanência estudantil não se dá somente quando o estudante conclui um curso ou quando ele se gradua, mas sempre que ele decide continuar e não desistir, seja pelo período de tempo que for. Sempre que um aluno persiste em meio às dificuldades, seja por um semestre, por um mês, ou por semanas, a permanência está acontecendo. A permanência estudantil sempre existirá enquanto houver persistência por parte do aluno, mesmo que temporariamente. Infelizmente, esse “tipo” de permanência não é levado em consideração como tal, e o que acaba sendo considerado é a desistência e o abandono dos estudos.

Mais uma vez, cabe lembrar-nos da questão da falsa noção de espelhamento entre a permanência e a evasão estudantis. Concentrar a atenção no abandono dos estudos não ajuda a promover a permanência. A permanência é um processo, ao passo que o abandono dos estudos é um fato consumado e imutável. A permanência estudantil, enquanto um processo que envolve a persistência do estudante e o seu senso de pertencimento à instituição de ensino, jamais será o oposto do abandono. Abandonar os estudos é apenas o final de um processo, não um processo em si, daí ser inviável qualquer termo de comparação entre a permanência e o abandono dos estudos. Se há algum termo de comparação a ser feito, ele seria entre o processo de persistência do estudante, que o leva a permanecer, e o processo de desmobilização estudantil. Esses dois processos, sim, são passíveis de comparação, e Vincent Tinto, ao se debruçar sobre as causas do abandono estudantil, não intencionou enfatizar o abandono *per se*, mas identificar as causas da desmobilização e de buscar recursos para combatê-las, especialmente por meio de iniciativas baseadas em aspectos da promoção de uma educação eficaz e, sobretudo, significativa e envolvente para o estudante.

Ao considerarmos que o abandono dos estudos é o final de um processo, inferimos que esse processo é o de desmobilização, que ocorre por diversos fatores, mas, sobretudo, em função da dificuldade acadêmica e da falta de senso de identificação com o currículo e da falta de senso de pertencimento ao ambiente da instituição de ensino. Assim, o processo de persistência do estudante deve ser o foco das ações institucionais em prol da permanência estudantil. Em outras palavras, identificar os fatores que promovem a motivação do aluno a persistir é tão ou mais importante do que conhecer as causas da desmobilização estudantil. Os fatores que levam à persistência estudantil não estão relacionados somente às aptidões e/ou dificuldades dos alunos, mas sobretudo às condições de aprendizagem e de socialização com as quais eles se deparam nas instituições de ensino. Cabe, então, à instituição de ensino, o desenvolvimento de estratégias de apoio social e acadêmico aos estudantes, com o intuito de proporcionar a eles um ambiente acolhedor e enriquecedor em termos intelectuais. Isso significa dar aos estudantes as condições mínimas de engajamento social e acadêmico dentro da instituição, permitindo-lhes a caminhada

em busca de seus objetivos educacionais. Quando o aluno se sente acolhido e motivado, ele é impelido a persistir e permanecer e, se lhe falta motivação interna para tanto, essa motivação deve ser fomentada pela instituição de ensino por meio de práticas educacionais inclusivas e de ações que promovam uma maior socialização do estudante dentro e fora do ambiente da sala de aula. Tem-se, então, a importância do “tripé” que irá sustentar a caminhada do aluno em seu percurso estudantil: senso de pertencimento, persistência e permanência.

Em função da relevância dos processos que levam ao senso de pertencimento, à persistência e, conseqüentemente, à permanência estudantil, esses termos foram o foco da presente pesquisa e os resultados do levantamento das ocorrências desses termos na obra de Vincent Tinto ao longo de cinco décadas, em termos quantitativos, serão apresentados a seguir, por meio de gráficos.

2.1 Resultados da análise quantitativa das ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento nas publicações de Vincent Tinto

Nesta seção, serão apresentados os dados quantitativos das ocorrências dos termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** através de gráficos, bem como a interpretação dos resultados obtidos pela pesquisa quantitativa dos termos. A seguir, os gráficos referentes a cada um dos termos analisados.

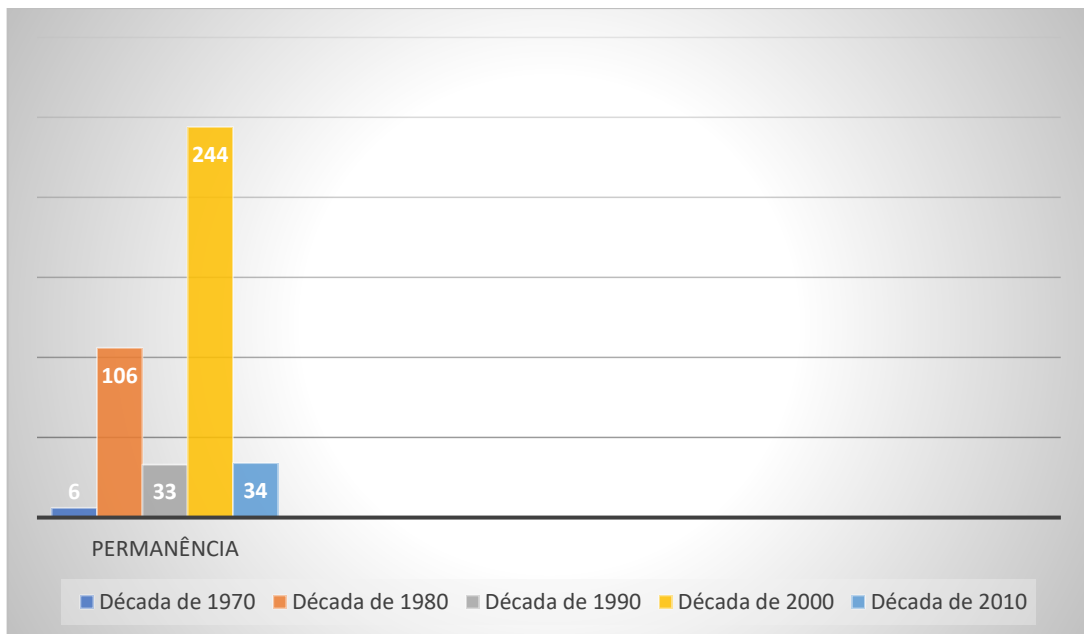


Gráfico 1 - Número de ocorrências do termo permanência.

Fonte: dados da pesquisa.

Como é possível analisar no gráfico de ocorrências do termo **permanência**, o menor número de incidências do termo se dá no início de suas pesquisas acerca da permanência estudantil, na década de 1970. De fato, na publicação de 1973, intitulada “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”, o termo é mencionado poucas vezes na publicação, sendo suplantado pelo termo persistência que, na publicação em questão, aparece como uma espécie de “precursor” da permanência estudantil. Entretanto, mesmo tendo sido mencionado minimamente na primeira publicação do autor sobre o tema, o termo é usado de forma bastante relevante.

Já na década de 1980, a incidência do termo é notoriamente maior, apesar de a maioria das publicações dessa década ainda enfatizarem questões acerca do abandono estudantil. Entretanto, nas publicações da década de 1980, Vincent Tinto já começa a debruçar-se sobre os aspectos que tornam a permanência estudantil verdadeiramente eficaz. Nas décadas de 1990 e de 2010, houve um decréscimo no número de incidências do termo permanência, muito em função da ênfase dada por Tinto ao processo de persistência estudantil em questões sobre a permanência.

É notável a incidência do termo permanência na década de 2000, que é justamente a década em que o autor passa a abordar a temática da importância das práticas em sala de aula para a promoção da permanência estudantil. Esse período é justamente quando o autor começa a estudar a importância e os efeitos das comunidades de aprendizagem na melhoria da qualidade das experiências dos estudantes em sala de aula. A correlação entre a incidência muito maior do termo permanência em uma década em que Tinto começa a pesquisar sobre experiências de comunidades de aprendizagem em algumas *community colleges* estadunidenses é de suma importância no entendimento de que a permanência estudantil precisa ser encarada como um resultado natural das experiências educacionais bem-sucedidas e plenamente vivenciadas pelos alunos ao longo da carreira estudantil. Tal correlação é, então, uma importante chave para o entendimento da permanência estudantil como um processo e uma consequência de vivências exitosas dos alunos nas instituições de ensino, mormente no ambiente da sala de aula, e não como um objetivo a ser perseguido. É importante destacar, também, que, nos anos 2000, mais especificamente a partir do ano de 2006, Tinto passa a utilizar cada vez menos o termo abandono estudantil. Sendo assim, a primeira década dos anos 2000 foi bastante importante no que se refere às pesquisas e descobertas sobre os fatores determinantes da permanência estudantil.

É importante ressaltar aqui, mais uma vez, a questão do termo *student retention*, que é usado por Vincent Tinto em suas publicações para designar a permanência estudantil, uma vez

que, se traduzido ao pé da letra, poderia induzir ao erro de interpretá-lo como “retenção estudantil” com a mesma acepção em que ele é utilizado, no Brasil, ou seja, para designar o impedimento de os estudantes passarem de uma série para a próxima.

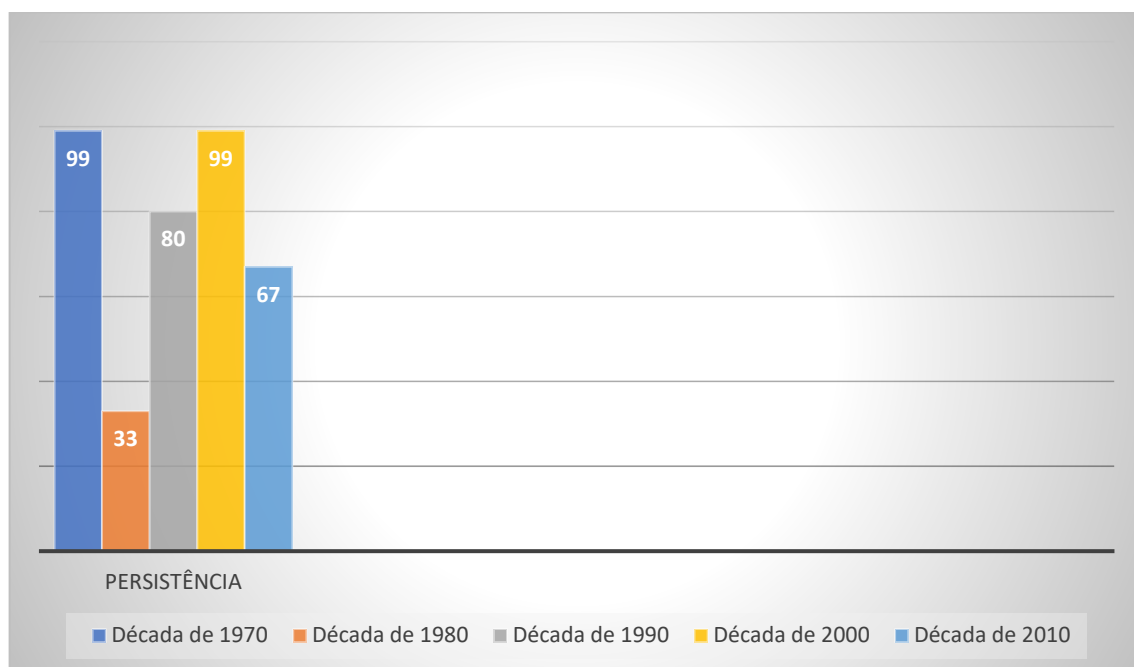


Gráfico 2 - Número de ocorrências do termo persistência.

Fonte: dados da pesquisa.

O termo **persistência**, desde as primeiras publicações de Vincent Tinto sobre a permanência estudantil, sempre foi bastante recorrente em termos quantitativos. Já em sua primeira publicação sobre o tema, “Evasão no ensino superior: uma análise e síntese teórica de uma pesquisa recente”, de 1973, o termo persistência estudantil é mencionado antes mesmo de se falar no termo permanência estudantil, que teve poucas ocorrências na publicação em questão, o que sugere que o processo de persistência do aluno ao longo da carreira estudantil é um precursor determinante da permanência.

Ao analisarmos o gráfico referente ao número de ocorrências do termo persistência (Gráfico 2) ao longo de cinco décadas nas publicações de Tinto, é possível perceber que esse termo manteve uma considerável constância quantitativa, de maneira que sempre esteve presente nas publicações sobre a permanência estudantil de forma importante. Isso nos dá a dimensão do quanto a persistência do estudante é fundamental para que a permanência se estabeleça.

Persistir significa superar desafios e dificuldades e manter-se na decisão de permanecer. Todas as vezes em que um aluno supera desafios e dificuldades, ele persiste e avança para um

outro nível. A permanência estudantil é a consequência da persistência, independentemente de o aluno persistir até a conclusão do curso ou até atingir seu objetivo de conseguir transferência para outra instituição, ou mesmo até que ele considere que as dificuldades são tantas que só lhe reste abandonar os estudos. Enquanto os estudantes estiverem vencendo desafios e dificuldades de toda ordem, enquanto estiverem persistindo apesar das dificuldades acadêmicas e/ou de socialização, eles estarão permanecendo, seja pelo tempo que for. A persistência e a permanência estudantis caminham juntas, em uma relação de simbiose, em que a existência de uma determina a continuidade da outra.

Em função da importante relação entre a persistência e a permanência estudantis, Tinto aborda o papel das instituições de ensino na promoção da persistência e da permanência. Para que os alunos possam persistir e permanecer apesar de todos os desafios que se apresentam a eles, é imprescindível que as instituições de ensino garantam as condições mínimas para que os seus estudantes deem continuidade aos estudos. Essas condições vão desde a detecção precoce dos problemas e das dificuldades, de ordem acadêmica ou não, que os alunos possam vir a enfrentar, até as adaptações importantes das dinâmicas pedagógicas a fim de melhor atender às suas necessidades. Porém, cabe ressaltar que, de todas as providências que as instituições de ensino podem tomar para criar um ambiente amigável, acolhedor e intelectualmente enriquecedor para os seus alunos, o cuidado com práticas pedagógicas mais envolventes e significativas parece ser a medida mais eficaz para o engajamento estudantil e para a superação das dificuldades acadêmicas.

Ao investirem em aspectos importantes na promoção de uma educação de qualidade, as instituições de ensino criam um ambiente acadêmico mais amigável e inclusivo para os estudantes, e Tinto, a partir dos anos 2000, passa a dar ênfase às práticas educacionais que promovem um maior envolvimento dos alunos em sua aprendizagem. Assim, uma ênfase maior passa a ser dada à sala de aula e às relações que se estabelecem dentro e a partir dela, e Tinto começa a dar foco às pesquisas em torno das chamadas comunidades de aprendizagem. A partir da compreensão da importância da qualidade do ensino e das práticas educacionais para a promoção da permanência, o autor lança luz no fato de a persistência e a permanência estudantis serem o resultado natural do envolvimento ativo do aluno na aprendizagem através de práticas envolventes em sala de aula, bem como da percepção, por parte do aluno, do valor do currículo para sua carreira estudantil e para a sua vida.

A persistência estudantil deve, então, ser garantida pelas instituições de ensino através da mitigação das dificuldades dos estudantes e, principalmente, através de práticas educacionais eficazes, envolventes e significativas para os alunos, que os façam sentir pertencentes ao

ambiente acadêmico e que lhes proporcionem um senso de autoeficácia e de êxito nos estudos. Dessa maneira, a persistência estudantil deve ser estimulada por meio do senso de autoeficácia resultante da aprendizagem significativa e eficaz.

Faz-se necessária, então, a compreensão de que a persistência estudantil, tão importante e significativamente presente nas publicações de Tinto sobre a permanência estudantil, deve ser estimulada pelas instituições de ensino através do cumprimento da sua missão educacional, qual seja o da promoção de uma educação mais eficaz e mais inclusiva, de modo que os estudantes se sintam acolhidos, importantes e pertencentes ao ambiente acadêmico. Persistir cabe aos estudantes, mas as condições para a persistência devem ser proporcionadas pelas instituições de ensino.

É interessante perceber, por meio da comparação com os gráficos referentes às ocorrências dos termos permanência (Gráfico 1) e senso de pertencimento (Gráfico 3), o gráfico referente ao termo persistência (Gráfico 2) é o que apresenta menos discrepâncias quantitativas ao longo de cinco décadas, o que denota a importância da persistência estudantil para que se alcance a permanência.

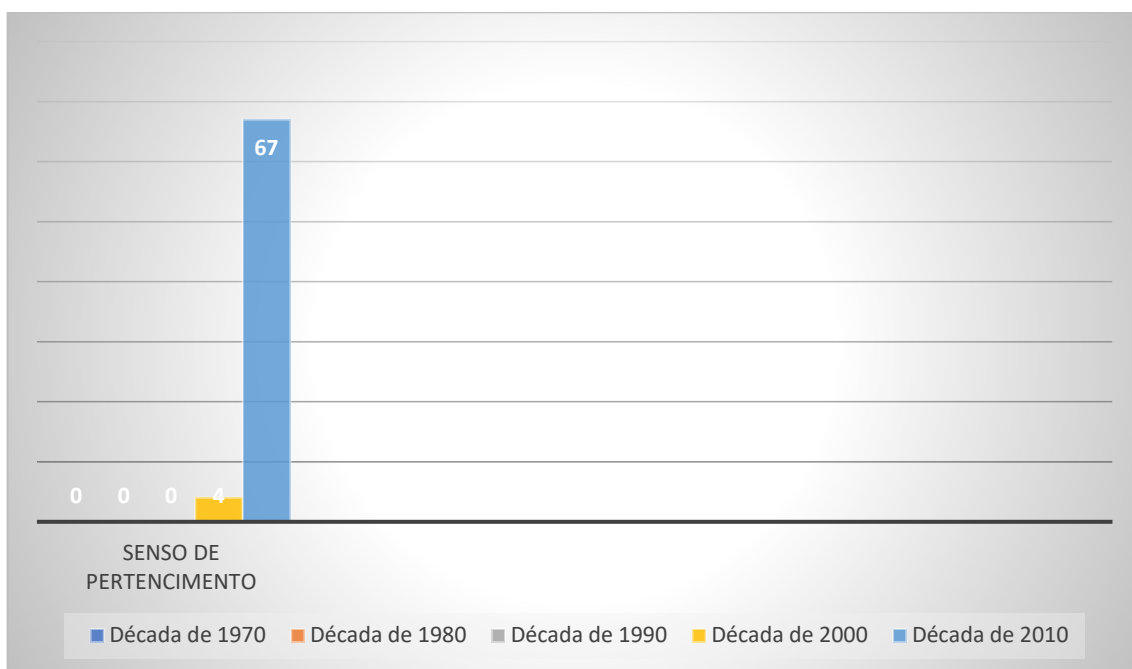


Gráfico 3 - Número de ocorrências do termo senso de pertencimento.

Fonte: dados da pesquisa.

A partir do gráfico referente ao número de ocorrências do termo **senso de pertencimento** (Gráfico 3) nas publicações de Tinto sobre a permanência estudantil ao longo de cinco décadas, nota-se que o termo em questão só aparece, de fato, a partir dos anos 2000, com maior incidência na segunda década, justamente quando Vincent Tinto começa a abordar,

de forma mais intensa o êxito dos alunos como fator de suma importância para a promoção da permanência estudantil. Além da questão do sucesso estudantil, é justamente na segunda década dos anos 2000 que o autor destaca a permanência estudantil vista pelos olhos dos alunos, enfatizando que as instituições de ensino e os estudantes enxergam a permanência estudantil por perspectivas distintas, apesar de correlatas. A maior preocupação das instituições de ensino gira em torno do aumento ou, ao menos, da manutenção das taxas de permanência estudantil, ao passo que a maior preocupação dos alunos é a de obterem êxito e atingirem seus objetivos educacionais, sejam eles relacionados à obtenção de um diploma ou à completude de um determinado curso, ou à transferência para uma outra instituição de ensino. Partindo da constatação das diferenças entre as perspectivas que estudantes e instituições de ensino têm sobre a permanência estudantil, Tinto busca um “ponto pacífico” entre elas, abordando a questão do senso de pertencimento como um dos fatores determinantes da persistência do estudante e da permanência. As instituições de ensino buscam a permanência dos seus estudantes até que eles concluam os cursos para os quais se inscreveram, ou, de preferência, até a graduação; os estudantes buscam atingir seus objetivos educacionais, sobretudo a partir do senso de autoeficácia e da percepção de que a faculdade é, sim, um lugar para eles, se eles assim quiserem, e de que eles são importantes para as instituições de ensino nas quais estejam matriculados.

Apesar de o termo senso de pertencimento não ter sido mencionado nenhuma vez ao longo de três décadas, tendo aparecido na obra de Tinto a partir dos anos 2000, a noção de senso de pertença sempre esteve presente nas publicações do autor, principalmente a partir do momento em que os fatores que levam à desmobilização dos alunos começaram a ser identificados em suas pesquisas. Para que o abandono estudantil seja combatido, é preciso que suas raízes sejam identificadas e as instituições de ensino possam tomar providências eficazes para promoverem um maior engajamento dos estudantes na vida social e acadêmica da faculdade. Assim, a partir do reconhecimento da centralidade da sala de aula e das relações estabelecidas entre alunos, professores e demais membros da comunidade acadêmica, já se reconhece um embrião da noção do senso de pertencimento e da sua importância para a persistência e conseqüente permanência do aluno na instituição de ensino.

O fato de o termo senso de pertencimento ter sido mencionado de forma mais ostensiva na segunda década dos anos 2000 parece ser uma espécie de validação das teorias de Tinto acerca da importância do envolvimento social e acadêmico do aluno para a sua persistência nos estudos e para a promoção da permanência. Ao intensificar a questão do senso de pertencimento nas publicações mais recentes, o autor corrobora a noção de que a permanência estudantil não

deve ser um objetivo a ser perseguido pelas instituições de ensino, mas sim a consequência natural da missão educacional levada a sério e do êxito estudantil como fruto de um maior envolvimento intelectual e social do aluno no ambiente acadêmico.

Quase como uma descoberta, ou conclusão de seus estudos, Tinto aborda a questão do senso de pertencimento em suas publicações mais recentes, como se fosse a “peça” que faltava ser incluída nas engrenagens da permanência estudantil. Através do senso de pertencimento, o aluno encontra razão e motivação suficientes para persistir e permanecer. Por essa razão, o fato de o termo **senso de pertencimento** propriamente dito ter aparecido de forma massiva apenas nas publicações mais recentes do autor denota que esse conceito é uma peça fundamental, senão a chave para a promoção da permanência estudantil apesar de, curiosamente, o termo não ter sido mencionado ao longo de décadas de estudo.

3.2 Uma visão geral das ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento na obra de Vincent Tinto

Após a análise quantitativa de cada um dos termos em questão discriminadamente, uma análise quantitativa geral das ocorrências desses termos será feita, levando em consideração a forma como esses termos foram utilizados por Tinto ao longo de cinco décadas:

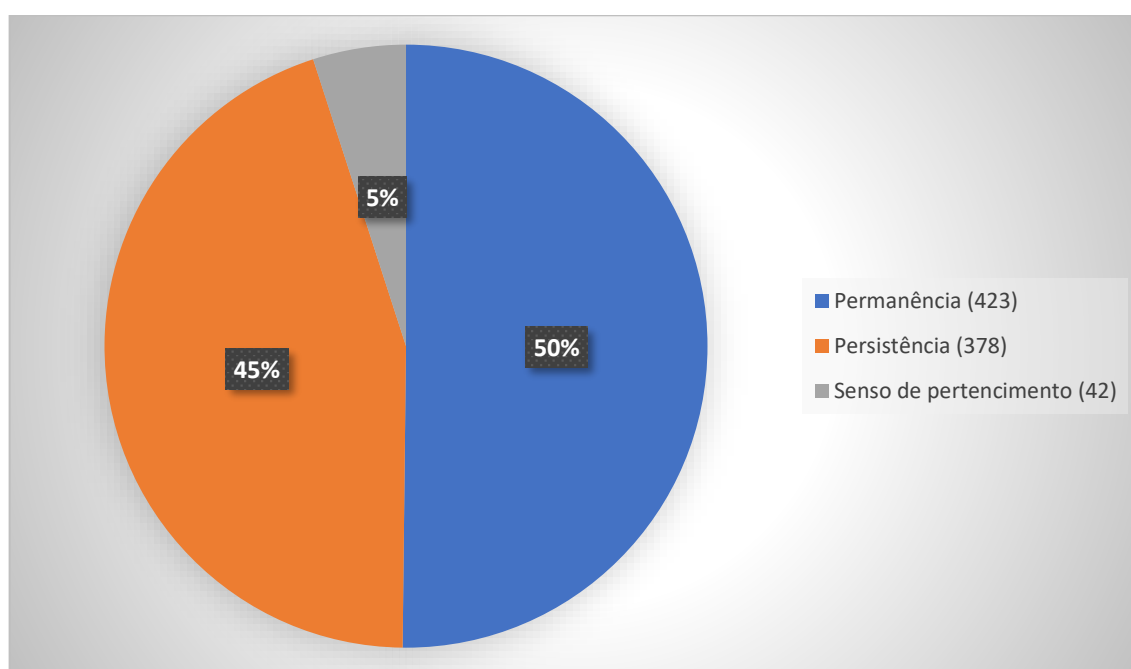


Gráfico 4 - Número total de ocorrências dos termos Permanência, Persistência e Senso de Pertencimento.

Fonte: dados da pesquisa.

Ao analisarmos a totalidade das ocorrências dos termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** ao longo de cinco décadas nas publicações de Vincent Tinto, é perceptível um certo equilíbrio quantitativo entre os termos permanência e persistência, o que denota a já mencionada “relação de simbiose” entre eles, uma vez que, para que a permanência estudantil se dê, é necessário que os alunos persistam ao longo do tempo e das dificuldades, vencendo desafios e criando conexões importantes dentro do ambiente acadêmico, que os façam sentir que a educação superior é, sim, para eles.

Como já mencionado anteriormente, o termo **senso de pertencimento** é mencionado, de fato, somente a partir dos anos dos anos 2000, em especial na segunda década, mas as questões pertinentes ao envolvimento estudantil nos processos de aprendizagem e na vida social e acadêmica da faculdade sempre nortearam as pesquisas do autor na busca pelos fatores que determinam a permanência estudantil. Não obstante, como já foi enfatizado anteriormente, a noção de senso de pertencimento ou de pertença sempre esteve presente nas publicações de Tinto, uma vez que o autor sempre destacou a importância do envolvimento dos estudantes acadêmica e socialmente na instituição de ensino, tanto dentro quanto fora do ambiente da sala de aula, o que aumenta a motivação dos alunos a persistirem e permanecerem.

Dessa maneira, são perceptíveis as relações entre os três termos, que denotam o fato de a permanência estudantil ser a consequência de atos de persistência ao longo do tempo interligados e fortalecidos pelo senso de pertencimento dos alunos. Cada dificuldade superada e cada desafio superado pelo aluno é um ato de persistência. Toda vez que um estudante persiste, ele permanece: por mais um dia, por mais uma semana, por mais um mês, um semestre, etc. Não importa por quanto tempo, cada ato de persistência determina a permanência do estudante, seja por quanto tempo for. Persistir e permanecer por mais um dia caracteriza a permanência da mesma maneira que persistir e permanecer até a graduação o faz, e sempre que um aluno decide persistir, a permanência estudantil se dá. O que parece “cimentar” a relação entre a permanência estudantil e a persistência dos alunos é justamente o senso de pertencimento, que promove uma identificação do aluno com a instituição de ensino através do envolvimento social e intelectual no ambiente acadêmico.

Como é possível inferir através da análise do Gráfico 4, que traz a totalidade das ocorrências dos três termos nas publicações de Tinto, a permanência e a persistência estudantis caminham juntas e são intensificadas pelo envolvimento ativo dos estudantes na vida social e acadêmica da faculdade, criando a noção de senso de pertencimento. Esses três fatores juntos- permanência, persistência e senso de pertencimento- são fundamentais para a promoção do

êxito estudantil, que deveria ser a finalidade precípua de toda e qualquer instituição de ensino, e o maior objetivo a ser perseguido por elas.

Vincent Tinto é um estudioso da permanência estudantil, porém, a partir da análise das suas publicações, percebe-se que ele é, sobretudo, um entusiasta do êxito estudantil e da promoção de uma educação de qualidade para os estudantes de classes menos favorecidas, de maneira que a justiça social se faça através da educação de qualidade para todos, e não somente para alguns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo abordar aspectos importantes acerca da permanência estudantil a partir da análise da obra de Vincent Tinto sobre o tema ao longo de cinco décadas, levando em consideração as ocorrências e os contextos nos quais os termos **permanência**, **persistência** e **senso de pertencimento** foram utilizados nas publicações do autor.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta foi uma Pesquisa Qualitativa, uma vez que foi feita uma análise contextual de termos-chave relacionados à permanência estudantil, sem lançar mão de metodologias e técnicas estatísticas. Além disso, por tratar-se de uma análise contextual, a pesquisa demandou interpretações e atribuições de significados referentes a cada um dos contextos analisados nas publicações do autor.

Em termos de objetivos, trata-se de uma Pesquisa Exploratória, uma vez que foi baseada no levantamento bibliográfico feito a partir de dezenove publicações de Tinto ao longo de cinco décadas de pesquisas sobre a permanência estudantil.

Por ter sido realizada a partir da análise minuciosa da utilização dos termos-chave da pesquisa em cada uma das dezenove publicações científicas do autor entre os anos de 1970 e a segunda década dos anos 2000, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica.

A motivação da análise dos referidos termos como termos-chave para a caracterização dos processos de permanência foi o combate à falsa noção de espelhamento entre a evasão e a permanência estudantis. Essa falsa noção desencadeou uma inquietação a partir de um levantamento feito pelos pesquisadores do Nucleape por meio de uma revisão bibliográfica, concluída no final de 2009, de cem (100) publicações acadêmicas a respeito de evasões e retornos escolares na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para uma pesquisa de doutoramento no âmbito das escolas públicas municipais de Campos dos Goytacazes, RJ. De acordo com Carmo (2018, p. 21), na ocasião foi necessário buscar publicações sobre essa temática para tecer comentários sobre um gráfico do tempo de permanência dos alunos de EJA nos *campi* de escolas da pesquisa, porém, foram encontrados apenas quatro trabalhos que mencionavam o termo permanência (ou correlatos) no título. Dessas quatro publicações, apenas uma tratava a permanência como objeto de pesquisa. Apesar de a revisão de literatura em questão não ter sido sobre a permanência estudantil, a diferença quantitativa, três *versus* cem, causou estranheza. Pouco tempo depois, já em 2012, o Nucleape retomou o tema da permanência escolar através de nova revisão bibliográfica que manteve em aberto o questionamento acerca da escassez de estudos exclusivos sobre a permanência, que é um fato bastante inquietante, uma vez que, desde

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394 de 1996, Inciso I, a permanência estudantil está legitimada institucionalmente pelo princípio da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Dessa maneira, esses questionamentos problematizadores levaram os pesquisadores do Nucleape a pensarem sobre elas a partir de um ponto de vista oriundo de uma expressão de Bourdieu (1988 *apud* CARMO, 2018, p. 22) que destaca “o pensamento impensado” para produzir categorias que possam delimitar o pensar. Com isso, uma busca por respostas sobre o porquê de a permanência escolar ser tão pouco abordada nas publicações científicas se iniciou, juntamente com um outro questionamento sobre a grande ênfase na evasão estudantil nas publicações.

A partir desses questionamentos e, tendo conhecimento sobre um autor que vem se dedicando intensivamente a pesquisas sobre a permanência e o êxito estudantis, senti-me, enquanto membro do Nucleape desde o ano de 2018, impelida a analisar as ocorrências dos termos permanência, persistência e senso de pertencimento nas publicações de Vincent Tinto, uma vez que essas parecem ser três expressões-chave para o entendimento dos processos que levam os estudantes a vencerem as dificuldades e desafios com os quais se deparam ao longo da carreira estudantil e a sentirem-se motivados a permanecer apesar desses fatores desafiadores. A importância da análise das ocorrências desses três termos, principalmente no tocante ao contexto em que foram utilizados nas publicações, está em corroborar o conceito da permanência estudantil enquanto processo e desvinculá-la da falsa noção de relação de espelhamento com a evasão. Por serem termos-chave relacionados ao êxito estudantil, analisar o contexto de ocorrência deles na obra de Tinto é um aprofundamento nas questões que permeiam a permanência estudantil, e esse aprofundamento serve como distanciamento da evasão estudantil como objeto de estudo, pois falar da evasão ao invés de enfatizar a permanência significa buscar explicações e soluções a partir de algo que não existe.

Assim, iniciei a análise das publicações de Vincent Tinto ao longo de cinco décadas, a partir do ano de 1973 até o ano de 2017, na busca de um maior entendimento do percurso do autor ao longo do seu caminho de estudos sobre a permanência estudantil. Essa análise longitudinal foi fundamental para delinear o percurso do autor em direção à permanência estudantil, de maneira a constatar a forma como suas publicações são gradativamente desviadas da evasão estudantil e redirecionadas para a permanência. Nesse percurso, foi possível notar que o autor inicialmente se dedicou, de certa forma, às questões referentes à evasão, chegando a buscar desenvolver um modelo de abandono estudantil. No entanto, por meio da análise, emergiu a constatação de que o interesse do autor pelo abandono estudantil, no início de suas

pesquisas, se deveu à necessidade de identificar as raízes da desmobilização estudantil para justamente estudar formas de combatê-lo através de ações por parte das instituições de ensino. É preciso identificar o que desestimula ou impede o aluno de seguir adiante na carreira estudantil para que as causas da desmobilização sejam combatidas e para que as instituições de ensino possam suprir as necessidades dos seus estudantes, tanto social como academicamente.

A pesquisa foi feita a partir da contagem das ocorrências dos termos permanência, persistência e senso de pertencimento com a ajuda do buscador de palavras do Word. A partir do número de termos, foram criadas três tabelas, referentes a cada um dos termos, com os números de ocorrências por publicação, ao longo de cinco décadas. A análise contextual das ocorrências dos termos por década foi feita em cada uma das publicações, de forma discriminada, de modo que me permitiu compreender melhor o caminho percorrido por Tinto em seus estudos sobre a permanência estudantil, e também me possibilitou identificá-lo como um autor estudioso do êxito estudantil, muito mais do que um autor da permanência estudantil.

Uma vez identificadas as principais dificuldades dos estudantes em seguirem adiante na carreira estudantil, a análise mostrou o quanto as pesquisas de Tinto se desenvolveram em torno do êxito estudantil, e não em torno da permanência *per se*. Foi perceptível a ênfase do autor no bem-estar dos estudantes na instituição de ensino, caracterizando esse “bem-estar” como um profundo senso de afiliação ao ambiente acadêmico e social das *community colleges* em especial, proveniente das relações frutíferas estabelecidas dentro e fora da sala de aula, com colegas, professores e outros membros da comunidade acadêmica. Esse senso de pertencimento, que, como tal, só foi mencionado por Tinto em suas publicações mais recentes sobre a permanência estudantil, é o fio condutor da motivação do aluno a persistir e a permanecer, mesmo em meio ao enfrentamento de desafios e dificuldades. Sobre esse senso de pertencimento, é mister que se compreenda que ele está inexoravelmente atrelado à qualidade da educação ofertada pelas instituições de ensino e a uma educação sadia e significativa, que seja vivenciada de forma plena pelo aluno, a partir de um envolvimento ativo nos processos de aprendizagem, de forma que ela se dê com base na compreensão da relevância do currículo para os estudantes. Essa noção só existe a partir do momento em que as instituições levam a sério a sua missão educacional e colocam os seus estudantes como o foco de suas ações, buscando promover uma educação de qualidade e, sobretudo, inclusiva, com o intuito de fazer com que eles se sintam valorizados e pertencentes ao ambiente acadêmico e social da instituição de ensino. A permanência se dará, então, com base na educação de qualidade ao alcance de todos os estudantes, sobretudo os que enfrentam maiores dificuldades de qualquer ordem, e não apenas para alguns.

Pensar a permanência estudantil é repensar a educação ou, mais especificamente, o direito à educação. Repensar a educação é garantir que ela seja ofertada com base em aspectos que diminuam as barreiras entre o estudante e o seu aprendizado, que o aproximem dos membros da instituição de ensino e que o motivem a seguir adiante em seus objetivos educacionais. É preciso pensar e repensar a educação como um bem muito precioso, capaz de mudar a realidade de muitas pessoas, de diminuir as desigualdades sociais. Para tanto, as desigualdades precisam ser combatidas no ambiente mesmo das instituições de ensino, mais especificamente na sala de aula.

Em uma sala de aula, os alunos de uma mesma série ou período não são todos iguais, não aprendem da mesma forma, nem na mesma velocidade. Os alunos são indivíduos e, como tal, guardam dentro de si potenciais, talentos e dificuldades muito particulares. Vincent Tinto parece ter compreendido essa realidade de forma brilhante ao destacar a importância do senso de afiliação acadêmica e social do estudante para a sua motivação, para que ele persista ao longo do tempo e das dificuldades e atinja seus objetivos educacionais, sejam eles quais forem, pelo tempo que for. O que importa é que os estudantes se sintam devidamente acolhidos e apoiados em suas dificuldades e em suas vitórias também.

Apesar de Vincent Tinto ser um pesquisador que concentrou seus estudos em torno das *community colleges*, ele levantou questionamentos e chegou a conclusões importantíssimas não apenas sobre a permanência estudantil, mas, sobretudo, sobre a educação de modo geral. Tinto, em suas publicações, lança luz sobre aspectos da educação de qualidade, quais sejam a mitigação das dificuldades acadêmicas e sociais dos alunos, bem como o desenvolvimento, por parte das instituições de ensino, de estratégias que tornem os processos de aprendizagem e de integração dos estudantes dentro e fora da sala de aula mais eficazes e significativos. Esses aspectos da educação eficaz não se restringem à realidade das *community colleges*, que foram cerne para as pesquisas de Tinto, mas se aplicam a qualquer tipo de instituição de ensino, daí a importância da análise de suas publicações. Seja em uma faculdade, universidade, ou escola pública da educação básica, as necessidades dos alunos precisam ser supridas, sejam elas de ordem intelectual ou social. Na verdade, o que de mais precioso a obra de Tinto traz como contribuição não apenas para os estudos sobre a permanência, mas para que a educação seja promovida de forma inclusiva e igualitária, é a noção de que a missão das instituições de ensino é de acolher seus estudantes, ajudá-los a enfrentar suas dificuldades, sejam elas de qual ordem forem, de maneira a garantir seu êxito. Sobre o conceito de êxito estudantil, do qual Vincent é um entusiasta, cabe enfatizar que ele é diretamente proporcional à motivação para persistir ao longo do tempo e das dificuldades ao longo da carreira estudantil e ao senso de pertencimento

do aluno à instituição de ensino, bem como ao mundo da educação e das possibilidades que ela descortina. Sobre o conceito de permanência estudantil, não restam dúvidas de que ela é fruto dos processos que envolvem a motivação, o senso de pertencimento e a persistência do aluno a partir do momento em que lhe são dadas, pelas instituições de ensino, condições mínimas de desenvolvimento social e intelectual ao longo da carreira estudantil.

É importante ressaltar que, se existe alguma relação de espelhamento, ou, melhor dizendo, de antagonismo nas questões sobre a permanência, essa relação não é entre a evasão e a permanência, mas sim entre a desmobilização e a persistência do aluno. A persistência estudantil existe na razão inversa da desmobilização, pois esses dois fenômenos são, acima de tudo, processos vivenciados ao longo da jornada dos estudantes na instituição de ensino. Quanto mais motivados e amparados os alunos se sentem, quanto mais sentido eles percebem no currículo e na aprendizagem, mais impelidos eles estarão a persistir e, por consequência, a permanecer. Para que os alunos persistam, é preciso que existam condições para tal, quais sejam o **apoio** institucional, o **envolvimento** acadêmico e social dos alunos, o *feedback* constante entre alunos e instituição, **expectativas** estudantis e institucionais alinhadas e **aprendizagem** significativa. São justamente essas as cinco condições essenciais para a permanência estudantil apontadas por Vincent Tinto em suas pesquisas. Assim, é necessário, sim, conhecer e combater as causas da desmobilização estudantil, porém, com o intuito de garantir as condições que motivam a persistência e culminam na permanência. Em outras palavras, é mais importante e muito mais eficaz concentrar a atenção e os esforços na solução-permanência do que no problema-evasão.

Dessa forma, é preciso pensar e repensar a educação em todos os níveis, desde a educação básica até os bancos de uma universidade. É preciso que a educação deixe de ser um privilégio de poucos e passe a ser encarada como o que de fato ela é: um direito de todos. A educação precisa ser pensada e promovida para todos, em especial para os que tenham maiores dificuldades em acessá-la e vivenciá-la. Quando vivenciada de forma plena, a educação inevitavelmente levará à permanência e ao êxito estudantil.

Pensemos em um precioso colar de pérolas como uma metáfora para a permanência. Para que as pérolas, que seriam os atos de persistência dos alunos não se percam, mesmo que estejam atados pelos “nós” do senso de pertencimento e do envolvimento, é preciso que exista um “fecho” forte e seguro. Esse “fecho” forte e seguro deve ser produzido por um ourives habilidoso, que garanta que essas pérolas não se percam. Assim são as instituições de ensino em sua missão educacional bem-compreendida: elas devem garantir que os esforços dos seus estudantes sejam valorizados e não se percam. Essa valorização se dá por meio da oferta de

recursos que os motive e os ajude a vencer os desafios com os quais se deparem. A missão educacional das instituições de ensino é, então, a de promover a maior integração possível do estudante com o currículo e com o ambiente acadêmico, de forma que ele se sinta valorizado e pertencente a esse ambiente.

Mais do que pensar em garantir a permanência dos alunos, as instituições de ensino devem repensar suas práticas pedagógicas para a garantir o êxito estudantil, pois é a partir dele que a permanência se dá.

Pensemos que tudo aquilo que é precioso precisa ser mantido e cuidado constantemente. Assim é com a educação, que deve ser levada a sério pelas instituições de ensino para que a permanência seja possível. Ela precisa de zelo constante: zelo pelos alunos, em primeiro lugar, e zelo para com as práticas pedagógicas, que devem envolver os estudantes a tal ponto que os leve a persistir e a permanecer.

Parafraseando Vincent Tinto, a permanência estudantil nada mais é do que o fruto da educação bem-sucedida. Se as instituições de ensino direcionarem seus esforços para a promoção de uma educação de qualidade para todos os seus alunos e não apenas para alguns, garantindo que todos possam desfrutar dela, a permanência estudantil estará, inevitavelmente, garantida.

REFERÊNCIAS

- ASTIN, A. W. Student involvement: a developmental theory for higher education. **Journal of college student personnel**, v. 25, n. 4, p. 297-308, 1984. Disponível em: http://chawkinson.pbworks.com/w/file/122997693/Student_Involvement_A_Development_Theory_for_Highe.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CARMO, G. T.; CARMO, C. T. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. **Education Policy Analysis Archives**, [s.l.], p.1-42, 30 jun. 2014. Education Policy Analysis Archives. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.V22n63.2014>.
- CARMO, G. T. **Dar conta da permanência**: da invisibilidade à publicação de uma pergunta. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2019.
- CARMO, G. T. **Dos estudos da evasão para os da permanência e do êxito escolar**: um giro paradigmático. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.
- DURKHEIM, É. O Suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MANHÃES, E. K. **Comunidades de aprendizagem na educação de jovens e adultos**: táticas discentes para a permanência e êxito escolar. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2021.
- MOTTA, F. C. Prestes. Administração e participação: reflexões para a educação. **Educação e Pesquisa**, v. 29, p. 369-373, 2003. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkcbpajpccpglefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ep/a/Z5P7stVFCMSBLBRkYRrJbJm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.
- TINTO, V. **When access is not enough**. 2008. Disponível em: <http://www.carnegiefoundation.org/perspectives>. Acesso em: 07 jun. 2022.
- TINTO, V. Enhancing student success: taking the classroom success seriously: taking the classroom success seriously. **Fyhe International Journal: FYHE International journal**. Nova Iorque, p. 1-8. mar. 2012.
- TINTO, V. Through the eyes of the students. **Journal Of College Student Retention:research, Theory And Practice**: Journal of College student Retention:research, theory and practice, Nova Iorque, v. 9, n. 3, p. 1-18, dez. 2015.
- TINTO, V. Reflections on student persistence. **Student Success**, Nova Iorque, v. 8, n. 2, p. 1-8, jul. 2017.
- TINTO, V. Dropout in Higher Education: a review and theoretical synthesis of recent research. **Teachers College Columbia Univeristy**. Nova Iorque, p. 11-93. 30 jun. 1973.

TINTO, V. Limits of Theory and Practice in Student Attrition. **The Journal Of Higher Education: The Journal of Higher Education**. Nova Iorque, p. 687-700. nov. 1982.

TINTO, V. The Principles of Effective Retention. In: The Maryland College Personnel Association Fall Conference, 301267, 1987, Maryland. **Presentation**. Maryland: Eric Clearinghouse For Junior Colleges, 1988. p. 2-18.

TINTO, V. Stages of Student Departure: reflections on the longitudinal character of student leaving. **The Journal Of Higher Education**. Nova Iorque, p. 438-455. jul. 1988.

TINTO, V. Coordinated Studies Programs: their effect on student involvement at a community college. **Community College Review**, Nova Iorque, v. 22, n. 2, p. 16-25, 1994.

TINTO, V. Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence. **The Journal Of Higher Education**. Ohio, p. 599-623. nov. 1997.

TINTO, V. **Taking student retention seriously**: rethinking the first year of college. 1999. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/228747694_Taking_student_retention_seriously_Rethinking_the_first_year_of_university. Acesso em: 07 jun. 2022.

TINTO, V. **Learning better together**: the impact of learning communities on student success. 2000. Disponível em: <https://researchgate.net/publication/237333638>. Acesso em: 24 abr. 2016.

TINTO, V. **Assessment of innovative efforts**: lessons from the learning community movement. 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265182278>. Acesso em: 09 jun. 2016.

TINTO, V. Rethinking the first year of college. **Nacada Journal**. Denver, p. 5-9. out. 1999.

TINTO, V. **Enhancing student persistence**: connecting the dots. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251201461_Enhancing_Student_Persistence_Connecting_the_Dots. Acesso em: 07 jun. 2022.

TINTO, V. **Promoting student retention through classroom practice**. 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/255589128>. Acesso em: 09 jun. 2016.

TINTO, V. **Student success and the building of involving educational communities**. 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228541701>. Acesso em: 24 abr. 2016.

TINTO, V. Reflections on student persistence. **Student Success**, Nova Iorque, v. 8, n. 2, p. 1-8, jul. 2017.

TINTO, V. Through the Eyes of Students. **Journal Of College Student Retention: Research, Theory & Practice**. Nova Iorque, p. 254-269, 11 dez. 2015.

TINTO, V. **The assessment of student retention programs**. 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/251735350>. Acesso em: 24 abr. 2016.

TINTO, V. Research and practice of student retention: what next? **Journal Of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, Nova Iorque, v. 8, n. 1, p. 1-19, 1 maio 2006.